



cartografias do isolamento

*repensando os afetos, experiências,
deslocamentos e a cidade em tempos de pandemia*



Org. Gabriela Freitas
Fernanda Sá
Lorena Figueiredo

cartografias do isolamento

repensando os afetos, experiências, deslocamentos e
a cidade em tempos de pandemia

Org. Gabriela Freitas
Fernanda Sá
Lorena Figueiredo



Copyright © 2022 by FAC-UnB

Capa e diagramação: Fernanda Sá

Revisão: Gabriela Freitas, Lorena Figueiredo e Fernanda Sá

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / FAC-UNB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte, Brasília - DF, CEP:

70910-900, Telefone: (61) 3107-6627

E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETORA

Dione Oliveira Moura

VICE-DIRETOR

Armando Bulcão

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Elton Bruno Pinheiro

Carina Flexor

Fernando Oliveira Paulino

Suelen Valente

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Galdes, Rafiza Varão, Gustavo

de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina,

Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp),

Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ),

Rogério Christofoletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Covi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai),

Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul),

Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

C328

Cartografias do isolamento [recurso eletrônico] : repensando os afetos, experiências, deslocamentos e a cidade em tempos de pandemia / org. Gabriela Freitas, Fernanda Sá, Lorena Figueiredo. – Brasília : Universidade de Brasília, FAC Livros, 2022.

233 p. : il. ; 22 cm.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<https://faclivros.wordpress.com/>>.

ISBN 978-85-93078-53-8.

1. Pandemia. 2. Cartografia. 3. Cidades. 4. Isolamento social.
I. Freitas, Gabriela (org.). II. Sá, Fernanda (org.). III. Figueiredo, Lorena (org.).

CDU 364.624.4

cartografias do isolamento

2022

SUMÁRIO

Apresentação	8
Organizadoras	12
Subjetividades Pandêmicas	15
Vídeos	109
Artigos	113

Viver (n)a pandemia: reflexões sobre
atenção, percepção e experiência -
Fabíola Calazans
115

Produções de janelas: os afetos do
isolamento - Lorena Figueiredo
134

Cartografando esquadros: quando a rua
descola a retina psi - Robert do Carmo
Michele Vasconcelos
152

Análise do projeto Cidade Subaquática
no uso do corpo físico e virtual na
pandemia - Andressa C. Monteiro
172

Negociações discursivas da e na
plataforma *Grindr*: uma cartografia em
tempos de isolamento social -
Ettore Medeiros e Thiago de Melo
186

Cartografias do cuidado em campanhas
de prevenção ao coronavírus -
André Medeiros
212

An abstract graphic on a yellow background. It features several black shapes: a large semi-circle at the top left, a large irregular shape in the center, a horizontal bar below it, and a leaf-like shape at the bottom right. A network of thin, dotted lines connects various points across the page, creating a web-like structure.

APRESENTAÇÃO

O isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19, a partir de março de 2020, nos apresentou uma série de mudanças, tanto nos âmbitos macro quanto micropolíticos de nosso cotidiano. Estão implicadas transformações econômicas, sociais, históricas, culturais e subjetivas. A ocupação do espaço urbano se restringiu drasticamente e, conseqüentemente, também as possibilidades de trocas afetivas entre seus habitantes. Baseado nisso, ficamos instigadas em reflexões sobre como nossas próprias subjetividades poderiam constituir alternativas afetivas e esta imposição necessária. Como os afetos se transformaram e procuraram criar novos laços mesmo diante das restrições de deslocamento e convivência no espaço físico da cidade?

A partir da coleta de dados e informações sobre como as subjetividades foram impactadas pelo isolamento social durante a pandemia, propomos elaborar uma cartografia de como a cidade se reconfigurou nesse cenário de interdição do transitar e do caminhar, por meio da criação de peças gráficas, imagens, filmes, vídeos, instalações, poemas, entre outros. Como cada um de nós sofreu o impacto da não convivência em espaço público? Como os espaços se reconfiguraram durante o período de isolamento?

O trabalho fez parte do projeto COVID-19 UnB em Ação, como representante da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB), coordenado pelo GECAE, Grupo de Estudos sobre Espaço, Corpo, Arte e Estética, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAC/UnB e cadastrado no CNPq. Além dessa publicação, é possível conhecer mais detalhes sobre o projeto Cartografias do Isolamento: repensando os afetos e deslocamento na cidade em tempos de pandemia, no perfil do Instagram @cartografiasdoisolamento e no site www.cartografiasdoisolamento.com.br. Nestes espaços, podemos consultar todas as contribuições recebidas ao longo de seis meses de projeto. Recebemos contribuições artísticas e acadêmicas de várias cidades brasileiras - e algumas de outros países - para tecer esse rizoma de sentidos e percepções que aprendemos neste livro. A proposta visa

justamente usar a academia como lugar para dialogar também com a sociedade, de modo com que o conteúdo aqui trazido especule esse olhar de alteridade, que busca conhecer as subjetividades do outro que se tornou tão apartado do nosso convívio diário. O formato dessa contribuição, que parte da academia, privilegia não apenas o tradicional artigo analítico, mas também o ensaio, com sua potência experimental e de reflexão acerca dos acontecimentos recentes ou no calor de seu desenrolar, ainda em curso, cujo tempo cronológico e histórico ainda não nos permite o tal distanciamento necessário à investigação analítica. É necessário reconhecer as implicações estéticas e políticas deste contexto que nos são colocadas, de forma a gerar o registro e, posteriormente, a memória de um período em que todas e todos tivemos que repensar nosso papel na sociedade e na relação com os demais.

Fabíola Calazans abre a discussão do ponto de vista do embasamento teórico para compreendermos este momento e suas relações com o sistema neoliberal e as formas de perceber e experimentar no contemporâneo, bem como tais formas podem se reconfigurar diante da pandemia do COVID-19, constituindo uma forma de resistência. Já Lorena Figueiredo, também uma das organizadoras do livro, nos traz uma reflexão sobre a reconfiguração simbólica das janelas no contexto da pandemia, analisando várias das imagens recebidas ao longo do projeto *Cartografias do Isolamento*.

Robert de Carmos e Michele de Vasconcelos repercutem a problemática do isolamento no processo de psicólogos e seu encontro com a rua transformada pelo período pandêmico em rodas de conversas organizadas durante o *Fórum Pandemia na Rua*, em Sergipe. Sobre o projeto artístico *Cidade Subaquática*, Andressa Monteiro realiza um ensaio que procura entender as potências ético-políticas do afeto num momento em que nossos corpos virtuais estão mais presentes nas mídias digitais, e nossos corpos físicos, mais restritos. O isolamento social também gerou mudanças em plataformas virtuais que por sua vez impactaram também na carto-

grafia afetiva das cidades, tais como o aplicativo de relacionamento gay, *Grindr*, cujo discurso é analisado por Ettore Medeiros e Thiago de Mello. Por fim, André Medeiros observa as estratégias de comunicação em campanhas publicitárias estatais, uma brasileira e outra espanhola, de prevenção e cuidado da vida humana diante do novo coronavírus e da pandemia do COVID-19.

A cartografia, portanto, tanto dos textos quanto das imagens e dos artigos, permitiu a elaboração de um mapa, não de um território atrelado aos aspectos físicos de uma determinada região, mas, principalmente, ao desenho de relações, jogos de poder, discursos, movimentos, afetos, modos de subjetivação e resistência, entre outros.

Segundo Sueli Rolnik (2011) a cartografia acompanha as transformações pelas quais passam os desejos, alterando os afetos contemporâneos. Este foi o desenho que procuramos traçar. Entre Brasília, São Paulo, Castillo de la Mancha, Alto Paraíso, Rio de Janeiro, Palmas, Auckland e tantas outras cidades, dissecamos os dispositivos rizomáticos estruturantes das subjetividades que constituem uma micropolítica própria capaz de gerar fissuras nas macroestruturas dominantes. Encontramos heterotopias diversas em imagens, textos, ensaios e artigos que procuram estabelecer as alternativas de encontro e desenrolar do afeto e da experiência mesmo em confinamento.

Gabriela Freitas
Fernanda Sá
Lorena Figueiredo

SOBRE AS ORGANIZADORAS

GABRIELA FREITAS

Designer, fotógrafa, professora e pesquisadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Autora do livro “Estética em Fluxo. Experiência e devir entre artemídia e comunicação” publicado pela Editora Appris e de diversos artigos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais.

Doutora em Comunicação com estágio doutoral na Sorbonne em Paris (França). Pós-doutorado realizado na State University of New York. Líder do grupo de pesquisa (CNPq) GECAE (Grupo de estudos em Espaço, Corpo, Arte e Estética).



LORENA FIGUEIREDO

Cineasta e mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Comunicação pela UnB na linha de pesquisa de Imagem, Estética e Cultura Contemporânea com foco em Espaço, Arquitetura e Cinema Latino-americano Contemporâneo. Atua no mercado audiovisual há oito anos nas áreas de Assistência de Direção e Coordenação de Produção de filmes, séries e comerciais para televisão. Integra a equipe de Curadoria do Cinema Urbana - Architecture Film Festival Brasília. Pesquisadora do grupo de pesquisa GECAE.



FERNANDA SÁ

Jornalista, artista plástica e produtora de conteúdo audiovisual e estratégia para TV e internet, sócia da produtora Ara Filmes. Especialista em Semiótica. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UnB na linha de pesquisa Imagem, Estética e Cultura Contemporânea. Estuda documentários de questão social e política. Faz parte do grupo de pesquisa GECAE.





SUBJETIVIDADES PANDEMICAS

*poemas. poesias. escritos.
fotografia. colagem. arte*

CONTATO DE DENTRO PARA FORA

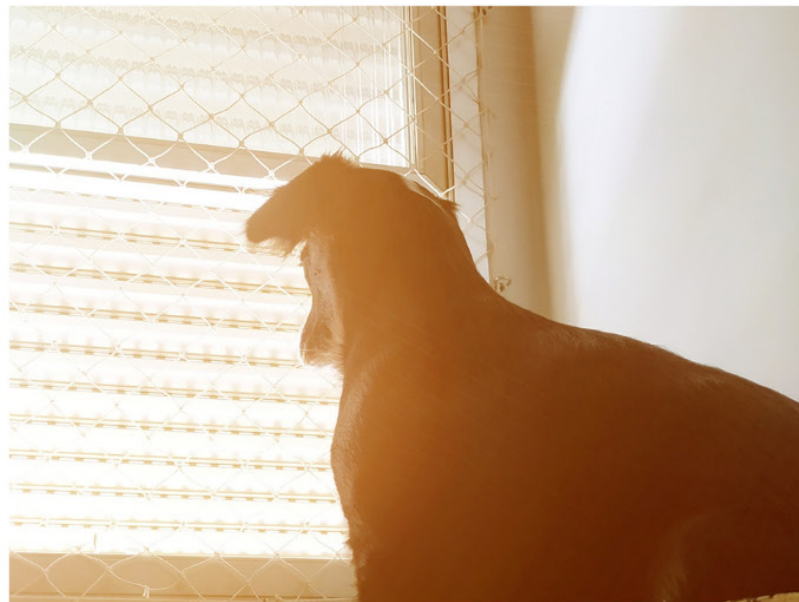
Série de Fotografias: Carol Rezende





O CONVÍVIO DIÁRIO

Fotografia: Isabela Menezes



Fotografia: Denise Soares



Fotografia: Ana Cosenza

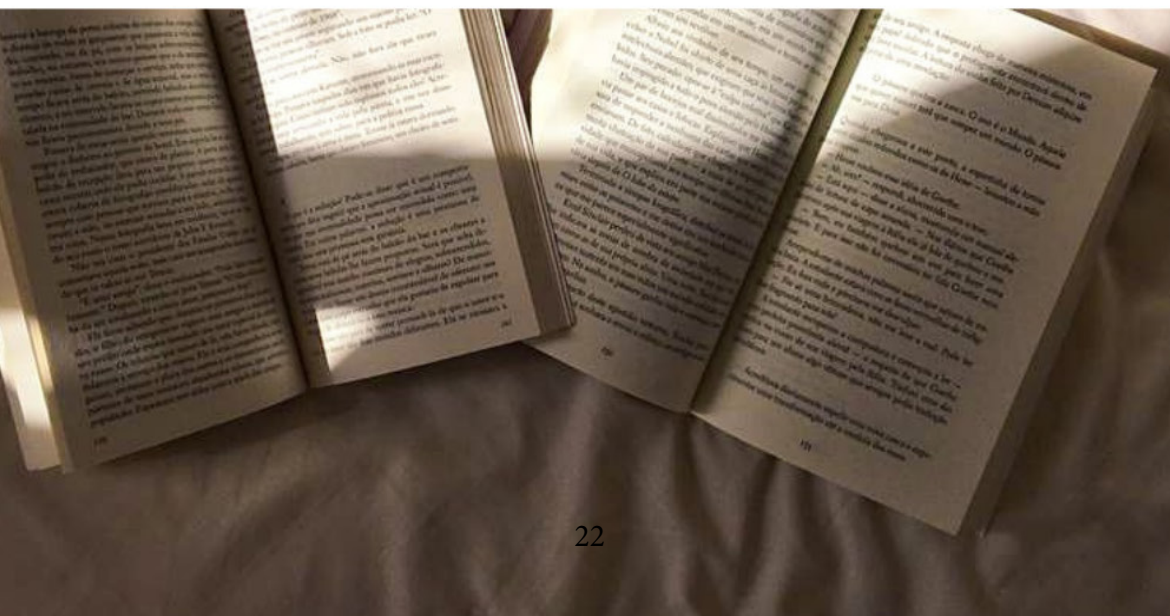
Fotografia: Isabelle Araújo



QUARENPOEMAS

No início era o verso
Vera reverberação
Do pó vieste
Ao poema voltarás
Suprema descontração
O resto é peste
E o tempo na contramão

Autor: Gilson Liberato





Fotografia: Ana Cozenza



Fotografia: Priscila Carneiro



Fotografia: Isabelle Araújo



POÉTICAS DO ISOLAMENTO

Lixo limpo
Mar de plástico
Saudade de aglomerar
Emoções que vazam pela tela
Virtual enquadrado
Plástico pacífico
Sem filtro
Domingo

*Fotografia e texto:
Luciana Matias*



Fotografia: Luciana Matias

CARTOGRAFIAS EM/DE MIM...

Quando me mudei para Xinguara (há 10 meses) tinha um medo terrível de morar sozinha...medo de uma sala "vazia"...de ter apenas a minha sombra na parede...medo da imensidão do meu "silêncio" que talvez me obrigasse a observar, a refletir sobre mim e minhas experiências passadas .

Hoje percebo que é na solidude que comecei a conhecer meus espaços interiores... aprendi a transitar pelas minhas dores...entendi as direções das minhas sombras...percorri meus abismos...mapeei meus limites e preenchi de mim mesma os meus espaços "vazios".

Precisei estar só para conhecer o prazer de entreter a mim mesma e perceber que quis tanto contemplar e mapear o 'mundo todo'...que esqueci de conhecer o 'meu mundo' e de me mapear.

Precisei estar só para buscar em minha interioridade as minhas topografias particulares...meus pontos altos e baixos...conhecer meus lugares mais remotos, meus esconderijos mais íntimos... fazer escavações geológicas profundas.





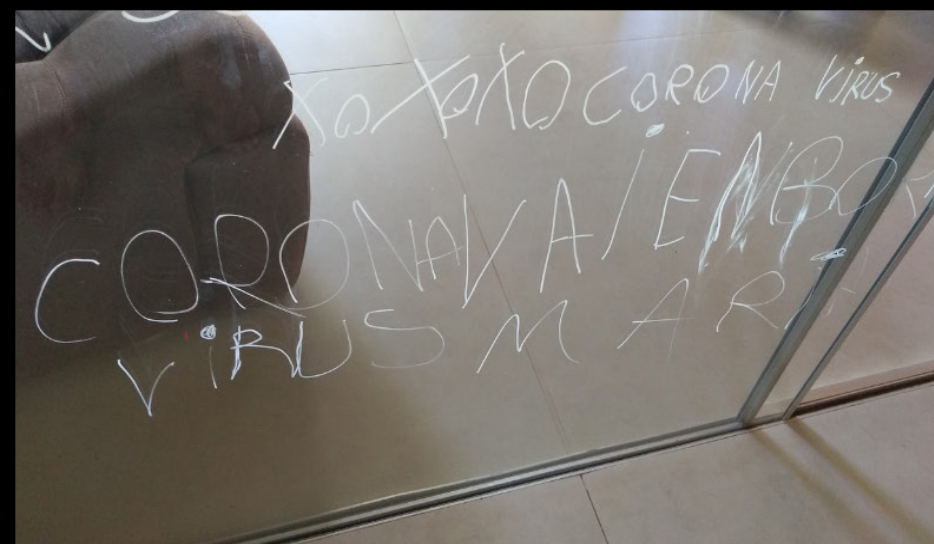
Fotografia: Bárbara Lino



Fotografia: Francinne Amarantes



Fotografia: Messias Filho



Fotografias: Fabíola Calazans



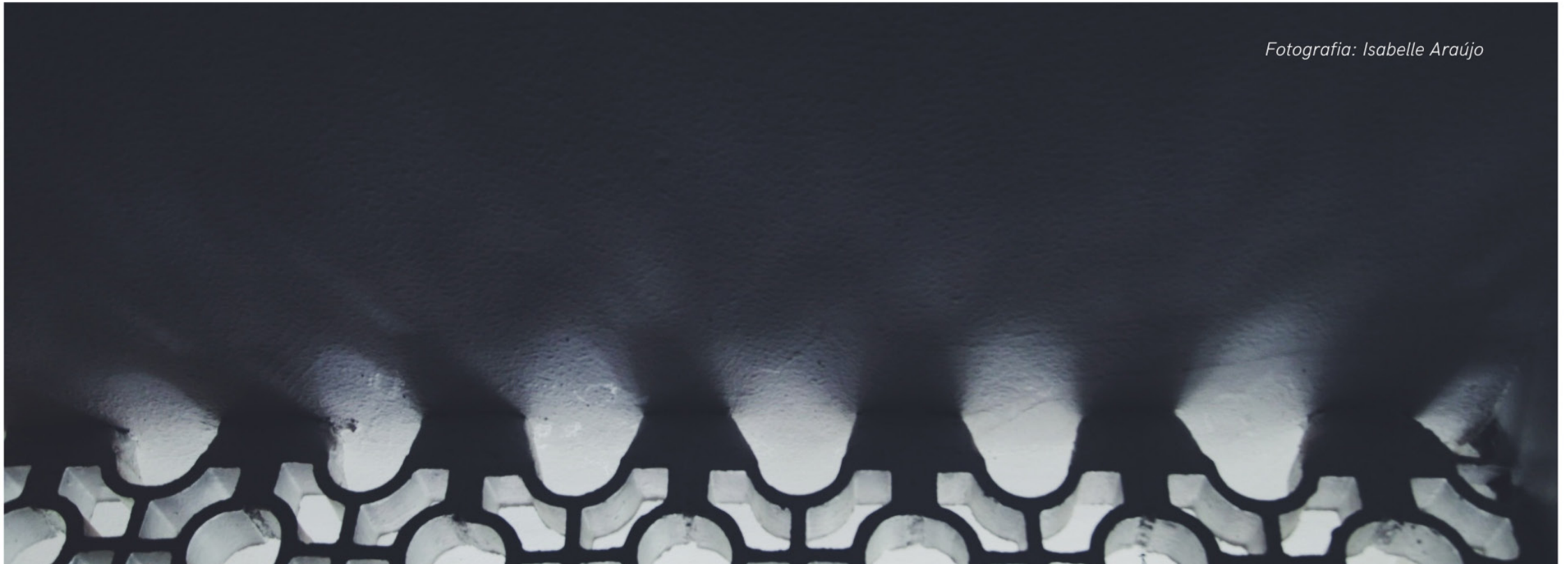
GARGANTA FECHADA

.
toco
porque vejo
porque sinto
porque tenho unhas
para ferir os limites

.
mas
será que sou o corpo
que domina a ação
ou apenas a consciência
que habita no breu

Autora e fotografia: Niq Braga





Fotografia: Isabelle Araújo



MUNDIFICADO

O MUNDO MUDOU
MUDOU O MUNDO
O TEMPO PAROU
PAROU O MUNDO E O TEMPO QUE MUDOU
O MUNDO.
TEMPO MUDO
MUDO E NU

Liga e desliga
CONFINAMENTO
CONFINAMENTO
CONFINAMENTO
CONFINAMENTO

Simples
ISOLAMENTO
SÓ
ALI
AME

CU-RA
CORONAVIRUS
VIA
ANUS
RI
CURA

Autora e fotografia: Fabíola Calazans





CIDADE CORPO-ISOLADO

E na cidade já não se ouvia quase nada. Vozes caladas, buzinas mudas, crianças entocadas; o vazio preenchia o ar interrompido apenas pelo constante sussurrar das gotas de chuva...

Autora: Gabriela de Freitas

Série de Fotografias: Gabriela de Freitas

USOU A RUA, USE MÁSCARA

Confiro pela enésima vez
O equipamento está pronto
Máscara, luvas, manga comprida
Sapato fechado, óculos, calça, chapéu
Ufa! Posso seguir!
O álcool! Retorno. Agora sim
Saio e verifico o movimento
Ruas vazias, quase desertas
Começo minha caminhada
Me sinto segura até ...
Alguém vindo? A quantos metros?
Fico na calçada? Vou para a pista?
Que distância manter?
Cumprimento com um aceno de cabeça
Sem mexer muito o corpo
A parada vazia parou meus passos
Havia um cartaz em que se lia:
" Usou as ruas, use máscara "

Usar as ruas... não...elas estavam frias
Quando as uso, sinto seu calor
Quero, sim, usar de novo as ruas,
Quero usar você nas ruas
Me embriagar de asfalto
E sujar nossos pés na sarjeta
Tomar o lugar dos carros no SCS
Rodopiar o corpo ao som do samba
Debaixo das estrelas - bênçãos da seca
Sou calanga, caliandra resistente
Esperando pra desabrochar novamente
Deixar minha pele fundir com a da cidade
Numa simbiose utilitária vital
Retomo os passos
Espero passar o próximo transeunte
Confiro pela enésima vez o equipamento
Não quero mais estar pronta

*Autora: Gabriela de Freitas
Série de Fotografias: Gabriela de Freitas*



CONFIM

qual confim repleto de muito começo e pouco fim, o espaço confinado se esparrama em cada metro quadrado pouco articulado. um corpo médio refinado toma um copo degelado e se torna refém duma mediatriz cujo ângulo quinado é lembrado naquela dor da canela, que te projeta no chão. deitado no encardido porcelanato, até que aquele barato encanamento parece refúgio e alento, dali donde se vê um ponto de fuga fajuto, onde rolou aquele pique-esconde de charuto para matar o tempo de quem pode matá-lo. o confinamento não pode ser uma morte, mas a sorte dos que ainda podem ter um fim.

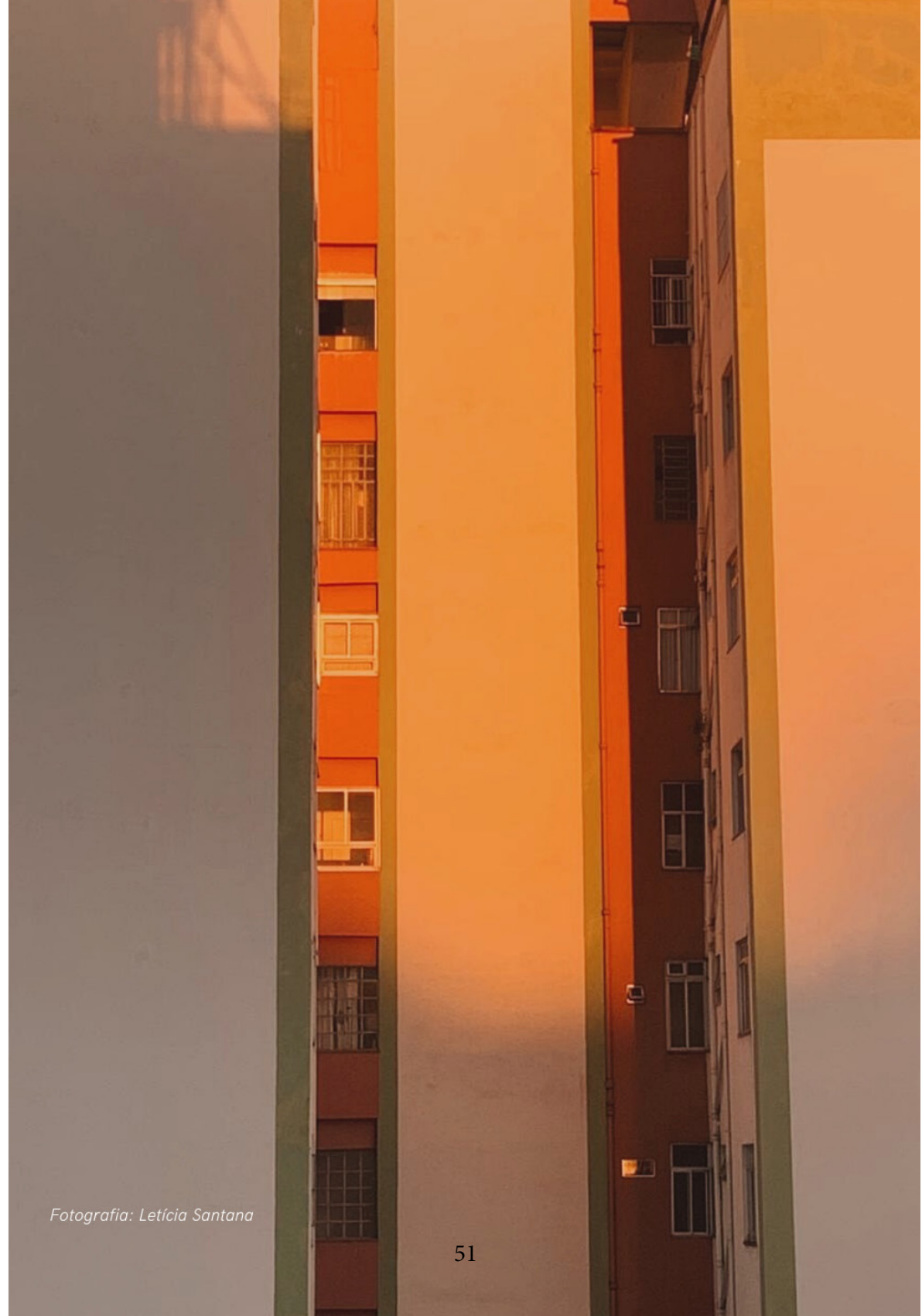
Autor: Gabriel Ramos



Fotografia: Letícia Santana

Abrir a janela
subir o mais alto da copa
fundir-se no fluxo
Cair nas origens
cidade singular
tortuosa
contorcida em seu xilema e floema
nutrida da energia mais bruta e simples
até a mais complexa e elaborada
corre por ruas, vasos, veias...
expandindo para todas as partes
Rasgando
Se der-compor
Se ↓ não
Flores-cer
[In]finitamente

Autora: Priscila Carneiro



Fotografia: Letícia Santana





O FIM DO MUNDO

Aquela angústia do absurdo que a gente não sabe se tem a ver com o nosso próprio apocalipse interno ou com o fim do mundo, acontecendo nas ruas.

Quantas vezes o mundo já acabou?

Só que agora ele vai acabando de pouquinho, minando devagarinho cada esperança.

Calma. Eu não vou morrer. Quer dizer, pelo menos, não agora. Eu não vou morrer de tédio, nem de angústia, nem de vazio, nem de tristeza, nem de ansiedade, nem de insônia, nem de vias respiratórias, menos ainda de Coronavírus. Em absoluto.

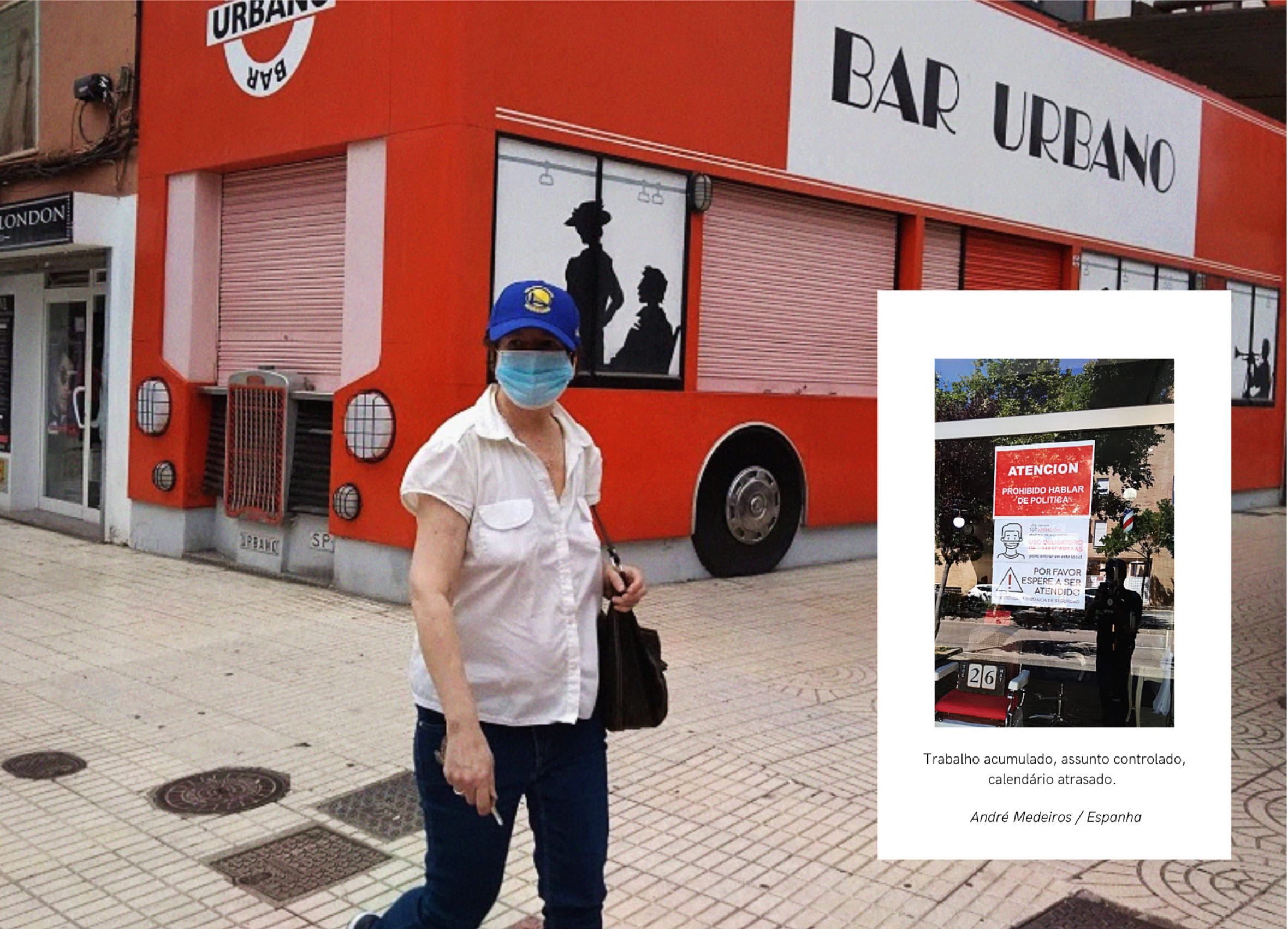
Eu vou morrer um pouquinho, mas já estou acostumada (eu acho?)

Talvez tenha sido culpa da bolha, que acredita em pequenas verdades ideais, eu vou voltar para bolha e ficar lá. Mesmo estourada, o sabão no asfalto ainda brilha.

Lustroso.

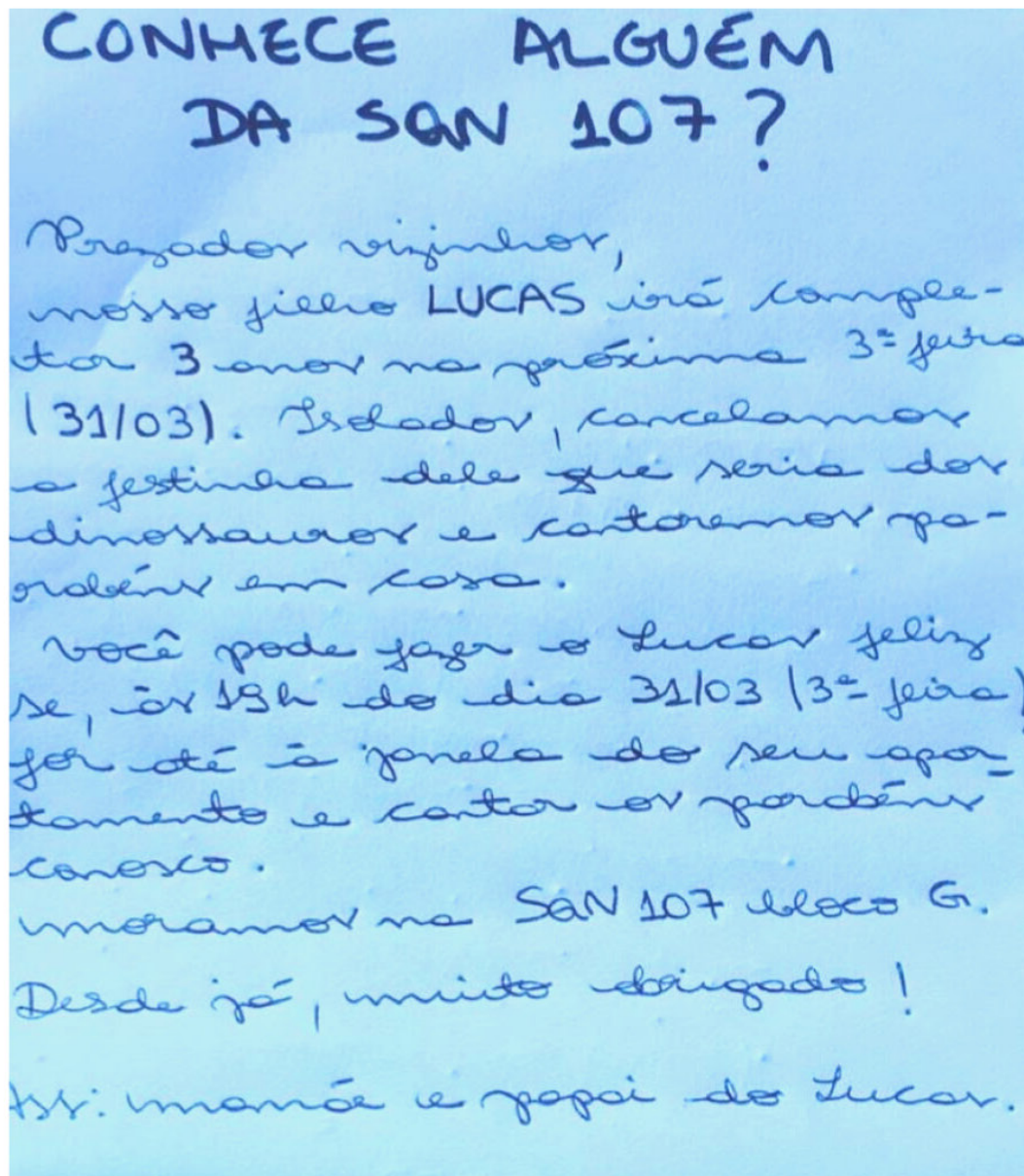
*Autoria: Bárbara Cabral
Fotografia: André Medeiros*





Trabalho acumulado, assunto controlado,
calendário atrasado.

André Medeiros / Espanha



CONHECE ALGUÉM DA SQN 107?

Minha irmã caçula Andrea escreveu essa mensagem em um papel, tirou uma foto e enviou a imagem nos grupos WhatsApp da família, acompanhada de um pedido: "Festinha do Lucas amanhã na janela. Espalhem!"

Texto: Daniel Cariello

(autor dos livros de crônicas Chéri à Paris e Cidade dos Sonhos)

Planejada ao longo de meses, a festa de dinossauro do Lucas reuniria diplodocos das famílias materna brasileira e paterna chilena, uma parte dos convidados viria diretamente de Santiago. Mas o encontro de gigantes precisou ser cancelado por causa desses seres pequeninos e perigosos que invadiram as ruas do mundo inteiro. Restou aos pais improvisar.

A solicitação da Andrea e do Alex nos tocou profundamente. Algumas questões de saúde na família nos últimos tempos colocaram a comemoração em risco. Agora que tudo está bem melhor, não podíamos deixar passar a ocasião de festejar. Queríamos estar perto uns dos outros, mesmo que fisicamente não fosse possível. E queríamos que o Lucas tivesse sua festa, tão longamente programada. Então partimos para a divulgação.

Logo descobrimos que o pedido da minha irmã contagiou muito mais gente. A mensagem rapidamente viralizou nas redes sociais. Jornais e sites brasileiros e chilenos cobriram o antes, o durante e o depois da festa. Pessoas anônimas e comércios diversos mandaram presentes.

Um desconhecido se ofereceu para passar embaixo do prédio com um grande boneco de dinossauro. Vizinhos apareceram em suas janelas e familiares acompanharam pela internet. O corpo de bombeiros enviou um caminhão para tocar sirene, piscar as luzes e fazer a alegria do menino, que os adora. E uma enorme rede de solidariedade e de empatia formou-se em torno da celebração. Às 19 horas, todos cantaram parabéns para o pequeno T-Rex, que acompanhava tudo fantasiado e com olhinhos curiosos.

Em tempos de confinamento, todo mundo tem um Luquinhas de quem sente falta. Seja de 3, de 30, de 60 ou de 90 anos. Cantar parabéns para ele era uma forma de mandar amor para uma janela do bloco G da SQN 107, em Brasília. Mas também para outras janelas espalhadas pela cidade, pelo país, pelo mundo. Para parentes apartados. Para amores afastados. Para desconhecidos distantes. O pequeno Lucas ainda não faz ideia, mas um dia irá saber que seu aniversário de dinossauro foi grandioso como aqueles enormes répteis. Naquele 31 de março de 2020, juntando dois países e milhares de pessoas, foi certamente a maior festa do mundo.



EO QUE EU FAÇO AQUI?

Presença de um coração que sente saudade do que ainda tem, mas que a angústia do futuro impede de vivê-las. O que fiz ficou pra trás. E o que faço aqui?

*Autor: Gu da Cei
Brasília - DF*



Fotografia: Joana Limongi





AUTO RETRATO DO CONFINAMENTO

*Autora: Kátia Lombardi
Fotografia: Kátia Lombardi*

Estou há dois meses confinada em casa, em São João del-Rei. Procuro seguir a rotina: faxina, higienização das compras, cozinha, trabalho acadêmico e descanso. As sensações transmutam intensamente ao longo do dia.

O corpo permanece em liberdade na mônada onde habito. Não há contas a prestar com o mundo lá fora. A mente transita entre o medo, a angústia e a solidão. Ora me falta o ar, ora transbordo energia.

A COISA ME ESCAPA

Tenho pretensões artísticas, inda que uma profunda insegurança
de uma adesão irreflexa a essa atividade. Penso que
nisso mais que razões psicológicas. Me concentro, procuro
encontrar instrumentos que me clareiem a mente. Em vão.

RODRIGO NUNES ANA

PALHAÇA

E quando aperto as axilas o pau se me desenrola como uma língua-de-sogra. Na sua ponta o nariz vermelho, preso aos quadris com elástico. Sou engraçado. Faço da mecânica dos fluidos o escorregador de minh'alma. Aperto aqui, estica acolá. E se me entopem os dutos, não penso que enfarto. Incho a bochecha. Uma só. E todos morrem de rir. Eu contendo o riso, pois que se não me escapa o sopro que me anima. Para compensar, faço verter água a flor que trago na botocira. Não são lágrimas metafóricas que rolo! Renovo apenas o líquido em que me apóio. As vezes me pegam murcha. E morrem de pena de mim.

NUCA

Só a pego por trás não é porque me atraia a bunda. Sou um homem cansado de volumes. Quero-lhes a nuca. Ali reside seu equilíbrio. Entre corpo e mente, dúvida, longa de preferência, pois que maior a zona híbrida. Não me refiro a pescoço ou garganta. São coisas frontais e internas. De frente, por dentro, tudo se rearmeniza. Falo de nuca. Falo do que existe apenas no seu esquecimento, daquilo que elas não vêem, ainda que as ponha de pé. Vem dela o admirável orgulho das mulheres — tudo depositar numa parte do corpo que jamais verão. Aos espíritos lógicos, restaria explicar por que ponho de lado os homens. Homens são seres interiores. Inútil desce-los. Aquelas que trazem os cabelos curtos, batidos, não se faz necessário sequer tocá-las. Basta aprender a reequilibrá-las de longe. Só do olhar. Já as que os trazem longos e soltos, convém aplicar um pouco de violência. Até que aprendam corretamente o sentido da expressão "rabo-de-cavalo".

DANÇA

Se eu quisesse dançar, se me deixasse levar por um ritmo ou movimento, seria certamente mais feliz. Porque ao menos por um breve tempo me associaria a um fluxo superior a mim, uma linha externa que me tornasse parte do seu curso e me fizesse experimentar uma continuidade que quase desconheço. Em geral fico sentado à mesa, à volta

da pista, e observo os casais dançarem. Nos bailes de Carnaval, criança, sentava no palco da orquestra, vendo os músicos animar o salão. Um dia, talvez por pena, me convidaram a tocar um surdo. Foi uma alegria indescritível. Por algumas horas fui também a origem daquelas pulsações que tanto me encantam. E não errei uma só vez. Marcar o tempo forte é coisa que sei: PUM, pum, PUM, pum, PUM, pum.

Há quem dance sozinho, como se a música o atravessasse como uma corrente elétrica. Há quem forme sua própria unidade tão poderosa que parece não ficar nada de fora e por isso fecham os olhos, para que pouco reste do mundo. Eu que não sei dançar mantendo os olhos bem abertos. Sou tímido e tenho pouco controle do corpo. Considero ridícula a falta de naturalidade nos movimentos e tremo só de imaginar os gestos angulosos e desajeitados que faria.

Existe no entanto algum encanto em ficar de fora. E não acredito haver nisso algo condenável, apenas. Me refiro a uma alegria relacionada ao fato de não fazermos parte de um todo, ainda que ele nos fascine. Sinto-me assim diante do mar, de elevações que deixam ver o horizonte e, por vezes, sob o céu azul. Nessas situações dá-se o contrário do que se experimenta na dança: uma espécie de isolamento misto, a consciência precisa de nossos limites mais o contato com o que está além de nós.

Talvez seja isso a dança para as pessoas pouco tímidas: estar junto e distante ao mesmo tempo. Nunca saberei ao certo. Sou tímido. Mas talvez haja na dança mais que a fusão que faria a alegria de um sujeito encabulado como eu. O corpo com que o nosso se confunde é também o lugar em que a música nos separa. Há na paixão dos que dançam alguma coisa da solidão de um homem num deserto.

Na verdade, torço para que isso seja verdade: que experimentando a vastidão seja uma forma de estar acompanhado.

AQUÁRIO

Não fossem as guelras e o movimento ansioso da boca, seria difícil imaginar harmonia superior. Conquistar leveza e

mobilidade em um meio que lhes opõe resistência e deslocar-se como as figuras de um móvel: os peixes pequenos agrupados em pequenos cardumes, os grandes flutuando solitários. E então obter da água cristalina o que desesperados e suicidas pedem ao escuro da noite: um espaço que os dissolve, uma atmosfera que lhes alivie o peso e a identidade.

Por isso aquários devem ter bolhas, estejam elas na própria forma do vidro que os desenha, venham do oxigênio que se injeta na água ou das preguiçosas massas de ar que se desprendem do fundo e estouram na superfície. São elas, as bolhas, que dão dos peixes uma imagem mais verdadeira — um espaço que se forma em meio à água, transparente como ela e no entanto outra coisa. Sentir ao mesmo tempo a pressão e o contato daquilo que nos circunda e torná-lo condição de mobilidade. Porque não se indiferencia água e peixes, o que toda gente sabe. Trocam entre si propriedades, o que a rigidez do peixe fora d'água confirma e o vitreo das águas paradas reforça.

Basta pensar na vida nas metrópoles para se ter uma idéia da superioridade dos aquários. Em meio à multidão podemos ver aumentar nossas energias e experimentar o sentimento de que a vida fervilha em todos cantos, autorizando grandes expectativas. São porém tão rudes os contatos, tão egoístas os interesses, que custa a crer que desse ambiente árido possa surgir uma forma superior de convivência.

Tant dizia — combatendo a ilusão de se conhecerem as coisas em si, sua pra-sensíveis — que a pomba que rompe com as asas a resistência do ar poderia imaginar ser mais livre no vácuo. Essa ilusão não deve ocorrer aos peixes. Eles de fato parecem fornecer um exemplo formidável do que poderíamos vir a ser, uma forma de coexistência em que nossas relações nos afirmassem, em lugar de tolher.

No entanto, resta um problema. Espinhoso. Somos nós, de fora, que admiramos essa harmonia ou são os próprios peixes que se deliciam com seu meio? Vistos de fora, eles parecem dentro. Vistos de dentro, jamais sabere-

mos. Onde talvez a conveniência de nos entregarmos às multidões e, como os peixes do aquário, procurarmos tirar força daquilo que nos tolhe, sem o movimento ansioso da boca, já que de guelras não necessitamos.

A CALMA DOS DIAS

A imagem é conduzida por mimícos iniciantes raramente escaparam dela: com as mãos espalmadas o ator produz diante de nossos olhos a ilusão de uma parede de vidro, na qual procura encontrar uma saída.

Gostaria de poder utilizar procedimentos semelhantes. Tenho uma dificuldade crescente de sentir o mundo, e a experiência daqueles limites sem dúvida seria um começo promissor. Vejo o contorno das pessoas, percebo as cores e a densidade das coisas e meu sentido de espaço permanece acurado. Não é disso que padeço. Falta o vidro dos mimícos. Quero dizer que me falta sentir a pressão das coisas e dos corpos, a dinâmica que os perpassa e os torna forma e significado. Noto que não me expresso a contento, o que talvez também decorra desse mal sentir.

Houve um tempo em que a sucessão dos dias guardava em suas dobras acontecimentos que não podíamos prever e que aguardávamos com ansiedade. O mundo era mais do que podíamos imaginar e por isso superior a nós. Sabíamos que nele se processava uma tormenta rumorosa e estávamos certos de que seríamos surpreendidos a qualquer instante. E nos preparávamos para isso, sem pesar as consequências.

Forças poderosas opunham-se sem cessar e subitamente um desequilíbrio momentâneo faria surgir os sinais de uma realidade nova e promissora. E por isso falo em pressão, porque muitos de nós só sentimos o mundo porque não podíamos antever seu curso, e o peso de sua opacidade agia como uma força que nos premia e nos impulsionava. Algum acontecimento grandioso, épico, se anunciava.

Há algum tempo porém noto que aquele rumor foi se tornando indelével e a sucessão dos dias tornou-se apenas a calma dos dias. Talvez hoje já me fal-



Colagem: Ana Seggese / Brasília DF
Texto: Maria Helena Leal Lucas.



BRASÍLIA EM TEMPO REAL

La virtud de 1 hombre es oro molido en 1 sociedad descompuesta

Martirizada por tempos

Cicatrizes / Feridas

Completa Brasília 60 anos*

Coroadada por rumores

Aleteia Covid -19

¡Achís - achís - Achís!

Invadida por relâmpagos

Atropelos / Mutações

Perde a bússola

Destapa delírios

Vestígios morais / Astuto / Piedoso

Na Quarentena

Viralizam vozes 180 países

Bode

expiatório

Segue crescendo entre a distância encerro

Incerteza

Peste infinita desespera

Pensar o SER entre Céu



Terra e nossos sonhos
Ondula dor verde-amarela
Desordem entre
Poderes
Vulcão vazio
Jogo de estórias conflitivas sobrevive tragédia
Varal escandaloso
Elite de rapinha pestaneja entre ominosos
apagando eco
Carregam Amuletos / Orações / Consignas
Fogos selvagens fobias
Na trincheira interesses
Oportunistas
Buffon incompetente
Buen vivant agita rios
Enreda o
povo
Confunde a razão
Blindagem acende luz-vermelha ziguezagueia
Traíras descaradas sacodem o Planalto Central
Acelera Apocalipses
Chove por todos os lados
Com o zumbido do coronaVirus

¡Cof - cof / Cof - cof!
Malabares
Salta sem rumo no líquido
Constante ansiedade
¡¡¡ Respira Fogo Brasília !!!
Soprar 60 velinhas 1 desafio
Dignidade
Muita água vai rolar
¡Rá - Tim - bum!
Progresso obscuridade
Frente a Morte
¡Fica em Casa!
¡Lava as Mãos!
Confiança & Segurança rompe a borbulha
Canta a seriema
Filia temporis veritas
A verdade é filha do Tempo
Carnaval de
Esperança...
BRASILIA Em Tempo Real... La virtud de 1 hombre es oro
molido en 1 sociedad descompuesta.
Martirizada por tempos _José Angel
Leyva.
Cicatrices / Feridas

Completa Brasília 60 anos*
Coroadada por rumores
Aleteia Covid -19
¡Achís - achís - Achís!
Invadida por relâmpagos
Atropelos / Mutações
Perde
a bússola
Destapa delírios
Vestígios morais / Astuto / Piedoso
Na Quarentena
Viralizam vozes 180 países
Bode
expiatório
Segue crescendo entre a distância encerro
Incerteza
Peste infinita desespera
Pensar o SER entre Céu
Terra e nossos sonhos
Ondula dor verde-amarela
Desordem entre Poderes
Vulcão vazio
Jogo de estórias conflitivas sobrevive tragédia
Varal escandaloso
Elite de rapinha pestaneja entre ominosos apagando
eco
Carregam Amuletos / Orações / Consignas
Fogos selvagens fobias

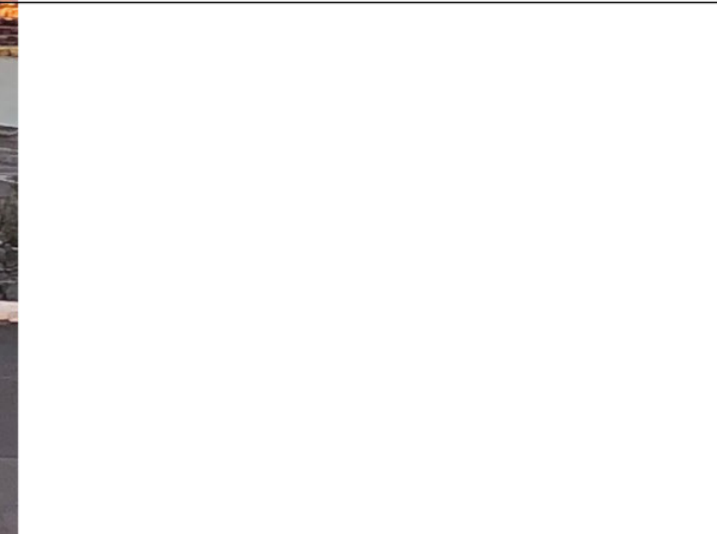
Na trincheira interesses
Oportunistas
Buffon incompetente
Buen vivant agita rios
Enreda o povo
Confunde a razão
Blindagem acende luz-vermelha ziguezagueia
Traíras descaradas sacodem o Planalto Central
Acelera
Apocalipses
Chove por
todos os lados
Com o zumbido do coronaVirus
¡Cof - cof / Cof - cof!
Malabares
Salta sem rumo no líquido
Constante ansiedade
¡¡¡ Respira Fogo Brasília !!!
Soprar 60 velinhas 1 desafio
Dignidade
Muita agua vai rolar
¡Rá - Tim - bum!
Progresso obscuridade
Frente a Morte
¡Fica em Casa!
¡Lava as Mãos!
Confiança & Segurança rompe a borbulha
Canta a seriema
Filia temporis veritas
A verdade é filha do Tempo
Carnaval de
Esperança...



FAVOR
NÃO ENTRAR
SEM MÁSCARA

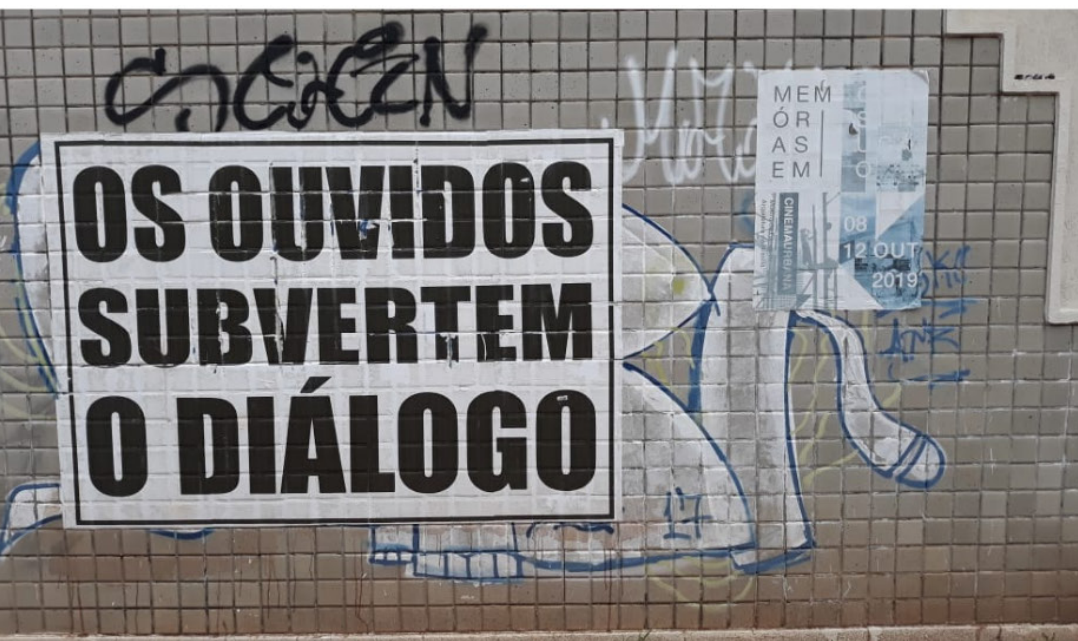


Fotografia: Yannara Negre



Fotografia: Gabriela de Freitas





Muitas vezes estamos acostumados a visão do conhecimento como uma árvore e cheio de raízes. Algo fixo e não-mutável. A partir da subjetividade presente em cada indivíduo que o conceito de rizoma se apresenta na composição da cartografia. A estrutura imaginária composta pelos afetos e pelo desejos se movem por regiões de passagem ao fazerem alianças na compreensão do saber humano fazendo alianças.

Fotografia e texto: Lorena Figueiredo

PEDIDOS DE PASSAGEM

Linhas de fuga, linhas de forças, emaranhados de ruas solitárias
 A cidade planejada pelos moldes Modernistas
 Isolava sentimentos reais no fluxo diário
 Entre os longos deslocamentos
 A utopia se mesclava com a necessidade de trabalho
 Paradoxos da vida
 Hoje, a existência é suprida pela necessário em busca do equilíbrio
 Do confinamento surge a insegurança das incertezas
 Mas certezas do sol nascer e se por todos os dias
 Do horizonte que está logo ali
 Espero que o silêncio dos carros continue dando passagem à natureza
 Permita que o caminhar pelas ruas seja um lugar de encontro entre os afetos.

Texto: Lorena Figueiredo

No início era o verso
 Vera reverberação
 Do pó vieste
 Ao poema voltarás
 Suprema descontração
 O resto é peste
 E o tempo na contramão

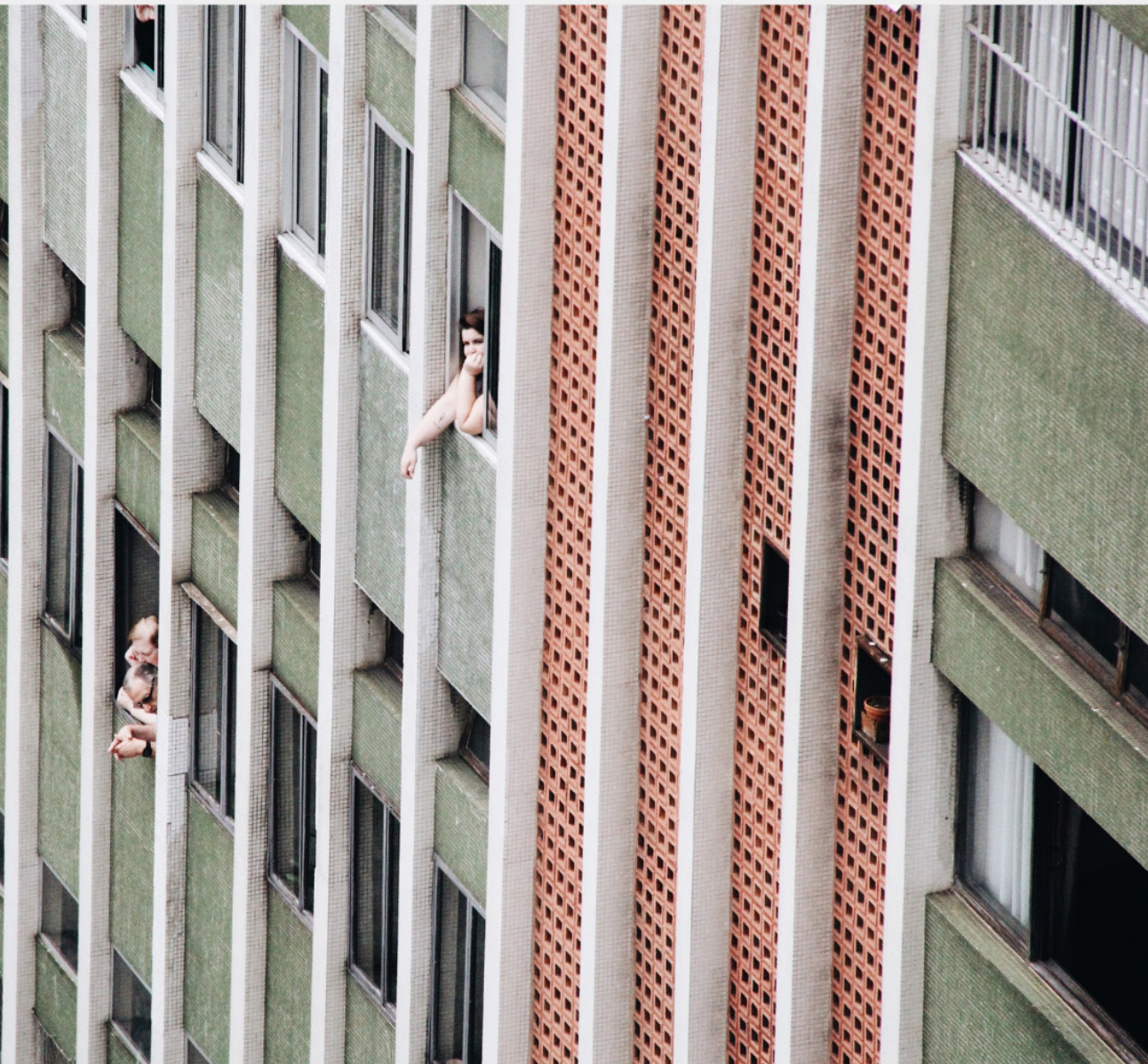
A Deus em tudo
 À toda oro
 Assino etéreo como no céu
 Amai-vos no zoom das ostras
 Como a mim mesmo
 Além

Texto: Gilson Liberato



Fotografias: Leticia Santana Gomes





Fotografias: Letícia Santana Gomes



Fotografias: Rhayssa Novakoski





colagem fotográfica e texto:
Vicente de Paula

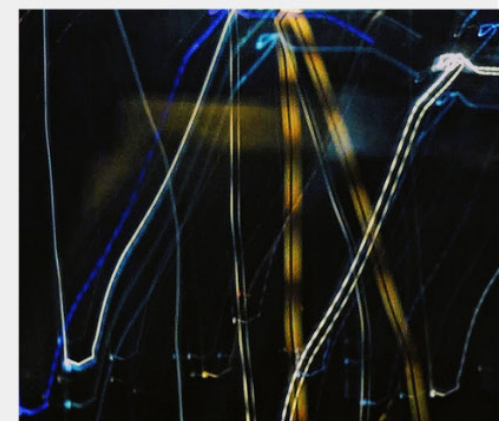
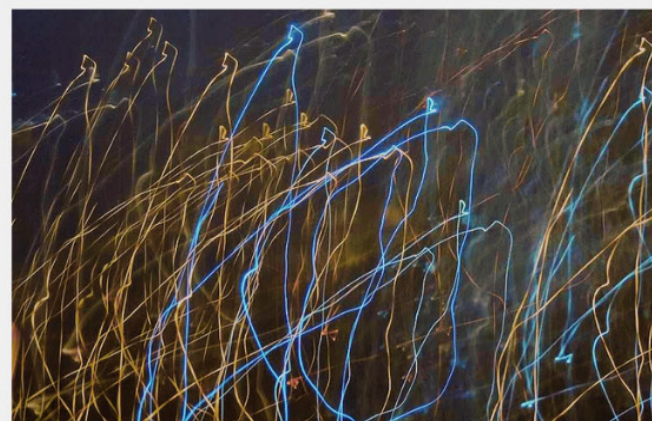
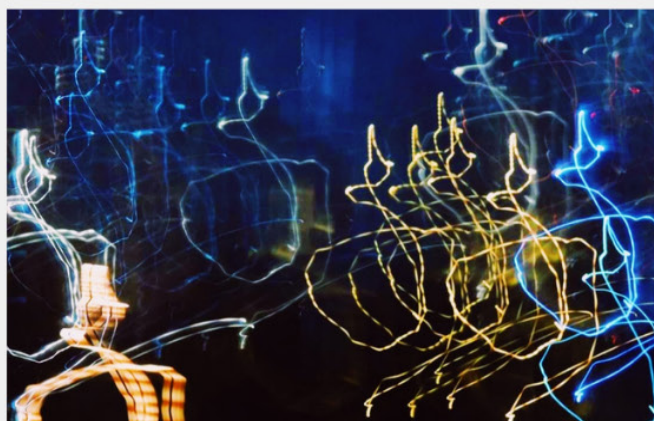
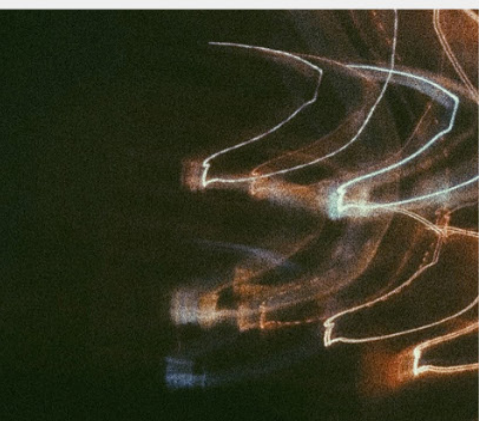
Eram tempos de isolamento social.
Ela estava na cozinha, arrumando a louça depois do almoço.
Colocou uma música para diminuir a vontade de dar uma volta.
Ouve a voz do gringo que mora no prédio ao lado e que gosta de falar no telefone e fumar cigarro com a cabeça para fora da janela.
São dez passos entre os prédios. Ela mora no primeiro andar, ele no segundo. Ela dá uma espiada e nota que ele também. Foge.
Espia de novo, como que disfarçando. Será que ele consegue me ver aqui dentro? Que viagem.
O corpo dele está todo para fora da janela. Parece que quer ver.
Ela fica girando por ali. Guarda uma panela aqui, outra ali. Limpa, lava. Olha. Não é possível que esteja me olhando. Estou de chinelo e meia. Corre tirar a meia. Esquentou.
No dia seguinte, a mesma coisa. Ela está de sandália e com a roupa combinando. Coloca a caixinha de som na beirada da janela. Gotta Get Up. Gostava daquela música depois do almoço.
Para em um lugar da cozinha que ele consegue ver. Ficam se olhando e sorriem juntos. Ele me vê! Não acredito, que vergonha. Vou pedir um cigarro. Vergonha. Não estamos numa festa. Estamos isolados. Não podemos. E agora?
Ele é bonitinho. Deve estar cansado de ficar sozinho. Veio de fora. Nem amigos deve ter. E agora? Será que fala português? Levanto um cartaz? Grito? Olho de novo? Que loucura.
Vem outra música. Agora é a vez dele. Dance me to the end of love, Leonard Cohen. Nossa, ele está a fim. Não acredito.
Trocamos músicas a semana inteira.
Até que ela liga gravador no áudio do Bluetooth. Diz só uma frase: queria um cigarro.
Ele faz a mesma coisa. Qual apartamento? Ela responde.
E se algum vizinho ouviu? Não importa. Que mal faz?
Ela abre a porta. Ele está de máscara. Ela também. Vai saber. Quer entrar? Quero. A gente conversa de longe. Isso.
Passaram o isolamento todo juntos, ele só saiu para pegar umas peças de roupa e umas comidas que estavam na geladeira. Não é bom perder uma compra de mercado, já estava tudo lavado.

* Essa é uma obra de ficção, não é para encontrar o vizinho durante o isolamento, ok?



Fotografias: Emanuella Camargo

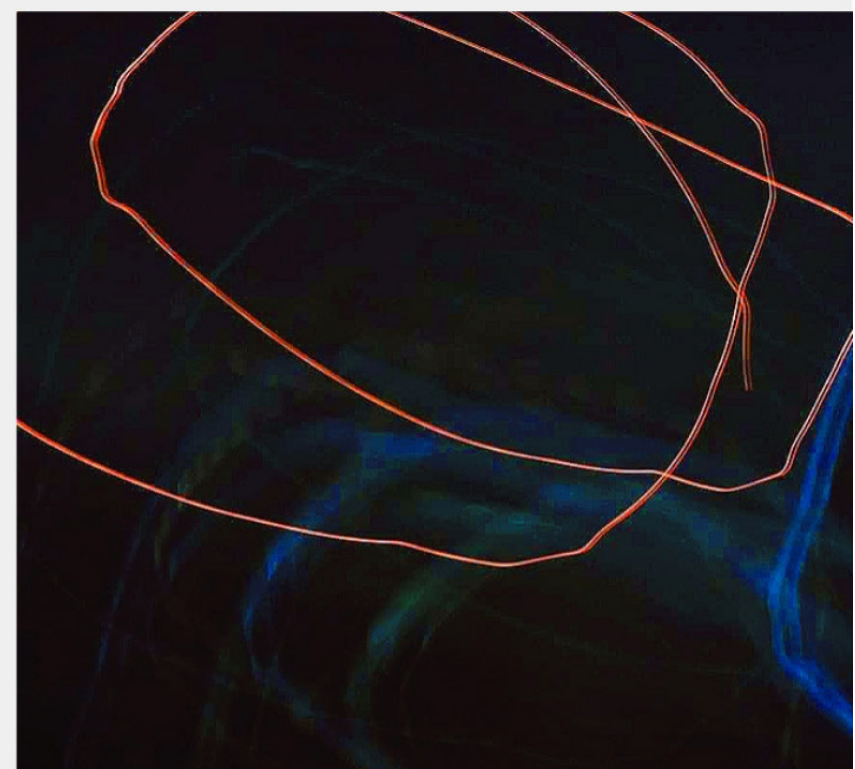


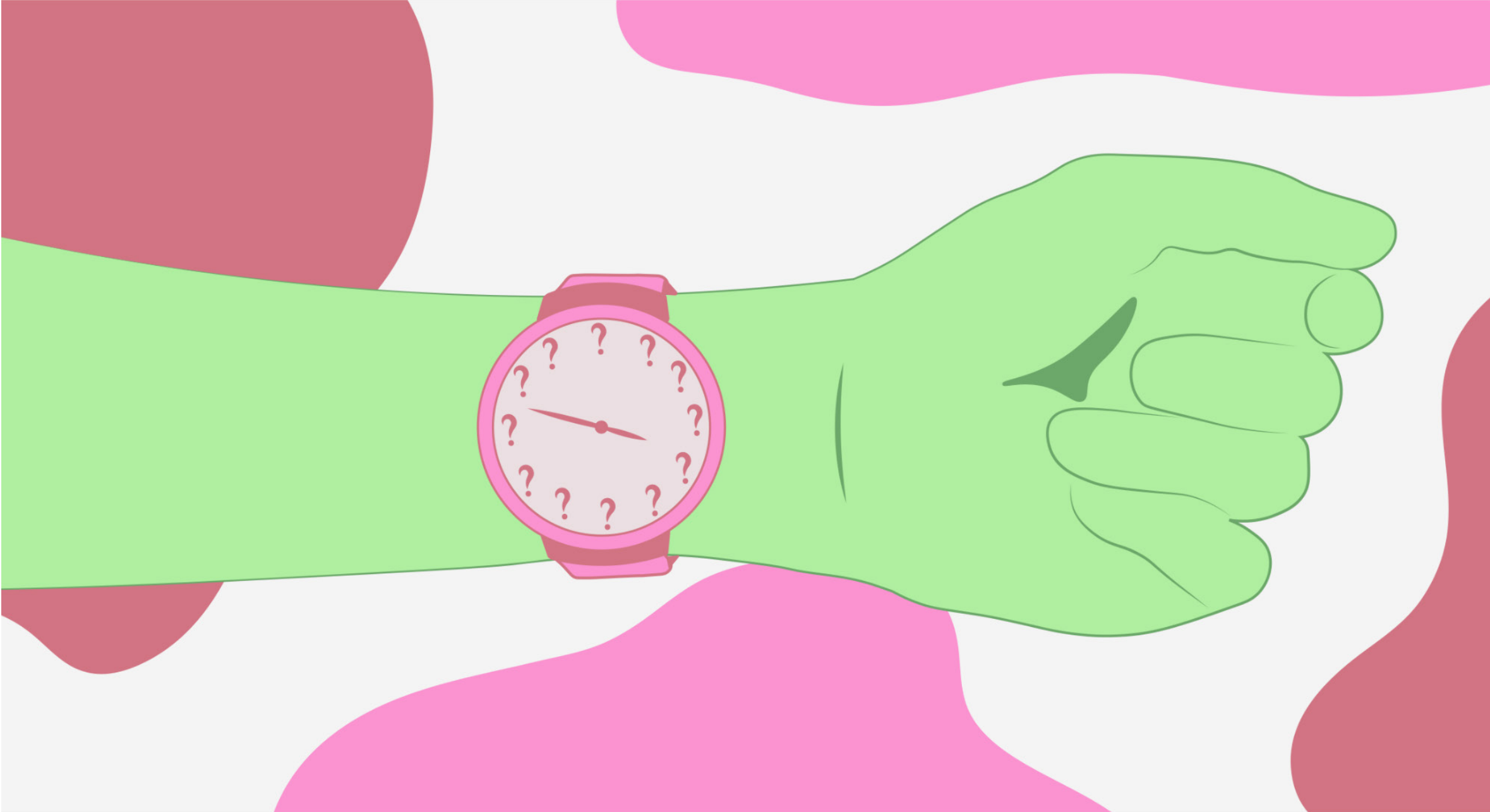


DAS JANELAS, NASCEM UMA CIDADE SUBAQUÁTICA

Já que nossos corpos estão restritos ao plano terreno, a obra pode ter liberdade de ser pelo espaço e pelo tempo. Por outro lado, em tempos de reflexão sobre o que irá acontecer no futuro, a experiência do cotidiano nos move a busca por novas formas de entender e viver uma realidade pandêmica. Portanto, as imagens também podem significar uma imersão em nosso cotidiano familiar. As casas tornam-se aquários e nossos habitats íntimos nos proporcionam contenção e reflexão. Dessa forma, estamos imersos em uma cidade subaquática e que permanece em estado de espera.

Autora e Fotografias: Andressa Monteiro





QUARENTIME

Ilustração: Júlia Peres



Ilustração: Lucas Portela





Ilustração: Matheus Ribeiro

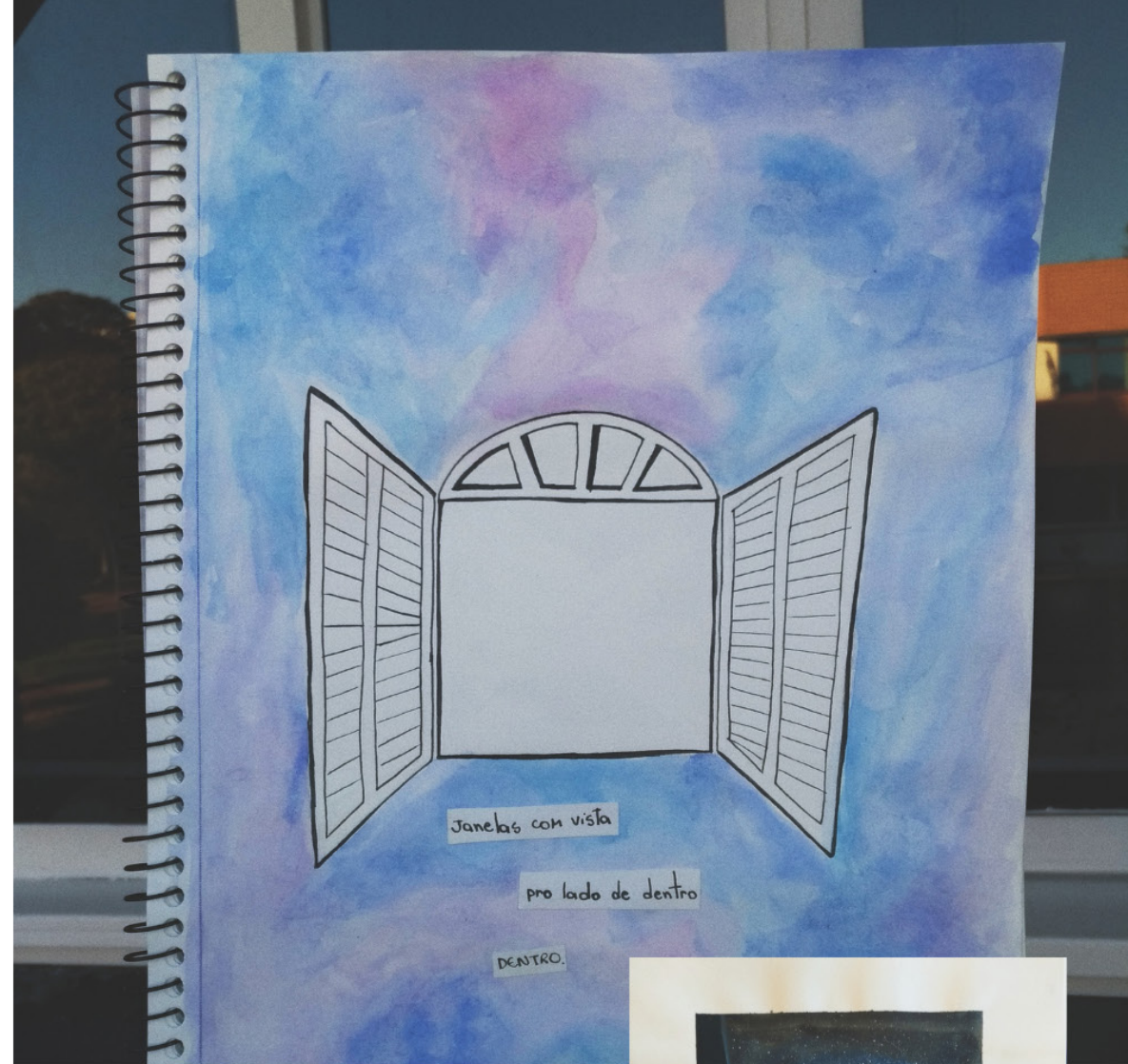


Ilustração: Rhayssa Novakoski



DEPOIS DO FIM

Ilustração digital: Rômulo Dias





Colagem: Antonio Delei





Colagem: Cláudia Marcia

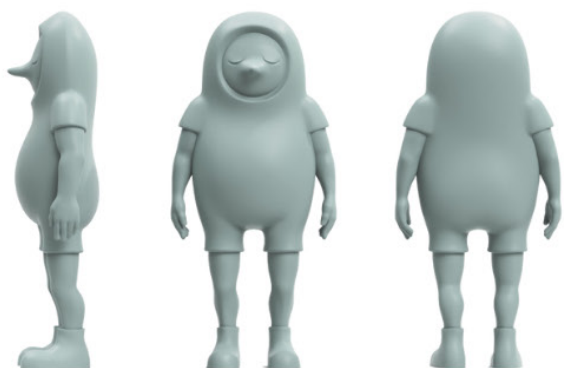




*Acrílica sobre tela 1,50 x 1,10:
Fernanda Sá*



*Acrílica sobre tela 1,0x 0,70:
Fernanda Sá*



MININU MERAKI

por Fernanda Sá

no momento crítico de lockdown se fez necessário procurar novos espaços e novos olhares, já que os físicos estavam cerceados. Foi nesse cenário que surgiu este trabalho de escultura e modelagem intitulado mininu meraki. Um trabalho sobre olhar e não sobre a falta dele. Uma produção sobre o espaço, não o desse mundo visível, mas o nosso interno. Os olhos estão abertos para o espaço das lembranças, das reflexões, dos sonhos, das imagens, dos desejos, das utopias, das memórias, dos pensamentos, das fabulações e das abstrações.

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome.
Essa coisa é o que somos."
JOSÉ SARAMAGO





VÍDEOS



Todos os filmes recebidos pelo projeto estão disponíveis para acesso no canal - Cartografias do Isolamento - no YouTube



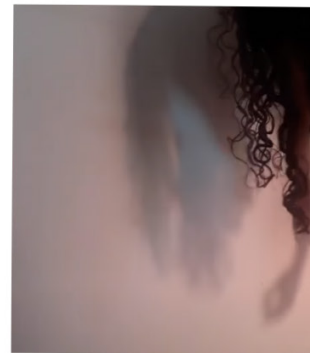
**PRAÇA ISOLADA
E A MÚSICA**



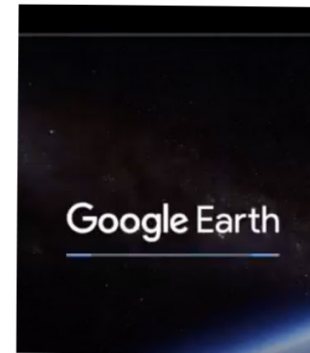
ETERNO DOMINGO



PELA JANELA



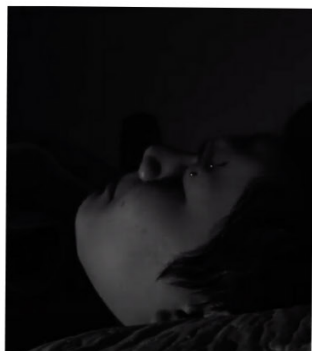
FIQUE EM CASA



NAVEGAR



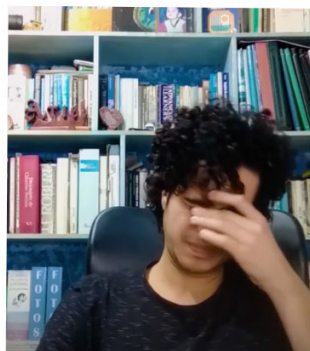
E DAÍ?



KENZO



**O MANIFESTO DAS
CORES ISOLADAS**



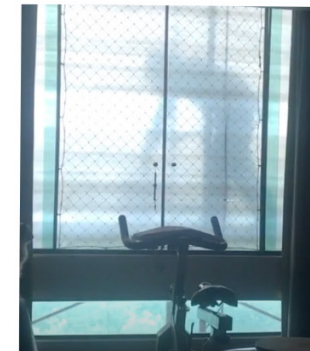
**VICENTE (OU, OS DOIS
LADOS DA INDIVIDUAÇÃO)**



SHOW DA JANELA



SAXOFONISTA



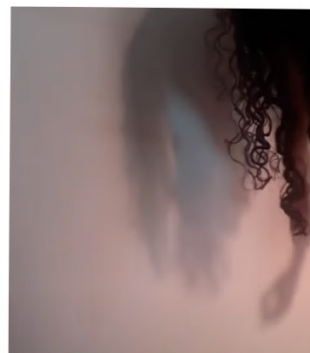
OBRA



**EVIDÊNCIAS
CORPÓREAS**



DE JULIANA PLASMO



REALIDADE



QUADRADINHO



VIVÊNCIAS



L2 SUL



ARTIGOS

Viver (n)a pandemia: reflexões sobre atenção, percepção e experiência

Fabíola Calazans

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo contribuir para as discussões sobre tecnologia e modos de vida durante a pandemia de COVID-19. De modo a investigar as formas de percepção e experiência em tempos de pandemia, recorreremos à perspectiva genealógica a partir de um recuo histórico à modernidade. Para tanto, dialogamos com textos de Jonathan Crary e Walter Benjamin, a fim de compreender como esses regimes operam e podem ser problematizados na contemporaneidade. Investigamos, por fim, em que condições emerge a experiência da corporeidade confinada durante a pandemia e seus tensionamentos com o capitalismo de vigilância e com a (des)atenção à vida.

Palavras-chave: pandemia; Covid-19; atenção à vida; subjetividade; tecnologias.

INTRODUÇÃO

A realidade flui; nós fluímos com ela; e chamamos verdadeira toda afirmação que, ao nos dirigir através da realidade movente, nos dá domínio sobre ela e nos coloca em melhores condições para agir.

Henri Bergson¹

¹ BERGSON, Henri. O Pensamento e o Movente. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 252.

Este ensaio tem por objetivo contribuir para as discussões sobre tecnologia, visibilidade e modos de vida durante a pandemia de COVID-19, a partir de diálogos com Jonathan Crary acerca dos modelos e regimes de visão e percepção, bem como dos textos de Henri Bergson, José Gil e Shoshana Zuboff respectivamente sobre atenção à vida, produções de subjetividade na pandemia e capitalismo de vigilância. Por fim, no âmbito do final do primeiro quartel do século XXI, em plena pandemia, questiona-se em que condições emerge a experiência da corporeidade confinada e seus tensionamentos com o capitalismo de vigilância e com a (des)atenção à vida. Em que circunstâncias somos convocados a nos compatibilizar ainda mais com as tecnologias digitais? Essa indagação inicia uma problemática ainda mais complexa sobre viver na e a pandemia em meio ao capitalismo de vigilância.

A pandemia de COVID-19 provocou reconfigurações diversas no cenário global em virtude de seu caráter de contágio com potencial de alta propagação e seu impacto na gestão e segurança sanitárias. Mudamos nossos modos de vida para sobrevivermos e para fazermos com que outras pessoas pudessem viver também, afinal sabíamos que a dissipação do vírus é uma espécie de roleta russa, cujos sintomas e efeitos colaterais são altamente indeterminados. Com efeito, mudamos nossas formas de presença e de nos reunirmos, reconfiguramos nossas prioridades e nossas preocupações sanitárias. Nesse cenário de mudanças nas relações sociais, familiares, laborais, comunitárias e individuais, acabamos por nos tornar ainda mais compatíveis com as formas de vida estimuladas e propostas pelas tecnologias digitais.

A narrativa histórica sobre nossos modos de vida como algo indissociado aos *gadgets* tecnológicos e biotecnológicos encontrou na pandemia a via estratégica para seu completo engendramento. Nossa hipótese é que vivemos na pandemia um momento no qual nossa atenção e percepção foram direcionadas para uma trajetória de subjetivação que paulatinamente vinha sendo construída com o objetivo de ingovernar o governável. De modo a compreender

esse possível movimento, realizamos um recuo histórico como recurso estratégico, a fim de mapear os regimes de visualidade e suas relações com as subjetividades, bem como investigar os modos de percepção, de atenção e (des)atenção. A aposta é que esse recuo nos forneça possibilidades para compreendermos as reconfigurações sobre nossos modos de vida no cenário contemporâneo marcado pela pandemia. Em que medida esses novos regimes de visualidade, atenção e percepção estão associados às potências de vida? Não há pretensão em se encontrar uma única resposta, ou ainda, uma verdade absoluta que responda a esta questão. Antes, porém, pretende-se apresentar algumas inflexões e diálogos razoáveis para ultrapassar a submissão de nossos corpos e nossos comportamentos e, quem sabe, delinear criticamente um outro futuro possível.

No livro *Techniques of the observer*, Jonathan Crary (1990) propõe uma história dos regimes da visualidade e pontua uma transformação na configuração do observador no século XIX, relativa a um novo modelo epistemológico de modernização da percepção. Para discorrer sobre tal ruptura, o autor elege os seguintes objetos ópticos como modelos representativos de suas épocas: a câmara obscura, modelo de visão clássica representativa dos séculos XVII e XVIII, e o estereoscópio, modelo de visão moderna representativo do século XIX. É importante ressaltar que, para se compreender tais modelos de visão e, conseqüentemente, a modernização da percepção, Crary analisa os objetos tecnológicos por meio dos discursos e das práticas filosóficos, científicos, estéticos, técnicos, institucionais e socioeconômicos. O conceito de modernização é entendido nessa obra não como evolução, progresso ou racionalização, e sim como um processo contínuo de novos acontecimentos, forças, consumos e tecnologias, aproximando-se das definições propostas por Gianni Vattimo (1996) e Hans Ulrich Gumbrecht (1998)².

² Para Vattimo, “de fato, uma das mais difundidas e confiáveis visões da modernidade é a que a caracteriza como a ‘época da história’, em oposição à mentalidade antiga, dominada por uma visão naturalista e cíclica do curso do mundo”. In: VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna, São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 8.

BREVE OLHAR GENEALÓGICO SOBRE A PERCEPÇÃO E A EXPERIÊNCIA

Durante os séculos de XVII e XVIII, o dispositivo da câmara obscura era sinônimo de produção de verdade, de paradigma explicativo dominante da visão humana, além de aparato utilizado em atividades culturais, investigações científicas e artísticas. O modelo da câmara obscura separava a imagem do objeto, ao delimitar as relações entre o observador e o mundo, entre o sujeito e o objeto. A individualidade do observador, por meio do isolamento do sujeito, e a separação do ato de ver do corpo físico do observador – que posteriormente corresponderão à *descorporificação* da visão, do perceber e do conhecer – proporcionaram um novo modelo de subjetividade. Segundo Crary, a câmara obscura esteve presente em diversos estudos de pensadores como Newton, Locke, Hume, Descartes, Leibniz, Berkley e Diderot.

Para melhor entendimento sobre o modelo clássico de visão, ressaltem-se as contribuições das obras *La Dioptrique*, de Descartes e *Carta sobre os Cegos*, de Diderot. No início do *Discours Cinquième* do referido texto, Descartes mostra o olho desencarnado do corpo, transparente, cristalino, monocular, análogo à lente da câmara obscura, não precisando ser sequer humano. Essa analogia pode ser claramente observada em ambos os textos, quando os pensadores, Descartes e Diderot, afirmam que as imagens são resultados de um processo e podem estar impressas no fundo do olho. Descartes sugere inclusive ao leitor que se refaça a experiência da câmara obscura: “Mas, vós podereis a esse respeito ser ainda mais seguro, se tomando o olho de um homem recém morto ou, na falta, aquele de um boi ou de algum outro grande animal (...) vós colocais este olho no buraco de uma janela (...)” (DESCARTES, 1953, p. 205).

Para Descartes, o olho, a visão e a percepção estavam relacionados à física e, não à biologia, pois, ele focava seus estudos nas leis da refração e reflexão, e não na percepção humana. A caracte-

rização da luz como corpuscular, retilínea, emanativa dos corpos para outros corpos, prevaleceu durante os séculos XVII e XVIII. A visão não era corpórea; contudo, relacionava-se à capacidade mental, intelectual, introspectiva e de ordenação do mundo. Devido ao fato de se acreditar que a alma sentia, percebia e conhecia, e não o corpo, o ápice do sentir era a inteligência mental. Segundo Descartes, a alma sentia na medida em que estava no cérebro – o qual era valorizado porque, acreditava-se, era a parte que menos contato tinha com o corpo. Para Descartes, qualquer engano ou problema relacionado à visão era atribuído ao corpo, e não à mente, de modo que a percepção era estudada de forma geométrica e diagramada, análoga ao tato, distante do corpo situado no espaço.

Ambos, Descartes e Diderot, relacionavam os sentidos do tato e da visão a um modelo de “assistência recíproca” para o conhecimento do mundo. Na *Carta sobre os cegos*, Diderot mostrou a contribuição dos sentidos aos cegos, no suprimento de suas insuficiências visuais. Cita Diderot, por exemplo, o caso do professor de matemática de Cambridge, Nicholas Saunderson que, desprovido da vista, via através da pele. Aqui, têm-se a contribuição do tato em relação à ausência de visão. Como o cego era desprovido do sentido que proporcionava o conhecimento do mundo, suas sensações térmicas e auditivas permitiam-lhe a experimentação e o conhecimento do mundo, por intermédio dos outros sentidos. É importante explicitar que isso revela a experiência como soma de sensações, ou seja, o entendimento da percepção dos sentidos como uma totalidade. Assim, o conhecimento não depende unicamente do olho, mas de uma relação ampla, de um senso humano unificado e delimitado em um espaço e ordem, no qual as posições podem ser comparadas e conhecidas.

De acordo com Diderot, os cegos, “pelo menos os de bom senso”, poderiam desenvolver habilidades superiores às capacidades dos homens providos de visão perfeita. Segundo o pensador, os cegos seriam até mais capacitados que os videntes, para sentir e recordar os corpos. Entretanto, os cegos não teriam aptidão para

imaginar, pois a memória seria adquirida pelo tato e, também, porque os cegos seriam incapazes de desenvolver ideias a partir de figuras, como pode ser observado no seguinte texto:

Nós [aqueles que vêem] combinamos pontos coloridos; ele [o cego], de seu lado, combina apenas pontos palpáveis ou, para falar mais exatamente, apenas sensações do tato de que tem memória. Não se passa nada em sua cabeça que seja análogo ao que se passa na nossa: ele não imagina; pois, para imaginar, é preciso colorir um fundo e destacar este fundo dos pontos, atribuindo-se-lhes uma cor diferente da do fundo. (DIDEROT, 1979, p. 9, grifos nossos).

Segundo Crary, o modelo de visão estável da câmara obscura, análoga ao tato, é coerente a um mundo predado de verdades objetivas, no qual o campo de conhecimento é fundamentado em elementos estáveis. Entretanto, a concepção *antióptica* da visão revela-se incompatível com o mundo de fluxos, durações e trocas do século XIX, em que a nova configuração das relações, entre o corpo e o poder institucional e discursivo, posiciona o status de sujeito observador, em um modelo de visão subjetiva. Na modernidade, emerge um observador consciente que se observa (seu corpo e sua fisiologia) ao observar o mundo, definido por Gumbrecht (1998, p. 13) como “observador de segunda ordem”.

Durante o século XIX, especialmente na década de 1840, ocorre uma mudança gradual das pesquisas, encravadas na experiência subjetiva ou na vida mental, para um plano empírico e quantitativo, bem como para a fragmentação do sujeito físico em sistemas orgânicos e mecânicos específicos. Exemplos desses estudos são aqueles desenvolvidos por Goethe (1993 [1810]) em seu trabalho, *A Teoria das Cores (Farbenlehre)*, em que transformou o corpo em produtor ativo da experiência óptica, conciliando a fisiologia e o subjetivismo. Com efeito, Goethe provou que as cores são fisiológicas, químicas e físicas, visto que são também produções do corpo. O experimento de Goethe é realizado no interior de um

quarto escuro, análogo à câmara obscura. No interior desse ambiente, Goethe sugere que se fixe o olhar em uma parte iluminada. Posteriormente, com o fechamento das janelas e com a interrupção da entrada de raios luminosos, Goethe solicita que se olhe para a escuridão. Como resultado, é visualizada uma imagem circular de diversas cromias variantes. Outro experimento consiste em se fixar os olhos em um objeto colorido que, posteriormente, é retirado abruptamente do campo de visão. Nesse caso, são percebidas cores juntamente às luzes e, assim, o corpo é compreendido como produtor ativo de imagens, independentemente de um referente externo. Crary refere-se ao trabalho de Goethe como proporcionador de uma revolução epistemológica da percepção subjetiva e fisiológica, próxima da complexidade, instabilidade e temporalidade do corpo humano, sujeito a distorções e opacidade. Em outras palavras, as descobertas de Goethe abalaram a certeza de um mundo previamente dado (FERRAZ, 2005, p. 3).

Crary destaca duas implicações fundamentais da nova “objetividade” ancorada na subjetividade. Primeiro, a pós-imagem, que é a presença da sensação na ausência do estímulo, a qual expressa teórica e empiricamente a visão autônoma, advinda de uma experiência óptica produzida pelo observador em sua interioridade, separando-a da experiência perceptiva do mundo exterior. Segundo, a temporalidade como componente da observação, como duração da percepção. No início do século XIX, a observação já era compreendida como algo imanente, de modo que temporalidade e visão tornaram-se inseparáveis.

Definitivamente, a visão passou a ser incorporada ao observador fisiologicamente complexo, colocando sob questão, seu paradigma de verdade absoluta, relativo ao modelo da câmara obscura, posto que novas percepções de fenômenos, como a pós-imagem, a persistência retiniana e a disparidade binocular, começaram a ser investigados pelas novas ciências, como a fisiologia óptica e a psicofisiologia. Em seu texto “A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX”, Crary (2004) caracteriza

a visão subjetiva como a qualidade dos sentimentos, isto é, a visão que depende menos da natureza do estímulo e mais da constituição e do funcionamento do aparelho sensorial. Sendo assim, tem-se uma verdade empírica da visão corporificada, imperfeita, discutível, arbitrária, sintética, que se dá durante o surgimento da cultura modernizante do século XIX.

Nesse contexto de mutação epistemológica e modernização da percepção, principalmente, a partir de 1820, foram desenvolvidos estudos científicos acerca da persistência retiniana, da duração e da quantificação das pós-imagens. Novas tecnologias ópticas - caleidoscópio, taumatrópio, zootrópio, fenaquitoscópio e estereoscópio - surgiram em laboratórios e, depois, foram disponibilizadas para o comércio em feiras populares. Esses objetos passaram a fazer parte da cultura nascente do espetáculo e dos modos de perceber, vinculados aos regimes de atenção, desatenção, sonambulismo, hipnose e transe.

Crary destaca o estereoscópio e a fotografia como as formas mais significativas de visualização da imagem. No entanto, é o objeto estereoscópio o escolhido em seu trabalho como modelo de visão subjetiva, inaugurado no século XIX, no qual intervêm o corpo e a fisiologia, para refletir sobre o reposicionamento do observador. Esse dispositivo óptico prescinde de uma projeção, além de exigir proximidade e imobilidade do observador. Isso porque as imagens visualizadas pelo estereoscópio são organizadas em planos sequenciais, produzindo um “efeito de realidade”, por meio de convergências dos eixos ópticos em uma dada temporalidade de síntese binocular. A cognição, a visão e a percepção passaram a depender, portanto, da corporeidade, fincada na contingência, na incerteza e na instabilidade, abrindo portas para que fossem desenvolvidas técnicas de controle, manipulação, normatização e estimulação corporal coerentes com os regimes de verdade da sociedade disciplinar, tão bem explorado por Michel Foucault. No livro *Suspensions of Perception: attention, spectacle and modern culture*, Crary (1999) explicita que essa foi a conquista decisiva da ciência da psicofísica em meados do século XIX.

As então novas formas de produção, associado ao surgimento dos campos social, urbano, psíquico e industrial, saturados de informações sensoriais, constituíram um problema central do século XIX, como pode ser visto, também, na obra de Baudelaire “As Flores do Mal”, lançado em 1857. A cidade de Paris do século XIX era o elemento principal da poesia lírica de Baudelaire e, na caracterização de Walter Benjamin (1994), se sobressaíam os ícones como transportes, ferro, vidro, iluminação a gás, que representaram o pertencimento da metrópole à modernidade. A Paris referida no texto possuía largas avenidas, monumentos, pontes, galerias, armazéns, folhetins, publicidade visual – cartazes e homens *affichés*. Tudo isso em meio às multidões, acarretando novos tipos de experiência, modificando os limiares de atenção e desatenção, muitas vezes até ocasionando uma “experiência de choque” em relação à modernidade, como assinalado por Benjamin. Especialmente no contexto industrial em larga escala, a desatenção começou a ser vista como um problema sério e perigoso, não só porque uma falha do proletário poderia ser fatal, mas também porque significaria queda na produção e, conseqüentemente, na lucratividade. Como Crary (2004, p. 69) evidencia, “o sistema econômico capitalista introduz novos produtos, novos estímulos e fluxos de informações, levando a atenção e a desatenção a novos limites, em meio a novos métodos de regulação e administração da percepção”. Eis a modernização estabelecendo novas relações de tempo, espaço, psique, representação, realidade, percepção e atenção.

Como forma de adaptação do indivíduo ao mundo, a atenção tornou-se fundamental para os estudos em psicologia, na segunda metade do século XIX, segundo ressaltam Luciana Caliman (2006) e Jonathan Crary (1999). A atenção passou a ser estudada em termos de estímulo e resposta, gerados por máquinas que permitiram a mensuração das capacidades sensoriais do indivíduo perceptivo, o qual adquiriu, assim, um status empírico e epistemológico. Mais especificamente sobre a percepção, foi Gustav Fechner quem possibilitou a quantificação da sensação por meio de uma equação mate-

mática que expressava a relação entre sensação e estímulo. Fechner pesquisou as relações arbitrárias das sensações com suas causas externas e mostrou que a sensação de um observador sempre depende da sequência prévia do estímulo. As experiências de Fechner com a pós-imagem mostraram que a percepção é necessariamente temporal. Em 1879, Wilhelm Wundt e seu laboratório, na Universidade de Leipzig, tornaram-se modelo sobre o estudo experimental psicológico acerca de um observador atento, em meio à vasta diversidade de estímulos artificiais. Wundt pôs a atenção como equivalente à vontade, ao verificar que, para se obter uma determinada atenção, era necessário inibir alguns processos sensoriais, motores e mentais. De acordo com Caliman, na segunda metade do século XIX, nas teses acerca do discurso da patologia mental, predominava o vínculo da atenção ao poder inibitório da vontade.

Cabe aqui enfatizar que, na segunda metade do século XIX, a atenção ocupou lugar de mediação e integração entre a mente e o corpo, entre a moral e a ciência, vinculando-se intimamente à função neurofisiológica da inibição e ao poder espiritual e mental da vontade, conforme enfatizado por Caliman. Em tal século, iniciaram-se pesquisas sobre as possíveis patologias da atenção, relativas à incapacidade de adaptação do indivíduo às exigências morais e sociais da vida moderna. O indivíduo – desatento, impulsivo, amoral – incapaz de se adequar ao mundo, deveria ser tratado, reeducado e institucionalizado. Um exemplo de análise da atenção no campo sociológico encontra-se nos relatos de Théodule Ribot³, em *Psychologie de l'attention* de 1889, acerca da patologia congênita e adquirida da atenção, pesquisa que assinalava como deficientes de atenção: “as crianças, as prostitutas, os selvagens, os vagabundos e os sul-americanos”, conforme explicitado em nota de rodapé de Crary (2004, p. 92). Durante as décadas de 1880 e 1890, nenhuma patologia da atenção foi realmente definida. Foi somente nas últimas décadas do século XX, com o diagnóstico controverso

³ “Para Ribot (1883) as patologias da atenção diferiam das patologias da vontade apenas em intensidade”. Cf. *idem, ibid.*, p. 40.

“Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade” (TDAH)⁴, que a atenção ganhou uma patologia específica. Tem-se, no final do século XX, assim como no final do século XIX, o controle da atenção como algo dependente da capacidade de ajustamento aos rápidos fluxos de comunicação, bem como às novas e diversas formas de consumo, por meio de diferentes modos de produção.

No século XIX, o esforço científico e discursivo acerca da atenção estava em vinculá-la ao processo de conhecimento do mundo e do ser humano, contrapondo-se ao conhecimento adquirido por meio da observação clássica. Pode-se dizer, então, que a problemática acerca da atenção está interligada com a história e o modelo de visão moderna. Contudo, ao ser a atenção considerada objeto do conhecimento, reconheceu-se que a percepção era essencialmente temporal, instável e capaz de ser manipulada. Eis, pois, a tentativa de racionalizar a percepção do corpo que, no século XIX, já era entendido como cinético, neurofisiológico e cerebral. Essa teria sido, para Crary, uma tentativa de racionalizar o irracionalizável.

A tentativa de racionalizar o irracionalizável é derivada do empenho de se tentar governar o ingovernável, esforço característico da racionalidade do século XIX que marcará a governamentalidade liberal estatal, cujos processos econômicos e políticos visavam à produção incessante e à economia máxima para se atingir o maior lucro possível. Sob a égide do progresso moderno, a regulação da vida das populações foi uma importante forma de fazer crescer o capital com processos econômicos e políticos que engendraram regulações nas populações, que passaram a ser mais previsíveis, controláveis e limitadas que outrora. A isso Foucault chamou de biopolítica, uma forma de poder específica focalizada nas sociedades industriais – iniciada no século XVIII e com ápice no século XX – e que produziu a gestão das populações, por meio de uma parafernália de dispositivos de poder com o objetivo de

⁴ Em sua tese de doutorado, Caliman questiona a valorização do sujeito atento em meio ao discurso da produtividade e do sucesso, colocando em discussão as causas da “patologia” TDAH.

interferir nos modos de vida com vistas a construção de um projeto nacional. Para Foucault (1997, p. 89), biopolíticas são a forma “pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças”. Nesse quadro moderno, políticas de planejamento populacional, urbano e sanitária visavam uma nova forma de jurisdição que não aquela da lógica do soberano de “se fazer morrer e deixar viver”. No século XIX, o direito de “fazer viver e deixar morrer” demarcou uma gestão das práticas disciplinares e biopolíticas estatais sobre a vida.

Marcada por outro tipo de regime de visibilidade, o século XXI nos convoca a desempenharmos outros modos de atenção e percepção. As telas de nossos *smartphones*, *tablets* e computadores tendem a tudo exteriorizar, inclusive o território do lar, o qual não mais se restringe às maneiras íntimas de viver de uma subjetividade interiorizada. Vivemos e nos revelamos de modo único à vigilância dos olhares atentos e curiosos às práticas de exposição da intimidade. Em nossas *selfies*, nossos vídeos e nossas narrativas pessoais, o olhar do outro é convidado a ver o que outrora se escondia e se furtava na intimidade.

Bem diferente do século XIX, hoje se vê emergir um novo estatuto do olhar que tem reconfigurado os limites entre as esferas públicas e privadas. Menos uma ordem de interdição e mais uma normatização do ideal de visibilidade de nosso modo performático de vida, essa espécie de “olho público” mostra um desejo inseparável do cuidado da imagem perante o olhar do outro (BRUNO, 2005). Esse “olho público” nos convoca ao engendramento de nossos projetos de sujeito à altura de um ideal de sucesso e de realização pessoal segundo a ordem da *otimização* indiscriminada.

Nesse novo contexto de visibilidade, a intimidade como espetáculo (SIBILIA, 2008) não resguarda muitos segredos ao olhar da alteridade, expõem-se as relações pessoais ao extremo e as limitações dos indivíduos ao limite. Não por acaso, a intimidade extrapola

o âmbito do privado (BRUNO, 2005) e é reconfigurada na própria conversão do eu em *show*, frente ao deslocamento da subjetividade introdirigida para a alterdirigida ou exteriorizada (SIBILIA, 2008).

Não só a visibilidade se reconfigura, mas de modo específico o regime de vigilância nos sugere outras formas de modos de vida aos quais somos convidados a participar como sujeitos muito mais cifrados que criptografados em meio à lógica da vida datificada. De acordo com Fernanda Bruno (2010, p. 168), um dos pontos nevrálgicos acerca dos processos de vigilância contemporâneos refere-se à “progressiva naturalização da vigilância como forma de observação, atenção e cuidado”, a qual é incorporada ao tecido social, tecnológico, subjetivo e estético. Nesse cenário, tecnologias, discursos e estéticas de vigilância nos convocam e nos sugerem um modo de vida específico, cuja atenção e a percepção são cooptadas para a exposição/produção de si e para o consumo de subjetividades nas telas.

No século XXI, o isolamento ocasionado pela gestão política do COVID-19 nos impulsionou a viver outra experiência de atenção e percepção diante de um regime de poder e saber acerca da imunização, da prevenção, do tratamento e do controle dos nossos corpos. Nossa atenção foi convocada aos fluxos digitais do contato constante em modo 24/7 coerentes ao tecnocapitalismo contemporâneo. Crary (2014) nos mostra no livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono* que esse modo maquínico de duração e eficiência sobre nossos modos de vida foi instituído pela lógica do capitalismo neoliberal globalizador. Indivíduos produtivos em modo 24/7 são caracterizados por uma vida sem descanso e com um ritmo contínuo de produção, consumo e descarte. Na pandemia, o modo de vida produtivo e conectado em ritmo 24/7 configurou-se pela lógica do fazer mais coisas, mais rápido e melhor. Com efeito, a performance da produção em modo *non stop* em meio ao confinamento do isolamento doméstico foi instituída pela temporalidade impossível do “tempo sem tempo” (CRARY, 2014, p. 32) e, sobretudo, pela indissociação entre o espaço e o tempo para o trabalho. Talvez estejamos vivendo não só a privação do convívio social para

a preservação dos outros e de nós, mas, no limite, estamos vivendo uma experiência sociocultural mediada pela tecnologia com delineamentos diferentes de outras épocas e que demandam de nós outros modos de vida, com outra exigência de atenção e percepção.

Graças às nossas compatibilizações biológicas ao uso em modo *non stop* dos *smartphones*, somos como ciborgues, cujas extensões de nossa matéria orgânica são as tecnologias móveis que nos acoplam à lógica do consumo e da produção incessante. Diferentemente do que supôs Donna Haraway em seu manifesto ciborgue, tornamo-nos mais compatíveis com a tecnologia não em um sentido político, de modo a ampliar nossas conexões, sentidos e possibilidades de vida. Isso porque somos, no limite, impulsionados a adotar certos modos de vida (e não outros) diante das tecnologias de biovigilância e biocontrole. Novos regimes de visibilidade e interação nos são sugeridos, propostos e estimulados a todo o momento, como se nossa relação com as máquinas já estivesse, de fato, corporificada, consolidada e sem ameaças às nossas potências de vida.

POSSIBILIDADES DE PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA EM TEMPOS DE COVID-19

Poderíamos nos perguntar quais são os impactos desse modo de vida produtivo 24/7 em nossa experiência em termos de configuração de nossos regimes de atenção e percepção em um mapa complexo da biopolítica pandêmica contemporânea. Ou ainda, poderíamos questionar se a nossa compatibilização com o teletrabalho e com as tecnologias em modo produtivo 24/7 nos garantem mais vida ou menos vida. Ainda que sejam difíceis as respostas para tais questionamentos, o que é coerente por ora é pensarmos que esse modo de vida produtivo e ultraconectado com as tecnologias digitais em modo *non stop* pode ser analisado segundo a lógica de efeito e instrumento apresentada por Foucault. Poderíamos pensar, então, nossos modos de vida compatibilizados

com a produção conectada em modo 24/7 são ao mesmo tempo efeitos e instrumentos de poder, de modo que é possível reforçá-lo, mas também engendrar outros modos de vida em nossa ilimitada potência criadora e de resistência à governamentalidade neoliberal.

Ainda que concordemos com Foucault (2009 [1988], p. 105) que “onde há poder há resistência”, é cada vez mais desafiador ser otimista diante da dinâmica do capitalismo digital de vigilância e dos modos de controle de experiência, atenção e percepção por ele propostos. Segundo Shoshana Zuboff (2000), o capitalismo de vigilância foi algo criado de forma intencional em um determinado momento da história por um grupo de pessoas com fins específicos.

Essa nova forma de mercado é uma lógica de acumulação única na qual a vigilância é um mecanismo fundacional na transformação de investimento em lucro. Sua rápida ascensão, a elaboração institucional e a significativa expansão desafiavam a promessa incerta de inversão e seus valores orientados para a proteção. De forma mais geral, a ascensão do capitalismo de vigilância traía as esperanças e expectativas de muitos “netizens” [cidadãos da net] que louvaram a promessa emancipatória do meio conectado em rede (2020, p. 69)

Essa nova reconfiguração capitalista que faz uso da vigilância não se esquia de urdir com escrutínio os dados das nossas experiências digitais, interpretados pelas empresas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como dados comportamentais. A conversão dos dados sobre as nossas vidas deixados gratuitamente por nós na internet, e que eram anteriormente tratados anteriormente como dados residuais, passou a ser estrategicamente utilizado para a conversão em lucro para as empresas digitais. A pioneira desse modo de “superávit comportamental”, tal qual a Zuboff o denomina esse modo de lucro, foi a empresa Google. A autora mostra como os usos dos dados para o aprimoramento de seu serviço e principalmente para a conversão dos dados residuais em aperfeiçoamento e otimização de lucro e oferta de anúncios se

concretizou como a principal fonte de superávit. A alimentação da receita da Google se dá pelos dados que de graça e (des)atentos, não raro, deixamos na internet sobre nós e nossas experiências, nossos gostos, nossos modos de vida, etc. Certamente, empresas como Google e Facebook aproveitaram o regime de visibilidade e vigilância reafirmados pela lógica do mundo do teletrabalho em modo de confinamento universal, que nos impulsionou para a digitalização e para a plataformização generalizada.

A mão boba do capitalismo se ajustou rapidamente a mais essa nova fase do capitalismo de vigilância, sendo a pandemia um importante marco histórico para novos processos de subjetivação e de transformação da sociedade. Face ao drástico panorama vivenciado pelo capitalismo digital durante o período pandêmico, José Gil (2020, p. 8) acredita que as “novas subjetividades caracterizar-se-ão pela submissão e adequação dos corpos às (ou mesmo a sua exclusão das) tarefas da economia digital, e a permeabilização das mentes às ordens e necessidades da vida virtual”. Com efeito, segundo o autor estaríamos nos tornando mais inertes a uma submissão voluntária e também para uma programação comportamental.

Mas tudo isso pode nos indicar que precisamos viver a nossa experiência na pandemia de modo, de fato, autônomo, voluntário e passível da nossa escolha. Que nossa vida cotidiana e nosso teletrabalho em modo 24/7, bem como nossas pegadas deixadas pelas diversas horas de conexão via internet durante a pandemia devem ser cuidadosamente pensados, a fim de trilharmos passos menos automatizados e mais politizados.

Inevitavelmente, lembro-me de Henri Bergson que, em resposta à padronização da experiência e da automação da percepção, na passagem do século XIX ao XX, inaugura radicalmente, no campo da psicologia e da filosofia, uma nova forma de extrair, das experiências modernas, conceitos novos para resgatar a força criadora e libertadora do sujeito. Bergson (2006, p. 113) conjuga seu pensamento acerca da atenção à ideia de Marillier, ao explicitar que a função da atenção é tornar a percepção mais intensa e destacar seus

detalhes, ou ainda, intensificar os diferentes tons do estado intelectual. Isso diz respeito a uma adaptação mais do corpo (ao equilíbrio sensório-motor) que do espírito. A atenção implica, portanto, a renúncia do espírito em perseguir o estado útil da percepção presente, o que provoca inicialmente uma inibição da ação. A atenção à vida é uma resposta clara de Bergson para o automatismo da vida moderna. Isso porque um indivíduo mais perceptivo, desinteressado da ação e de suas necessidades, liberto de qualquer preocupação prática, estaria apto a libertar-se do automatismo da vida cotidiana e, portanto, a refletir e a pensar. Resgato esse pensamento potente que nos convoca a uma atenção à vida para repensarmos nossos modos de ser e estar no mundo.

Na contemporaneidade pandêmica e com as mais diversas ameaças, precisamos reaprender a agir coletivamente de forma racional e refletida. Afinal, viver é pluralidade de duração e de movimento: o presente já é passado, que é memória e, assim, movimento. E tudo dura e está em movimento, em mudança, na realidade viva que é o contínuo devir. Nesse futuro movente, somos convocados, então, a pensar e a engendrar processos possíveis para uma transformação política necessária. O agir coletivamente e criticamente será nossa forma de preservação e de resistência face ao capitalismo digital e de vigilância. Nosso ânimo em nos mantermos vivos na pandemia só vai valer a pena se (re)aprendermos a viver com atenção à vida. Corajosamente, saberemos dizer não aos modos de vida que nos afastam da potência do viver. E essa será nossa resistência e a nossa maneira de dar conta de experimentar, no futuro, uma outra forma de vida possível capaz de promover a sua expansão e não a sua degeneração.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do Ca-**

pitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas – Volume III).

BERGSON, Henri. **O Pensamento e o Movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRUNO, Fernanda. Mapas de crime: vigilância distribuída e participação na cultura contemporânea. In: BRUNO, Fernanda; KANASHIRO, Marta; FIRMINO, Rodrigo (Orgs.). *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 155-173.

_____. Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. *Contemporânea*, vol. 3, n. 2, p. 53-70, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3461>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

CALIMAN, Luciana Vieira. A biologia moral da atenção: a constituição do sujeito (des)atento, **tese de Doutorado em Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: IMS-UFRJ, abril de 2006.

CRARY, Jonathan. **Techniques of the observer** (on vision and modernity in the XIXth century). Cambridge, Massachusetts, Londres: MIT Press, 1990.

_____. **Suspensions of Perception**: attention, spectacle and modern culture. Cambridge, Massachusetts, Londres: MIT Press, 1999.

_____. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014

_____. **A visão que se desprende**: Manet e o observador atento no fim do século XIX. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004

DESCARTES, René. **Oeuvres et lettres**. Textes présentés par André

Bridoux. Paris: Gallimard, 1953 (Bibliothèque de la Pléiade).

DIDEROT, Denis. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, (Os Pensadores).

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Percepção, tecnologias e subjetividade moderna. **E-Compós**. Julho/2005.

_____. Percepção, imagem e memória na modernidade: uma perspectiva filosófica. **Revista da Intercom**, volume XXVII. São Paulo: janeiro/junho de 2004.

FOUCAULT, Michel. **“1978-1979: nascimento da biopolítica”**. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982), Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2009. v. 1.

Gil, José. (2020) **A pandemia e o capitalismo numérico**. Pandemia crítica. N-1 edições. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/61>. Acesso em: 12 de setembro de 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

JAMES, William. **The Principles of Psychology** - The Stream of Thought (CHAPTER IX). Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca/James/Principles/index.htm>, acesso em 21 de agosto de 2020.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro na nova fronteira do poder. RJ: Intrínseca, 2020.

Produções de janelas: os afetos do isolamento

Lorena da Silva Figueiredo¹

RESUMO

O artigo busca refletir sobre a construção de janelas afetivas no espaço do doméstico por meio do isolamento provocado pela pandemia mundial de Covid-19. A casa se torna um devir entre o mundo externo e interno. A partir dos conceitos fundamentados por Bachelard, Spinoza, Deleuze e Guattari se compõem novas conexões aos agenciamentos construídos na compreensão da subjetividade humana no mundo contemporâneo.

Palavras-chaves: janelas, isolamento, afeto, casa, devir, agenciamento.

O ESPAÇO DA CASA EM DEVIR

Este artigo se propõe a investigar a construção de janelas afetivas no espaço doméstico da casa como resultado do isolamento provocado pela pandemia de Covid-19. Assim sendo, os afetos se tornam a base entre os agenciamentos na criação de uma nova paisagem em devir. Deste modo, as ideias presente nos conceitos de Bachelard, Spinoza, Deleuze e Guattari compõe uma rede de conexões que visam à compreensão do surgimento destas subjetividades no mundo contemporâneo.

¹ Mestranda em Comunicação Social pela Linha de Imagem, Estética e Cultura Brasileira pela Universidade de Brasília. Email: lorena5.figueiredo@gmail.com.

O ano de 2020 se iniciou com várias imagens de pessoas com máscaras e internadas em hospitais na região da cidade chinesa de Wuhan. A rapidez e o alto contágio eram a única informação que se tinha da nova doença surgida pelo vírus da Covid-19. Diariamente, a imprensa noticiava a situação em cada país e o avanço nas capitais, onde o vírus se instalava e se unia, ao surgimento de novos casos. Desta forma, a doença começa a se estabelecer no cruzamento de fronteiras de maneira invisível e se tornando a protagonista de uma sociedade do espetáculo² e de domínio de poder.

Segundo o autor Guy Debord no seu livro a Sociedade do Espetáculo, a disposição territorial composta pelas estruturas trabalhistas gerou “a organização técnica do consumo não é outra coisa senão do arquétipo da dissolução geral que conduziu a cidade a consumir-se a si própria” (DEBORD, 2003, p. 135). A partir dessa reflexão feita no final dos anos 60 pelo autor, o modo operante de ser relacionar com o espaço urbano termina por se chocar com o descontrole feito pelo vírus ao emergir as fraturas latentes de um sistema crítico em processo de estagnação marcando o ano de 2020.

A pandemia provocada pelo Covid-19 gerou uma busca mercadológica incessante em pesquisas científicas para a descoberta de uma vacina para o controle da doença. O processo é longo, árduo e ainda em andamento. De acordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), a melhor forma de contenção da nova doença e prevenção é por meio do isolamento social e medidas restritivas de higienização. O sistema capitalista desenvolvido ao longo de séculos por um inconsciente maquínico³ e com viés econômico termina por sofrer um freio em suas atividades mercadológicas. A sociedade humana fundamentada na concepção de Estado-nação se estabelece por uma rede de conexões através de um dispositivo de poderes que movimenta o sistema capitalista,

² Sociedade do espetáculo é o livro criado por Guy Debord em 1968 que discute os processos de espetacularização do indivíduo no meio urbano por meio da alienação criada pelo desenvolvimento capitalista.

³ O termo inconsciente maquínico é um conceito criado por Deleuze e Guattari com o objetivo de pensar a subjetividade humana por meio das estruturas sociais operantes.

sem permitir que pare a força produtiva. Em detrimento, as observações de isolamento social para a contenção do vírus na pandemia pelos especialistas, é importante se problematizar os modos operante do trabalho sendo este em *home-office* ou mesmo as pessoa que precisam ir às ruas para desenvolvê-lo. Encontramos em uma região de disputas baseada por uma rede discursiva de produtividade e performance em defesa da manutenção da vida emergindo novos afetos para a compreensão desta humanidade.

Vivemos um período de incertezas e conflituoso de afetos tristes nesta experiência diária que provoca indagações sobre a existência do ser e como estamos atuando no mundo. Será que essa catástrofe subverter os modos operantes destas práticas de poderes ou seguiremos em manter a normatização das coisas? Desta maneira, a pesquisadora Iasmin Martins nos propõe um diálogo sobre as práticas do desempenho mantidas nesse movimento da economia mundial e o adoecimento social diante ao caos presente contemporâneo. “Assumindo a precariedade do cenário no qual estamos inseridos, talvez possamos pensar em alguns modos de resistência e afirmação de outros afetos limitadores e limítrofes de agora”. (MARTINS, 2020, p. 8).

Nesta perspectiva, as pessoas se veem agora em um devir do espaço urbano em esvaziamento onde as vivências passam a ser com maior duração no ambiente doméstico da casa em detrimento da rua. O espaço público morto constituído pela pandemia permite dialogar com aspectos apontado pelo autor Richard Sennett na composição de um olhar íntimo sobre o espaço de agora. Sendo assim, “a visão intimista é impulsionada na proporção em que o domínio público é abandonado, por estar esvaziado. No mais físico dos níveis, o ambiente incita a pensar no domínio público desprovido de sentido. É o que acontece com a organização do espaço público”. (SENNETT, 1999, p.26)

A casa se torna um espaço central para a vida humana no ambiente pandêmico. A limitação do acesso às atividades mercadológicas e de consumo se restringem à sobrevivência humana como os supermercados e farmácias. Assim sendo, os devires do ambiente

doméstico se caracterizam nesta reestruturação afetiva das relações humanas por meio da desterritorialização e de linhas de fuga na produção de subjetividades neste novo contexto implantado com o isolamento social. Para os autores, Félix Guattari e Suely Rolnik, “todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se com o muro da subjetividade capitalística. Ora os devires são absorvidos por esse muro, ora sofrem verdadeiros fenômenos de implosão. É preciso construir uma outra lógica”. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.50). Tendo em vista esta nova configuração espacial com a pandemia, é criada uma nova rede de conexões construídas nas multiplicidades da sociedade contemporânea por variações cujo trabalho, a escola, o entretenimento convivem em um mesmo espaço em transformação que é a casa.

O estudo da Fenomenologia proposta por Gastón Bachelard se constitui por uma revisitação estética do espaço doméstico da casa pelo imaginário. Este ambiente é responsável na composição dos primeiros aspectos de intimidade e refúgio aos afetos humanos. Voltar a casa em tempo integral pelo isolamento social é permitir um habitar transcendente pelo devaneio, que é negado em função às práticas de poderes em manter o funcionamento do trabalho e individualista ao comportamento humano. Vale ressaltar que “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio”. (BACHELARD, 1993, p. 201).

Nesta concepção, a simplicidade presente nos espaços permite a produção de novas subjetividades pela ressignificação de novos hábitos ao convívio familiar como o preparo dos alimentos, a limpeza da casa, as atividades em conjunto entre as pessoas e a diminuição do consumo externo ainda de maneira temporária. Com o decorrer do período de isolamento social, o capitalismo se apropria entre os espaços de fissuras e criar outras maneiras de continuar em atuação. Assim, aumento de compras pela internet e presença dos *deliverys* apresentam outras maneiras de ocuparem o espaço urbano à realidade em desenvolvimento.

O CONATUS DA CASA E AS FRESTAS COM O ESPAÇO URBANO

As medidas restritivas para a contenção do vírus da Covid-19 propiciaram a criação do espaço doméstico da casa como um dispositivo ao permitir uma troca entre as relações realizadas no espaço urbano agora serem feitas no interior dos lares imersos por singularidades. Neste desembranhar de associações, o ser humano tem sua potência afetiva em oscilação, gerando alterações no seu convívio e frestas neste novo ambiente.

Percebemos que ao longo dos anos as relações humanas se fundamentam nos deslocamentos entre pessoas e mercadorias na estruturação do sistema capitalista. O fator do isolamento como medida preventiva da vida humana se torna um elemento de consciência para mantermos a essência do ser neste contexto pandêmico. A partir desta ligação estabelecida por rizomas em devir, o indivíduo busca o *conatus*⁴ para se manter vivo e conduzir a essência humana entre mente e corpo neste estado. Spinoza nos aponta com a Ética III proposição 6 que: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”. (SPINOZA, 2009, p. 105)

Vale ressaltar que os corpos humanos passam por variações afetivas ao terem contato com a coisa por afecções, ou seja, atualmente a presença de um vírus do qual não se sabe muitas informações gera um desequilíbrio nas potências do ser. Assim, a definição de afeto nos permite compreender este acontecimento propiciado pelo isolamento social. “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada e diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2009, p.98). Percebemos a oscilação afetivas se ramificando pelas incertezas em disputa com o discurso de normalidade as atividades do espaço urbano adaptadas ao ambiente doméstico.

⁴ O termo *Conatus* vem do latim e significa “esforço”. O filósofo Baruch de Spinoza se utiliza deste conceito para estruturar a concepção da Ética proposta em sua obra e a compreensão da essência humana.

A intensidade de informações sobre o aumento do contágio da doença se expandem em progressão geométrica junto ao número de óbitos noticiados pela imprensa. A partir desta configuração instalada os afetos se potencializam de inúmeras maneiras no ser humano, gerando alterações nos ânimos. Dessa maneira, os afetos contrários provocam um modo de flutuação na mente entre a dúvida e a imaginação por meio dessas passagens subjetivas. O medo, a insegurança e a melancolia se bifurcam por meio do afeto primário da tristeza junto ao estado de alerta promovido com a doença.

O cotidiano das relações entre as pessoas no ambiente doméstico se apresenta por novas perspectivas em constante devir. Cria-se uma topologia íntima do imaginário na busca do equilíbrio entre a mente e o corpo para se manter no isolamento social. Para a autora Gabriela de Freitas, o conceito de topologia se associa por meio de aliança e entres, “a topologia se liga ao relevo. O relevo possui movimento: altos, baixos e pontos de destaque, o que pode se relacionar à forma como cada um percorre as experiências propostas” (FREITAS, 2018, p.110). Muitas pessoas começam a desvelar os cantos, os armários e abrir as gavetas no universo habitado em isolamento, o espaço da casa termina por ser convidativo a adentrar as frestas entre os afetos, às vezes, abandonados ou esquecidos pela agitação ocasionada pela sociedade contemporânea.

A restrição do acesso ao espaço urbano com o intuito de evitar o contágio dos seres humanos pelo vírus se relaciona de uma nova perspectiva para o ser humano. Uma nova paisagem é criada e emergida de novas simbologias para o social como dialogada pelo autor Nelson Brissac Peixoto. O espaço urbano esvaziado com a pandemia se torna uma lembrança e guardado nos cofres e gavetas das nossas casas. Assim, surgem vários registros do cotidiano por meio das imagens fotográficas e vídeos caseiros nesta tentativa de produção de subjetividades. Os rizomas se unem às singularidades promovidas ao estabelecer um diálogo entre as imagens mentais visíveis e invisíveis desde espaço da casa fundamentados pela topologia. O

tempo cronológico se compõe de outro ângulo e potencializa novas ligações entre o mundo da casa e o espaço urbano pela estética.

Peixoto nos diz que:

Trata-se de construir no construído, de criar lugar sem romper com a paisagem de que se pariu. Um espaço pleno de significado, um lugar carregado de símbolos da sociabilidade. Uma arquitetura voltada para a poesia da situação, impregnada pelo entorno, reinvestida do seu poder de evocação. (PEIXOTO, 2009, p. 336)

O movimento oscilatório composto pelos afetos termina por gerar novas ligações e compor memórias ao espaço habitado e de pertencimento. O espaço urbano alterado começa a interagir com a natureza velada pelo urbanismo exacerbado. O refúgio da casa emerge das frestas arquitetônicas nessa produção de subjetividades por meio de rizomas. A partir do método cartográfico, observamos o movimento do desejo nessa trajetória singular. Diante disso, para os autores Deleuze e Guattari, estas oscilações afetivas permitem compreender a potência em se viver principalmente nessa situação extrema de calamidade mundial através da estética. Ao seguirmos o caminho realizado pelos rizomas em um sistema aberto em construção de subjetividades nos possibilita ter novas perspectivas deste momento, “toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera pelo desejo por impulsões exteriores e produtivas”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

OS AGENCIAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DAS JANELAS AFETIVAS

As medidas restritivas de distanciamento social aliada ao estado de isolamento se tornaram um sinônimo de proteção e cuidado com relação ao contágio da nova doença desconhecida pelo

vírus da Covid-19. Desde a sua formação, o ser humano é um indivíduo gregário e o viver em comunidade é a base na constituição das suas potências afetivas. O corte abrupto das relações humanas termina por gerar fissuras no âmbito pessoal e compor um novo espaço em devir cujas janelas se constituem em brechas narrativas entre o mundo externo e interno.

O surgimento da janela na linguagem da arquitetura se definiu por meio de uma abertura entre os espaços objetivados. Para o autor Luís Antônio Jorge, desde o Renascimento até a Contemporaneidade, a tomada de consciência deste elemento físico proporciona uma sintaxe às ligações internas entre os ambientes e o ser humano, o que se assemelha aos as ideias presente na filosofia spinozista. A partir, desta orientação espaço-temporal, o ser humano se associa ao ambiente na composição de novas paisagens através da produção de subjetividades para o equilíbrio de sua existência.

A arquitetura descobria um mecanismo, um instrumento ordenador que transcendia o seu domínio no âmbito do espaço fechado, isto é, do seu interior, onde podia exercer controle absoluto, para atingir, de uma maneira mais contundente, o espaço exterior, para onde ela dirigia o olhar. (JORGE, 1993, p.108)

Percebemos a janela como essa região de formação de territórios externos e internos na composição humana. Segundo os autores Deleuze e Guattari, esses elementos de passagens criam agenciamentos, isto é, áreas transitórias que se fundamentam na composição de novas percepções de mundo. Vale ressaltar que “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.16). O ser humano ao ser afetado pelo estado de isolamento varia às potências internas nestas brechas existentes ao emergir os desejos para o movimento de suas ações no contexto pandêmico.

Novas perspectivas surgem no mundo globalizado construído pelos afetos gerados pela pandemia do Coronavírus e se estabelecem em uma cartografia social composta pelo desvelamento diário das subjetividades pelo isolamento. O espaço da casa onde a intimidade e o refúgio se constituíam também se tornam uma privação e controle de afetos. O movimento das linhas de fuga ao se desterritorializar pelos agenciamentos nos apresenta um encontro estético e perceptível de mundo.

Desse modo, o projeto *Cartografias do Isolamento*⁵ criado pelo Grupo de Pesquisa GECAE⁶ da Universidade de Brasília iniciou em Maio de 2020 com uma etnografia afetiva tendo como metodologia a cartografia subjetiva criada pela pandemia no contexto do isolamento social. Neste cenário, as relações corpo-espaço são modificadas e se impõe uma série de devires na reconfiguração da sociedade como um todo. Tendo em vista esta proposta, o material coletado por meio do envio de projetos de diversas regiões do Brasil e do mundo se aliou a um processo colaborativo com a comunidade. Uma gama de imagens, em especial, fotografias que se tornam ferramentas de análise para o estudo das vivências surgidas pelas as *produções de janelas* neste artigo.

Observamos o aspecto ocasionado por essas trocas entre o espaço interno e externo das relações humanas em isolamento na elaboração de um mundo próprio. A partir disso, a pesquisadora Gabriela de Freitas nos apresenta um fluxo na concepção estética da percepção. Segundo a autora, “a primeira etapa da percepção, portanto, iria do sujeito ao objeto, pois as pequenas percepções evocam a vibração na matéria do objeto, levando a uma percepção consciente pelo órgão receptor nesse mesmo sujeito e fazendo ambos coincidirem”. (FREITAS, 2018, p.120). Assim sendo, as janelas atuam como agenciamentos entre as relações mente-corpo ao conduzirem percepções do isolamento social.

⁵ Cartografias do Isolamento é um projeto de pesquisa criado por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília. Informações no site: <http://www.cartografiasdoisolamento.com.br/>.

⁶ GECAE - Grupo de Pesquisa em Espaço, Corpo, Arte e Estética do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Muitas autoridades mundiais decretaram o chamado sistema de *lockdown*, isto é, o bloqueio total para o controle da expansão dos vírus pelas cidades. O esvaziamento das ruas promoveu uma nova configuração da paisagem urbana, uma espécie de deserto onde as pessoas só poderiam ter o contato com o espaço urbano para o uso de serviços essenciais para a sobrevivência. As janelas residenciais abriram brechas às narrativas comunicacionais e diversas subjetividades emergiram o movimento da cartografia social feita pelo isolamento.

As fotografias criadas a partir do confinamento se aliam a diversas vivências no espaço urbano por meio de conexões entre as multiplicidades do coletivo. Observamos a foto 1⁷ realizada na região de Castellón de la Plana localizada na Espanha. Algo se assemelha a uma espécie de cartaz pendurado na varanda de um prédio residencial. O pano branco se torna uma tela com letras coloridas, com um desenho de uma casa e com um arco-íris. A forma como a caligrafia é reproduzida parece ser a letra de uma criança com o seguinte dizer: “*Eu fico em casa*”⁸. A frase é uma reflexão e aprendizado pelo viés de uma criança ao cuidado de se isolar e prevenir diante da configuração instalada nas cidades. A partir deste enunciado, cria-se um imaginário urbano instaurado à nova realidade. Para o autor Armando Silva ao concebermos estes imaginários urbanos, “podemos entender não apenas sobre os meios de comunicação de massa, mas acerca de toda imagem em giro pela cidade para despertar imaginários coletivos”. (SILVA, 2011, p.12). Desta forma, as conexões entre as imagens midiáticas veiculadas unidas às produções de subjetividades do indivíduo permitem um olhar à cidade apresentada.

⁷ Imagem disponível no site: <https://www.cartografiasdoisolamento.com.br/>.

⁸ Tradução nossa: “*Yo me quedo em casa*”.

Foto 1: Imagem do Projeto Cartografias do Isolamento



Fonte: André Medeiros (2020)

A disposição arquitetônica das varandas no espaço urbano são elementos fronteiros entre o ambiente interno e externo da casa. Percebemos esta composição espacial em tempos de confinamento como uma área de encontro à vivência afetiva. A partir da janela da fotógrafa se apresenta uma fresta na composição do dispositivo do olhar para o mundo pandêmico. A foto 2⁹ produzida no estado de Minas Gerais, região central

⁹ Imagens disponíveis no site: <https://www.cartografiasdoisolamento.com.br/>. Acesso em 10 ago. 2020

de Belo Horizonte permite refletirmos sobre as cartografias produzidas pelas subjetividades do isolamento. A área externa presente na varanda se torna um cenário de abertura aos devires registrada pelo enquadramento. Segundo o autor Nelson Brissac Peixoto, “tentativa de restabelecimento da urbanidade, arquitetura de pequenos gestos e lembranças: redescoberta da cidade e a descrição arquitetônica pressupõe um pertencimento”. (PEIXOTO, 2009, p. 336).

Evidenciamos pelo enquadramento da fotografia que grupos pequenos de pessoas em cada varanda ao observar o espaço. O instante captado pela imagem nos apresenta um encontro inusitado do indivíduo ao olhar o andar de baixo pela sacada. Quiçá, o som emitido pela conversa em paralelo no andar de baixo tenha instigado ao agenciamento afetivo. Desta forma, o encontro entre o sujeito e o espaço urbano emerge um agenciamento de ações pelo *conatus* da situação em busca do equilíbrio das potências do ser e a sensação de pertencimento.

Somos seres movidos pela relações entre mente-corpo e nossa base afetiva é composta pela alegria na composição de nossa essência de acordo com a Ética spinozista. Qualquer instante que temos contato com o próximo seja de maneira inusitada pelos sons, pela visão ou olfato, os sentidos são variados e as durações ampliam a dimensões estéticas através de topologias imaginárias. A autora Marilena Chauí resgata estas interações pela estética aliados ao diálogo da ideia imaginativa tal qual refletiremos a importância do encontro no espaço urbano comum e a restrição ocasionada pelo isolamento social.

Nascida de encontro corporais na ordem comum da Natureza, a imagem institui o campo da experiência vivida como relação imediata e abstrata com o mundo. Imediata, porque contato direto de nosso corpo com os outros corpos. Abstrata, porque fragmentada, parcial, mutilada. (CHAUÍ, 1995, p. 61)

Foto 2: Imagem do Projeto Cartografias do Isolamento

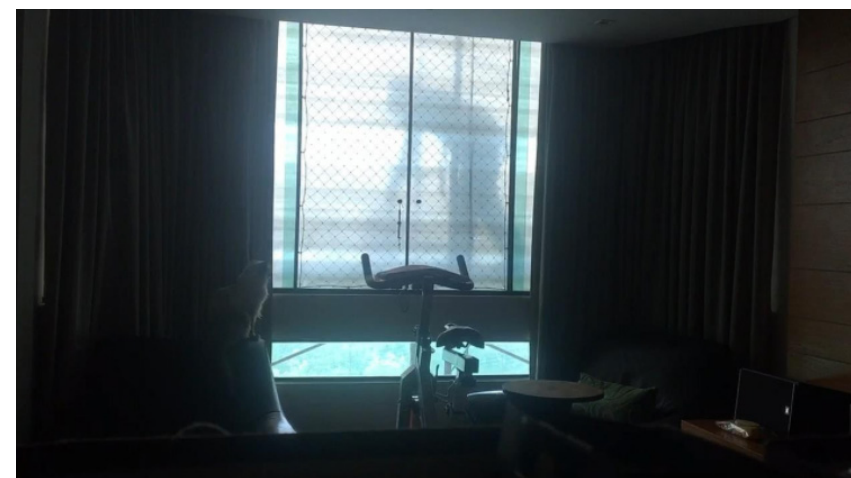


Fonte: Letícia Santana (2020)

Vale ressaltar que o isolamento social gerou um desvelamento de inúmeras brechas da desigualdade social presente nas sociedades mundiais. Antes, o esvaziamento das cidades no início da pandemia era o sinônimo de proteção e controle a vidas. Hoje, o cenário se configura de maneira distinta emergindo as micropolíticas compostas pela cultura capitalista com o retorno de indivíduos ao espaço urbano em função do trabalho.

O frame do vídeo¹⁰ representado pela foto 3 foi feito pela janela de um apartamento na área nobre da cidade de Brasília. Observamos um trabalhador da construção civil em ação. Aliás, este setor como muitos outros na cadeia econômica não pararam em nenhum momento com a pandemia e seguiram os cânones da produção capitalista, gerando um processo de dependência. De acordo com o livro *Cartografias do Desejo*, “é óbvio que a classe operária garantida não tem mais absolutamente essa potencialidade revolucionária, pois ela vive na dependência – e na contradependência dos sistemas elitistas que literalmente a estraçalham” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.189). O isolamento social para muitos trabalhadores nunca se tornou um direito à inerente realidade. Desta forma, as dificuldades de obter dinheiro para a sobrevivência e os cuidados com a doença desconhecida se chocam com o complexo entrelaçado de adversidades presente com as micropolíticas no âmbito desta sociedade.

Foto 3: Frame do Vídeo do Projeto Cartografias do Isolamento



Fonte: Francinne Amarante (2020)

¹⁰ Vídeo disponível no site: <https://www.cartografiasdoisolamento.com.br/>. Acesso em 10 ago.2020.

Assim sendo, a janela do apartamento nos apresenta uma imagem em contraluz. Não conseguimos identificar o rosto do indivíduo em questão, mas os movimentos corporais em ação e a estrutura erguida pelo guindaste de apoio criam o contexto em reflexão. Nesta perspectiva, o medo e a insegurança terminam por ser movido na produção destas subjetividades em operação pelo trabalhador cujas janelas emergem os afetos além da doença provocada pela Covid-19 em uma cartografia social presente em processo com os devires urbanos.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Partindo do pressuposto de compreendermos o espaço doméstico da casa e a configuração de devires e agenciamentos promovidos pelo isolamento social. Pode-se afirmar que os afetos movem a produção de subjetividades por meio de janelas na vida humana no contexto pandêmico.

O espaço da casa se torna um dispositivo na composição territorial entre os mundos externos e internos do indivíduo. A partir do esforço em estabelecer o equilíbrio das vivências sendo essas através dos imaginários e de novas percepções, o homem em devir busca singularidades para potencializar seus afetos em meio ao isolamento social. Nesta tentativa diária, os agenciamentos estabelecem passagens ao estabelecer os ânimos na condução das ações em meio ao desconhecido contexto promovida pela pandemia de Covid-19.

Em suma, a reflexão provocada pela construção de janelas pela produção de subjetividades através do isolamento social apresentou uma rede de conexões entre as imagens e suas frestas presente nos imaginários afetivos na compreensão do ser humano nessa situação de pandemia no espaço urbano. A busca pela criação da vacina contra o vírus da Covid-19 se torna uma dos grandes desafios da humanidade na contemporaneidade ao unir o propó-

sito das multiplicidades em prol do coletivo de sobrevivência. A partir dos agenciamentos e devires estabelecidos, o diálogo sobre o isolamento social se torna um instrumento de proteção e cuidado como alternativa até o momento conhecida enquanto a esperança é o afeto que potencializa janelas à vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**: Projeto Periferia, 2003, *E-book*.

DELEUZE.& GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. I**. São Paulo: Ed.34, 1995.

FREITAS, Gabriela de. **Estética em Fluxo: experiência e devir entre artimídia e comunicação**, 1.ed – Curitiba: Appris, 2018.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo** – 4ª ed – Petrópolis, Vozes, 1996.

JORGE, L. A. **A Sintaxe da Janela**. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, (4), 107-112, 1993.

MARTINS, Iasmin. **Os afetos na pandemia: algumas considerações filosóficas e psicanalíticas**. N-1 edições, 2020. Disponível em <https://n-1edicoes.org/118>. Acesso em 18 de setembro de 2020.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: 4ªEd – Senac , São Paulo, 2009.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011

SPINOZA. **Ética**; Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte; Ed. Autêntica, 2009.

Webgrafia

<https://www.cartografiasdoisolamento.com.br/>

Cartografando esquadros: quando a rua descola a retina psi

Robert Santos do Carmo¹
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos²

RESUMO

Este artigo propõe-se a acompanhar um processo formativo a partir do esquadro de psicólogos(as) no encontro com a rua, ao mesmo tempo em que esquadrinha discursos sobre a rua produzidos no período pandêmico. Para tanto, utilizamos registros mnêmicos e escritos de estágios realizados na graduação, fragmentos de uma roda de conversa e do Fórum Pandemia na Rua. Ensaia-se, assim, uma escrita-experiência, por meio da qual o encontro com a rua produz deslocamentos à formação, à clínica, à cidade.

Palavras-chave: Formação. Psicologia. Rua. Cidade. Pandemia.

ÀS VEZES, PARECE SER PRECISO DESCOLAR A RETINA PSI

*Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela? Quem é ela?*

¹ Psicólogo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: robertcarmo6@gmail.com.

² Psicóloga, professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: michelevasconcelos@hotmail.com.

Eu vejo tudo enquadrado

Remoto controle.

(Esquadros – Adriana Calcanhoto)

Dizem que a pandemia exasperou as desigualdades. Andam dizendo que um maior número de pessoas da cidade passou a se pre-o-cu(l)par³ com as que estão em situação de rua, como se antes não tivesse sido possível vê-las. Mas, como se vê? Será que a cidade não via a rua, o povo da rua? Que os transeuntes urbanos não encontravam pessoas em situação de rua em seus percursos? Que pelas janelas dos carros não era possível vê-las? Que imagens e corpos eram/são enquadrados pelas janelas? Que esquadros enquadram a visão?

“Com o sangue de quem foram feitos os meus olhos?” (HARAWAY, 1995, p. 25). Essa pergunta desassossega, pois faz pensar que modos de conhecer constituem modos de ver; e que modos de ver instauram modos de viver. A essa altura, depois de muito olho ardido pelo calor que emana do chão das ruas, já sabemos que nossos olhos psi foram educados para prescrever modos de vida, retirando-lhes a potência da diferença. Com Haraway, também aprendemos que “lutas a respeito do que terá vigência como explicações racionais do mundo são lutas a respeito de como ver” (ibidem, p. 28). Explicações racionais às vezes parecem encobrir do que se trata a força do capital: produção e apropriação de nossos desejos, de nossas maneiras de ver, de perceber e de sentir. E nossos olhos psi aprenderam a não se confrontar com o (des)território de vidas trágicas e com a tragicidade da vida. Nossos olhos psi aprenderam a prescrever uma moral a conduzir vidas “cara limpa”, numa cidade mais limpa ainda. Em shopping center, não cabe o trágico e a crueza da vida. Um dia desses, nos encontramos com Didi-Huberman (2008, p. 208):

Assim como não há forma sem formação, não há imagem sem imaginação. Então, por que dizer que as imagens poderiam “tocar o real”? Porque é um enorme equívoco querer fazer da imaginação uma pura

³ Adiante explicaremos por que fazemos essa instalação na palavra preocupar.

e simples faculdade de desrealização. Desde Goethe e Baudelaire, entendemos o sentido constitutivo da imaginação, sua capacidade de realização, sua intrínseca potência de realismo que a distingue, por exemplo, da fantasia ou da frivolidade. É o que fazia Goethe dizer: “A Arte é o meio mais seguro tanto de alienar-se do mundo como de penetrar nele” (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 208).

E cá estamos nós, a confabular um desejo infante, verde, imaginando outras práticas psi, quando estas ousam abrir as janelas, sair dos laboratórios e dos consultórios, tocar o chão da rua, pisar ali onde a vida germina, entre o mortífero e o embrionário, mesmo com o risco de descolar a retina.

“ABRA MÃO DO DESTAQUE E VEM PRO CHÃO SAMBAR⁴”

*Qual a consequência dessa luz para o meu olho que
procurava? Qual a consequência para o meu olho
que, deixando de procurar, fitou o solo?*
(Casca - Didi-Huberman)

Foto 1: São João do Consultório na Rua



Fonte: Acervo pessoal, 19 de junho de 2019.

⁴ Patrícia Polayne, cantora e compositora sergipana, em Sapato Novo, no álbum O Circo Singular de 2009.

Não passaria⁵ o aniversário com meu pai, como de costume, pois moramos em cidades diferentes, assim o fora desde cedo, tanto pelas modificações na dinâmica familiar, quanto pelas escassas oportunidades de emprego. Alfabetizado, com o ensino fundamental incompleto, migrante desde quando a minha memória permite alcançar. As ondas eletromagnéticas do celular servem-nos de passagem para nossos afetos antes mesmo da pandemia, encurtando a distância que se fizera necessária.

Tem sido compartilhado neste período, seja nos meios midiáticos ou nas conversas entre pares, que a pandemia igualou as necessidades. Aparentemente, ricos e pobres vivenciam juntos uma situação social, econômica e ecológica similar imposta pelo coronavírus. A cidade, a rua, nos dizem outra coisa. Apesar da incidência do vírus nos diferentes bairros, especialmente nos de classe média e alta, a taxa de letalidade da doença privilegia bairros com indicadores socioeconômicos mais escassos⁶, colocando em questão “as diferenças raciais e geopolíticas do sofrimento” (BUTLER, 2020). Privilégio e pobreza puderam se reencontrar, como o fazem desde o Período Colonial. Neste sentido, como não parece óbvio, é preciso dizer que a pandemia não igualou as necessidades.

Outro argumento é que a crise sanitária que estamos submetidos escancarou a desigualdade social. No entanto, como sabemos com Paul B. Preciado (2020)⁷, crise diz respeito a algo momentâneo, e o que vivenciamos opera em outra lógica e temporalidade, não em decorrência da imprevisibilidade da distribuição de anticorpos que anulem o risco de contágio, mas pelo sistema estrutural e estruturante capitalista-exploratório que sucateia a ecologia e os

⁵ Utilizaremos a primeira pessoa do singular quando acharmos necessário para localizar a experiência de um dos autores ou por questões de estilo.

⁶ <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/08/07/estudo-da-ufs-avalia-taxa-de-letalidade-da-covid-19-em-aracaju.ghtml>. Acesso em 03/09/2020.
<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/07/03/taxa-de-mortalidade-por-covid-19-em-aracaju-aumentou-783percent-nos-ultimos-15-dias-diz-estudo-da-ufs.ghtml>. Acesso em 03/09/2020.

⁷ “Aprendendo do vírus”. Série Pandemia Crítica, pela editora N-1 Edições.

corpos. Importa questionar: o que faz este vírus escancarar a desigualdade social, se é que o faz? Ou, ainda, como isto se dá? Ele introduz algo de novo? Pensando com esse cenário e essas questões, partimos do lugar de psicólogos(as) no encontro com a rua⁸.

Em recente evento de discussão da atuação com a população em situação de rua, uma psicóloga e referência técnica fez a seguinte provocação: *será mesmo que a vida deles é tão diferente da nossa?* Tomei com sobressalto esta pergunta. Será?

Cheguei ao Consultório na Rua como estagiário de psicologia em 2017. A escolha dos estágios se deu em uma sala com todos os meus colegas, onde o professor dizia os nomes dos campos disponíveis nas diversas áreas (saúde, educação, assistência) e procurávamos conversar e entrar em um consenso quanto ao campo. Quando ouvi “Consultório na Rua”, meus olhos saltaram, lembro de ter ficado *afobado*⁹ e feliz ao mesmo tempo, no entanto, pensava se não era o momento de experienciar outro campo, haja vista que tinha feito estágio no Projeto Redução de Danos nos semestres anteriores¹⁰. Todavia, antes que pudesse titubear, a fala do professor irrompe: *Esse campo combina com você*. Sorri e confirmei – com uma pulga atrás da orelha: combina comigo? Por que ele acha que combina comigo?

As respostas para estas perguntas que coçam a cabeça ainda estão ganhando formas, no entanto, nos ocupamos aqui de cartografar uma experiência com a rua que parece descolar a retina da psicologia. Não só, que borra o capital, entendendo este como um sistema imanente (DELEUZE, 1992) que reúne as condições para o surgimento de um eu individualizado e, por sua vez, para a ciência psicológica (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

⁸ As reflexões e os trechos da roda de conversa contidos neste artigo é parte de pesquisa de mestrado em curso.

⁹ Nervoso, apressado.

¹⁰ Tanto o Projeto Redução de Danos quanto o Consultório na Rua trabalham com a população em situação de rua (PopRua), no entanto este último se configura como um serviço de saúde da atenção básica de referência para a PopRua.

E o senhor, não vai falar nada não?, me perguntou descontraidamente o jovem que acolhíamos no Consultório na Rua.

– *Você não vai entrar?*, pergunta Rosa, usuária do serviço, querendo saber se eu entraria na sala do consultório enquanto ela era atendida.

A pergunto: *você quer que eu entre?* e ela retrucou *tanto faz*, sorri e entrei. Foi também Rosa, em outro momento em que a encontrei pelas ruas, que disse enquanto conversávamos (eu em pé e ela sentada, pedindo alguns trocados): *Se abaixe!*¹¹

Como adiantamos, a história da psicologia é colada ao projeto naturalizante de subjetividade que sustenta teorias e práticas psicológicas que afirmam um “eu” individualizado, abstrato e a-histórico, semelhantemente às noções de saúde, doença, corpo e morte, que passam a ser vistas como evidências naturais, objetivas. Com efeito, é na cultura profissional¹² que estas construções teórico-políticas ganham proporção. Ou seja, este projeto naturalizante de subjetividade cola-se no conjunto de ideias, pontos de vista, modelos de atuação, referenciais teóricos e nas formas de organização e representação dos(as) profissionais de psicologia.

Imbuídos e seduzidos por esta ideia-projeto e pelas diferentes teorias estritamente psicológicas que a sustentam, compreendemos que, no âmbito das políticas públicas de saúde e assistência, seja perfeitamente possível fazer uma psicologia *raiz*¹³ funcionar. Todavia, a diversidade socioeconômica e cultural dos profissionais e da clientela também influencia na perspectiva de subjetividade, na concepção de saúde-doença, na expectativa quanto ao tratamento e nos ideais de cuidado-cura que adotam (DIMENSTEIN, 2000, p. 101). Dito de outro modo, nem tudo é transferência, contratransfe-

¹¹ Registro mnêmico de estágio curricular no Consultório na Rua, em Aracaju/SE, em 2017.

¹² Conceito desenvolvido em Dimenstein (2000).

¹³ Para brincar com o trocadilho *raiz* e *nutella* que é utilizado nas redes sociais para fazer um contraponto entre as ideias antigas, autênticas ou originais e as flexibilizações, cópias ou ‘gourmetização’. Em nosso caso, mesmo uma suposta psicologia *nutella* (leia empreendedora) não difere da lógica *raiz*, a atualizaria.

rência e rapport. Ou, ainda, a pobreza produz narrativas próprias (e múltiplas) em torno da subjetividade e da dinâmica saúde-doença; faz a psicologia amargar, deslocar a visão. A realidade brasileira e a pobreza funcionam, elas mesmas, como resistência, em um sentido psicanalítico talvez, não da clientela, mas da psicologia, da fábrica de interiores¹⁴, em um sentido foucaultiano, talvez.

*Quando Juvêncio apareceu
Mascava uma raiz de pobreza coisa que serve!
E cuspiu dentro de casa o amargo em nós.
(Manoel de Barros)*

Aí uma outra cena que me vem é... foi de uma festa no CAPS que eu trabalhava e lá tinha uma pegada muito do hip hop, né? E aí eles eram a galera do hip hop da galera da zona leste de São Paulo e eu era a nordestina, porque eu também era diferente... eu também era uma cois... eles eram diferentes pra mim, porque eles tinham um sotaque apegado, “mano”, não sei o que, e eu era a nordestina, né?, que eles me imitavam o tempo inteiro, e aí rolou uma festa que a gente dançou muito, todo mundo junto... e eu me lembro a sensação física de todo mundo dançando e eu nunca tinha dançado hip hop, eu nunca tinha dançado aquilo e todo mundo suado, todo mundo misturado, aquela coisa... com a sensação de corpo mesmo. Quando eu cheguei eu falei “que doidera, e eu sou psicóloga de lá, né? Boto fé”. Quer dizer que eu sou psicóloga e tava trabalhando lá, né?, é assim que a gente faz clínica no CAPS.¹⁵

Não conhecemos as habilidades da entrevistada com a dança e muito menos o cheiro de seu perfume preferido ou do que utilizara para ir ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que trabalhava,

¹⁴ Baptista (2000) utiliza este termo para se referir à psicologia, haja vista a sua condição enquanto arrimo do capital, do projeto civilizatório e capitalista de construção dos “eus”.

¹⁵ Fragmento de roda de conversa que realizamos com psicólogas(os) que trabalham com redução de danos.

nem se ao menos usava perfume. Entretanto, ao imaginar que todos dançavam, misturados, suados e que havia uma “sensação de corpo”, deduzimos que esta experiência tinha cheiro e que os cheiros de lavanda se misturavam com outros odores (BAPTISTA, 2000).

Eu que sempre gostei de perfumes ainda não havia parado para pensar sobre o meu cheiro, não o do meu corpo, mas o do meu corpo perfumado. Isto me ajudou. Em um determinado dia, anterior à pandemia, vou a uma cerimônia de formatura e utilizo um transporte de aplicativo para me deslocar até o local do evento. O motorista parou o carro do outro lado do condomínio em que moro, atravesso, entro no carro e desejo boa noite. Ao dar a partida, ele comenta: “senti seu perfume quando você apareceu na rua”. Alegre com o comentário dele, afinal, gosto de me sentir perfumado, respondo “Foi? Isso é bom, né?”. Ao que prontamente ele diz: “deve ser caro”. No momento disse apenas que não sabia o preço, pois havia ganhado, todavia, pus-me a ruminar isto posteriormente. Não era a primeira vez. Em um almoço familiar, um dos convidados da minha mãe dissera: “ele tem cheiro de rico”. O meu corpo tem cheiro de branco, de classe média, de lavanda, de psicólogo e é esquadado por eles.

A psicologia funciona como um estabelecimento fabril, suas técnicas fabricam indivíduos. Distantes do dia a dia e da luta social, a psicologia produz discursos cheirosos, preparados e maduros, roupas nos conformes, gestos, cores que não são as de Frida Kahlo¹⁶, vozes e ruídos que lhe são próprias (BAPTISTA, 2000). Mas, ao se esbarrar com os restos que agitam os automatismos do dia a dia, ao se imiscuir no cotidiano daqueles que pretendem “tratar”, ao ouvir não sintomas individuais, e sim do nosso tempo, ao escutar ressonâncias da luta social, borra-se a disciplina Psicologia, o *setting* sai do lugar e, com isso, as noções de núcleo e campo¹⁷.

¹⁶ Referência à música “Esquadros”, de Adriana Calcanhoto (1992).

¹⁷ Núcleo se refere a um conjunto de saberes e práticas que delimitam a identidade de uma área do conhecimento ou de uma profissão, e campo a um espaço de limites indefinidos onde há a confluência entre diferentes disciplinas e profissões (CAMPOS, 2000).

Difícilmente o cheiro de lavanda e de pele negra, pobre e suada da labuta se encontram¹⁸. Difícilmente o cheiro de lavanda psi e o cheiro de álcool barato, cigarro de pacaio se encontram. Difícilmente o cheiro de psicólogo e de povo se misturam. Perfumamos as clínicas, criamos roupas apropriadas para a ida ao psicólogo, roupas de psicólogo, clínicas de psicólogos, cores de psicólogos, sorrisos de psicólogos, cara de paisagem de psicólogos, entre tantos outros aparatos *psis*.

(...) o que porra tem a ver com a Psicologia isso que eu tô fazendo aqui?

Porque na clínica da toxicomania tinha tudo, um birô (bate na mesa), tinha um setting colocado, tinha um roteirinho estruturado de perguntas, né...

– Marcado, né?

– É... marcado, você sentava e esperava. Quando você vai na rua tem toda uma série de outras coisas que você começa a prestar atenção e ser provocado, né, é... quando as pessoas começavam a conversar ‘como é que você sai dessa escuta de ficar procurando os elementos pra poder tá com uma escuta mais aberta assim, o que é que vai vir?’ Então cada dia era uma novidade.

Não é novidade também que a inserção da ciência-profissão *psi* nas políticas públicas traria impactos substanciais¹⁹. O encontro de epistemes, clientelas, espaços e territórios múltiplos interpela modos de fazer e sensibilidades outras. A diferença interpela,

¹⁸ Não há aqui a intenção de encasquetar com uma identidade ou de negar que peles negras também podem ter cheiro de lavanda, porém, inspirados em Baptista (2000), utilizamos este fato – não uma metáfora, como ele bem explica –, para elucidar que a desigualdade social também tem odor; e historicamente a população negra tem suas carnes vituperadas como fétidas.

¹⁹ A tese da Prof.^a Sílvia Leser de Mello Pereira, em 1975, já apontava como hipótese que “o encontro com outras dimensões do fazer psicológico, distante da demanda dos neuróticos da classe média nos consultórios particulares seria um acontecimento com efeitos irreversíveis no contexto da formação” (FERREIRA NETO, 2010, p. 134).

transvê o mundo (BARROS, 2010, p.350)²⁰. Interpela a ciência, a profissão, em nós. Dito de outro modo, “o encontro é uma ferida. Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos”²¹.

Talvez nem todos os encontros alarguem os possíveis e pensáveis, mas, sobretudo, ferem. Nos feriu, no corpo, na sexualidade, nos olhos, nas certezas. Havia alegria na rua e havia desejo de estar na rua também. Rosa, moradora de rua que me pedira para se abaixar, contava que gostava da rua. Tinha sido educadora social, tinha família e tinha casa com muros e telhados. Contudo, na rua tinha encontrado uma maneira de estar no mundo, um cantinho no mundo para chamar de seu. Estranho lembrar somente agora e ter esquecido por tanto tempo que, ao ouvi-la, titubeei, pois pensava que havia uma possibilidade para ela – fora do que desejava, como se, iludido²² pela concepção de desejo, de cidade e de casa que adotava, julgava que havia um entorpecimento ou embriaguez em suas concepções, e não nas minhas, ou nas nossas.

Como nos entorpeceria? A minha formação me fizera pra brilhar, não para titubear. Além disso, a moral me fizera sóbrio, sério – aliás, nos fizera, a seriedade é um projeto civilizatório (NIETZSCHE, 1988). Não conhecia as sensações e as percepções corporais em decorrência do uso de quaisquer drogas estereotipadas, seja álcool ou maconha, embora tivesse lido-as cuidadosamente nas aulas de psicofarmacologia. O encontro, por sua vez, (des) entorpece, dói, sangra, alivia, arrepia, deixa ciscos nos olhos, tira (ou melhor, finca) os pés do chão, só não nos deixa ilesos²³. O encontro nos faz

²⁰ Manoel de Barros em “Menino do mato” (2010).

²¹ João Fiadeiro e Fernanda Eugénio em Conferência-performace Secalharidade (2013).

²² Utilizamos “iludido” para nos referir à discussão feita anteriormente sobre o projeto de “eu”: intraindividual, a-história, livre; e de uma ciência psi capaz de representar a verdade das coisas e orientar-nos em uma liberdade dentro da Ordem (FIGUEIREDO, SANTI, 2008; BAPTISTA, 2000).

²³ Referência à música “Ileso”, de Alex Sant’Anna (2015).

brilhar pelo titubeio, brilho de gente²⁴ e não de engrenagens psi agrimensando gente em fôrmas institucionais e subjetivas, fazendo-as morrer de fome, de sede e de falta de vida, de viço.

Dito isto, cabe retomar a pergunta feita pela psicóloga. *Será mesmo que a vida deles é diferente da nossa?* Na ocasião, ela também contara que a pandemia não igualou as necessidades e que escancarou as desigualdades. Aponta que um maior número de pessoas da cidade passou a se pre-o-cu(l)par com as que estão em situação de rua, como se antes não houvesse sido possível vê-las.

SERÁ QUE ANTES A CIDADE NÃO VIA A RUA?

Retomemos as perguntas que abrem esse ensaio: Como se vê? Será que antes a cidade não via a rua, o povo da rua? Que os transeuntes urbanos não encontravam pessoas em situação de rua em seus percursos? Que, pelas janelas dos carros, não era possível vê-las? Que imagens e corpos eram/são enquadrados pelas janelas? Que esquadros enquadram a visão?

Em Quadros de guerra (2015), Judith Butler escreve que “a condição de ser reconhecido precede o reconhecimento” (p. 19). Somado à compreensão de Althusser retomada em Eribon (2008), podemos entender que não há uma sucessão temporal em ser interpelado pelo mundo (pela ideologia, pelo capital, pela ciência, pela cidade etc.) e, posteriormente, se reconhecer como algo ou alguém que compõe este mundo. Os discursos, discursivos, gestuais ou imagéticos, como os esquadros, são *sempre-já* presentes, produtores de sentidos, de corpos e de reconhecimento. Dito de outro modo, isto significa que “não há vida nem morte sem relação com um determinado enquadramento” (BUTLER, 2015, p.22).

Tendo isto em vista, Adriana Calcanhoto foi certa ao dizer que vê tudo enquadrado, se bem que não há uma forma de

²⁴ Lembrando de Caetano Veloso (1968) em “gente é para brilhar, não para morrer de fome”.

ver que não seja enquadrada. A moldura, o quadro, servem ao olhar como contorno e vice-versa, como forma de contornar e delimitar, como quando na escola, por exemplo, as professoras treinam as crianças a contornarem as letras e imagens. Ao pedir repetidamente, durante semestres, que isto aconteça, a escola está produzindo uma ação a partir de uma perspectiva de aprendizagem que privilegia determinados traços estéticos, éticos, políticos, pedagógicos e de desenvolvimento. “As crianças são presos políticos (DELEUZE, 1992, p. 57). Contornos parecem virar mordaças de movimento e sentido, contenções do fluxo da vida e a linguagem (das letras, das palavras, dos gestos) fulgura como mapa político a que nós estamos presos.

A estas ações Foucault nomeia de tecnologias do eu, ou seja, práticas ou técnicas que provocam determinado comportamento, a rigor disciplinado e controlado. Deste modo, as tecnologias do eu implicam em uma ação sobre o corpo (olhos, mãos, movimento etc.) mediante uma governamentalidade, uma conduta da conduta, com a finalidade de produzir, moldar, guiar, normalizar e individualizar, produzir sujeitos (MARSHALL, 1994):

Intrínseca à condição cultural própria do humano e moldada por seu imaginário, a função do sujeito é nos capacitar para decifarmos as formas atuais da sociedade em que vivemos. Tal decifração se faz pela prática da cognição, viabilizada pela inteligência e pela razão, a partir do que nos indicam nossas capacidades de percepção e sentimento [...] marcadas pelos repertórios de representações socioculturais que estruturam o sujeito e a linguagem. Nessa esfera de experiência subjetiva – sensorial, sentimental e racional – o outro é vivido como corpo externo, separado do sujeito (ROLNIK, 2018, p. 110).

Lavem as mãos, usem máscaras, mantenham a distância uns dos outros, usem camisinha, façam terapia, meditem, rezem, são inumeráveis as formas de governamentalidade exercidas pelos dispositivos (LARROSA, 1994).

Larrosa (1994) distingue “cinco dimensões fundamentais que constituem os dispositivos pedagógicos de produção e mediação da experiência de si” (p. 58), entre elas, destacamos a dimensão ótica. Em Foucault, visibilidade diz de “qualquer forma de sensibilidade, qualquer forma de percepção” (p. 60), o que significa, por sua vez, que todo dispositivo, seja a prisão, a fábrica, o hospital, a escola ou a ciência, expressa-se como máquinas óticas, máquinas de ver, que tornam visíveis determinadas pessoas (presos, trabalhadores, doentes, estudantes ou grupos de risco) para garantir o funcionamento dos processos produzidos pelos dispositivos (reparar, produzir, tratar, ensinar ou monitorar).

Desse modo, tanto o que se vê quanto quem vê são variáveis dos regimes de visibilidades, que, a um só tempo, abre o objeto ao sujeito e o sujeito ao objeto, de maneira que “determina aquilo que se vê ou se faz ver, e o alguém que vê ou que faz ver. Por isso o sujeito é uma função da visibilidade, dos dispositivos que o fazem ver e orientam seu olhar” (LARROSA, 1994, p. 61-62). Isto é, vemos mesmo tudo enquadrado, mesmo porque o corpo não é um objeto do poder, mas adjetivado pelo próprio poder (PRECIADO, 2020).

Quando pensamos nas relações que a cidade estabelece com as pessoas em situação de rua, no contexto do novo coronavírus ou não, é importante que coloquemos em análise os regimes de visibilidades. Não porque passaremos a eleger quais sejam bons ou ruins, mas, em contrapartida, para que possamos nos ocupar da governamentalidade das condutas e de seu quadro moral. Nossa aposta é em deslocar o olhar, a fim de que possamos ver, mas “com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as ‘visibilidades’ [...], é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades. E a visibilidade de uma época é o regime de luz, as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas” (DELEUZE, 1992, p. 123-124). Ver também para imaginar, abertura do olhar em fluxo de invenção de si e de mundo.

Começamos, portanto, pela “etiqueta de higiene” mais falada neste período: lavem as mãos. Denise Sant’Anna (2020) nos

mostra que tal gesto nem sempre foi consenso entre os médicos, ou mesmo obrigatório, mas se deu a partir da inventividade de um médico ao supor que a não lavagem das mãos (dos médicos) poderia estar influenciando na febre puerperal entre as gestantes. Na época, a morte de mulheres durante o parto era percebida como comum, especialmente de mulheres pobres. Assim, atrelar estas mortes ao gesto médico de lavar as mãos seria lhes imputar um erro, o que veio a ser um grande desacato aos doutores.

Os estudos em microbiologia avançaram e fizeram deste gesto um item obrigatório e incontestável, mas, no tocante às mulheres, especialmente pobres e negras, sabemos que ainda sofrem violações ou morrem em trabalho de parto, provavelmente não em decorrência da ausência deste gesto - agora hábito, item de etiqueta -, mas pela violência obstétrica. A desigualdade social continua se impondo, inclusive quando se supõe que “os pobres têm mais micróbios que os ricos” (SANT’ANNA, 2020).

Na história das pandemias, a caça aos culpados é um gesto predominante. O percebemos no instante em que a lógica hospitalar alcançou o nosso fórum íntimo, a ponto de confabularmos quase que persecutoriamente se estamos limpos o suficiente, se não há em nossos corpos ou nos objetos em que manuseamos traços humanos de pessoas infectadas. A tragicidade do vírus e a porosidade dos objetos denunciam uma dimensão racial e geopolítica do sofrimento, no qual os(as) entregadores(as) de comida, usuários(as) do transporte público, motoristas (uberizados/as ou não) e pessoas em situação de rua estão submersos (SANT’ANNA; BUTLER, 2020). Ou, ainda, denunciam a pobreza e fazem o capital borrar, o que também pudemos ver facilmente, não sem menos persecutoriedade - do mercado e do governo.

ENTREM E SE ABAIXEM

Não vai entrar? Se abaixe. Não vai falar nada? Expressões como essas, que parecem triviais, convocam questionamentos

acerca da (minha, nossa) formação em psicologia como um saber especializado. Além disso, convocam também questionamentos acerca de uma formação entendida como educação pedagogizada, com conteúdos prescritos, estruturando o campo de ação das pessoas, constituindo posição de sujeitos, modos de ser psicólogo, modos de (nos) conduzir como profissionais psi. Na verdade, a potência dessas questões-pedidos está em parecerem triviais, em fazerem parte do comum, do cotidiano, quando fazer parte do cotidiano parece ser o incomum na psicologia. Ao ser convidado a falar, entrar e se abaixar, faz-se um convite também à ciência, nesse caso, à psicologia a adotar uma (outra) práxis, a se abaixar, sair de seu pedestal, dos *settings* fechados da academia, dos laboratórios e dos consultórios e arriscar uma outra cara menos limpa, um outro cheiro que não o de lavanda, imiscuindo-se na vida, na rua. Neste sentido, o convite é clínico, ético, estético, é político.

O pesquisador-cartógrafo não vai ao campo para coletar os dados de pesquisa, como algo que já está lá, pronto e à espera de alguém que os colha e os analise. (...) não se trata de ir ao campo para coletar os dados de pesquisa, mas de imergir no campo, interagir com ele, deixando-se envolver reflexivamente, sempre atento aos movimentos e intensidades, à espreita ao que vai sendo produzido como material de pesquisa. Mais do que focalizar e selecionar informações, a atenção deve se concentrar e se voltar para os processos em curso, buscando detectar signos e forças circulantes, mesmo que, aparentemente, desconexos e fragmentados (SOUZA; FRANCISCO, 2016, p. 818).

O convite não é nada trivial, pois, apesar de “aparentemente desconexo e fragmentado” como um fetiche, desloca o esquadro moral em que surge a psicologia e mediante o qual ela, predominantemente, mantém continência.

A experiência de um eu individualizado não nos acompanha como um dado perene, tampouco prescinde de história e disparates (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). Não é da nossa “nature-

za” nos reconhecemos com emoções, pensamentos e desejos próprios, afinal de contas, “cada elemento tomado como fundamento absoluto ou causa primeira de tudo que existe foi também, por sua vez, criado num determinado momento com uma determinada finalidade” (FIGUEIREDO; SANTI, 2008, p. 39). Dessa forma, a experiência de sentirmos que possuímos um “eu” é uma das condições socioculturais para que o fenômeno psicológico fosse necessário e, com isso, uma ciência independente pudesse ser igualmente necessária para ocupar-se de estudá-lo, decifrá-lo, compreendê-lo (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

As condições socioculturais para que uma subjetividade privatizada se tornasse necessária são variadas e interdependentes da relação com o capital e da reorganização nas relações sociais e comerciais (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). Ademais, dependem de processos e conceitos que foram nos adereçados a partir da moral (NIETZSCHE, 1988).

O homem moderno, a razão, a consciência, a seriedade, o domínio sobre os afetos, a memória, a reflexão, a ciência e o individualismo metodológico²⁵, por exemplo, são frutos maduros da moral e produzem, por sua vez, cenários éticos nos quais são administradas relações específicas com o eu coladas às racionalidades políticas neoliberais (ROSE, 2001, pp.190-195). Antes que passe despercebido entre as palavras, reescrevo: o “homem” moderno é o fruto mais maduro da moralidade, da sociedade (NIETZSCHE, 1988, aforismo 2). Dito de outra forma, a subjetivação é um projeto moral e, como sugerimos, imprime gestos, perfumes, gostos, roupas, vozes, conceitos, jargões e esquadrinha *settings*.

O gesto de lavar as mãos, por exemplo, muito embora tenha se feito inventivo, também pode se fazer perigoso, como alertam Gal Costa e Foucault²⁶. Durante o Fórum Pandemia na Rua, rea-

²⁵ Refere-se à postura metodológica que “confere ‘prioridade explicativa’ ao plano micro” (indivíduo, agência, ação), em detrimento do nível macro (sociedade, estrutura, sistemas) (SELL, 2016, pp.326-327).

²⁶ Gal Costa na música “Divino Maravilhoso” e Foucault (1983) citado por Gore (1994, p. 15).

lizado durante este período de isolamento em um formato *online*, dois representantes da população em situação de rua, um de Fortaleza e outro de Santos, disseram, respectivamente, “a preocupação é com a transmissão”, “o vírus somos nós”, anunciando que, apesar da trivialidade em preocupar-nos com a transmissão, como já dissera, a moral asséptica e ascética se pre-o-cu(l)pa e elege outro vírus: a rua, o povo, a seita, o fetiche. Mas o chão da rua berra:

[...] Um lugar desse tipo exige do visitante que ele se interrogue, num momento qualquer, sobre seus próprios atos de olhar. [...] Incita a privilegiar as coisas que estão embaixo. [...] Daí resultou [...] essa vontade de fugir ou de permanecer numa perpétua atenção flutuante, em observação de tudo que está embaixo: as primeiras coisas a serem vistas, as coisas que estão “debaixo do nariz”, as coisas chãs (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 28).

Retomemos, portanto, a pergunta da psicóloga: *será mesmo que a vida deles é diferente da nossa?* Se não o fosse, o que borraria? Se não o fosse, como produziria outros gestos e cenários éticos deslocados das racionalidades políticas liberais? Se não o fosse, em que faria nossa formação diferir? Se não o fosse, como borraria nossos esquadros? Mas, a essa altura, isso, a diferença entre nós e eles, parece importar menos, porque, no entremeio, a vida outra é uma experiência extrapessoal que invade a cena da rua:

Em nossa condição de viventes somos constituídos pelos efeitos das forças do fluxo vital e suas relações diversas e mutáveis que agitam as formas de um mundo. Tais forças atingem singularmente todos os corpos que o compõem – humanos e não humanos, fazendo deles um só corpo, em variação contínua. [...]. Podemos designar esses efeitos por “afetos”. Trata-se de uma experiência extrapessoal, extrassensorial e extrasentimental (ROLNIK, 2018, p. 111).

Como dissera, o encontro nos feriu: no corpo, na sexualidade, nos olhos, nas certezas, na formação, em nossa constituição como sujeitos. O encontro é mesmo uma ferida, talvez, incurável. Felizmente.

A você e ao que em você se agita, arriscando os enquadres, desfazendo os esquadros, fica o convite de Rosa: *se abaixe, não vai falar nada?*

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, L. A. S. **A fábrica de interiores:** a formação psi em questão. Niterói: EdUFF, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa.** São Paulo: Leya, 2010.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra:** quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Traços humanos nas superfícies do mundo.** Série Pandemia Crítica. N-1 edições, 2020.
- CAMPOS, Gastão W. S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 1992.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas.** São Paulo: Editora 34, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Revista Pós**, Belo Horizonte, vol. 2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.
- DIMENSTEIN, Magda. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 5, n. 1, p. 95-121, 2000.
- DIVINO MARAVILHOSO. Intérprete: Gal Costa. Compositor:

Caetano Veloso e Gilberto Gil. *In*: GAL COSTA. *Intérprete*: Gal Costa. Compositor: Caetano Veloso e Gilberto Gil. 1969.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

ESQUADROS. *Intérprete*: Adriana Calcanhoto. Compositora: Adriana Calcanhoto. *In*: SENHAS. *Intérprete*: Adriana Calcanhoto. Compositora: Adriana Calcanhoto. 1992.

FERREIRA NETO, J. L. Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 18, p. 130-142, 2010.

FIGUEIREDO, J.; EUGENIO, F. O encontro é uma ferida. *In*: FIGUEIREDO, J.; EUGENIO, F. **Trilogia Secalharidade**. Lisboa: Ghost Editores, 2013.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. **Psicologia, uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: EDUC, 2008.

GENTE. *Intérprete*: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In*: BICHO. *Intérprete*: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. 1982.

GORE, Jennifer M. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

ILESO. *Intérprete*: Alex Sant'Anna. Compositor: Alex Sant'Anna. *In*: ENQUANTO ESPERA. *Intérprete*: Alex Sant'Anna. Compositor: Alex Sant'Anna. 2015.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARSHALL, J. Governamentalidade e Educação Liberal. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRECIADO, Paul B. **Aprendendo do vírus**. Série Pandemia Crítica. N-1 edições, 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. N-1 edições, 2018.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SANT'ANNA, Denise B. **Lavar as mãos, descolonizar o futuro**. Série Pandemia Crítica. N-1 edições, 2020.

SAPATO NOVO. *Intérprete*: Patrícia Polayne. Compositora: Patrícia Polayne. *In*: O CIRCO SINGULAR: As canções de exílio. *Intérprete*: Patrícia Polayne. Compositora: Patrícia Polayne. 2009.

SELL, Carlos E. Max Weber e o átomo da sociologia: um individualismo metodológico moderado?. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 323-347, 2016.

SILVA, Tomaz T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, S. R. L.; FRANCISCO, A. L. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: estabelecendo princípios... desenhados caminhos. **Investigação Qualitativa em Saúde**, v.2, p. 811-820, 2016.

Análise do projeto Cidade Subaquática no uso do corpo físico e virtual na pandemia

Andressa C. Monteiro¹

RESUMO

Por meio da análise da obra *Cidade Subaquática* (2020), da artista Andressa C. Monteiro, este ensaio buscará entender como as potências de ação de Spinoza (2008) geram o que Sawaia (2007) chama de processos ético-políticos. Tais processos podem ser úteis em um momento em que nossos corpos virtuais estão mais presentes nas mídias digitais enquanto nossos corpos físicos estão restritos - sendo necessário buscar formas críticas e estéticas de questionar o uso capitalista e segregado das cidades.

Palavras-chave: Arte. Corpo. Cidade. Pandemia. Estética.

INTRODUÇÃO

As relações que estabelecemos com nossos lugares de pertencimento vão muito além de uma prática de convívio voltada apenas para o consumo ou por trocas mercantis que os espaços proporcionam. A afetividade e o sentimento de nos identificarmos e lembrarmos quem somos individualmente e coletivamente

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: monteiroac@hotmail.com. Bolsista CAPES.

ao habitar-mos por diferentes lugares, nos faz entender como podemos apreender outros tipos de fluxos comunicantes, semióticos, sociais, políticos, econômicos e estéticos que as cidades nos proporcionam. Nesse processo social, é preciso pensar, no entanto, como esses espaços são construídos e, principalmente, para quem são construídos.

O isolamento social nos impôs uma série de mudanças nos âmbitos macro e micro e nos fez enxergar o que já existia há muito tempo: a segregação e a hierarquização das cidades. Majoritariamente, pessoas brancas, de classes sociais média e alta, têm privilégios que outras etnias, raças, gêneros e classes sociais não têm ao acessarem diferentes espaços das cidades.

Assim, cabe a este ensaio pensar em como nossas subjetividades podem tornar-se formas coletivas de se opor e de criticar, por meio da arte, o uso pré-determinado que a cidade nos impõe - principalmente se pensarmos em intervenções estéticas feitas com o uso de nossos corpos físicos (e que, agora, permanecem ainda mais restritos e controlados com a pandemia causada pela Covid-19, presente no país desde fevereiro de 2020).

Há também de se pensar na falta de presença que esses corpos causam quando não estão nos espaços públicos - e como as mídias digitais, e os nossos corpos virtualizados, coexistem no ciberespaço ao reivindicarem e criticarem um uso capitalista das cidades. O ensaio buscará entender como as potências de ação de Spinoza (2008) geram o que Sawaia (2007) entende como processos ético-políticos na produção de espaços coletivos menos individualizados.

O projeto analisado será o *Cidade Subaquática* (2020), trabalho feito por mim com fotografias noturnas da cidade de São Paulo. O projeto é composto por vinte imagens em zoom de luzes de janelas de prédios no bairro do Jardim Aeroporto, zona sul de São Paulo.

CORPO, ARTE E PANDEMIA

No trabalho *Cidade Subaquática*, realizado em março de 2020 com a produção de vinte fotografias, é possível notar como nossos corpos estão presos dentro de casa na pandemia. No entanto, para este ensaio, serão utilizadas somente três imagens do projeto para ilustração da obra. Se já éramos constantemente controlados por sistemas de vigilância, mapas e aplicativos que indicavam nossas localizações e hábitos de consumo na internet, com a presença da Covid-19, nos vimos ainda mais restritos em nossos espaços privados, sem termos condições de poder sair nos espaços públicos para reivindicarmos por nossos direitos e para habitar-mos, também de forma física, os espaços urbanos.

Ao produzir as imagens do projeto, quis interferir e propor de maneira artística e lúdica um novo modo de olhar a cidade – menos instrumentalizado e mais afetivo. As linhas projetadas pelas luzes das imagens transformam-se em desenhos que lembram as profundezas do mar e traçam no céu de uma cidade vazia criaturas abstratas que simulam gestos de deslocamento do próprio corpo pelo espaço como estratégia de fuga. Delineadoras de um traçado urbano, essas mesmas linhas dançam livremente e são um ato de intervenção estética sobre a paisagem urbana.

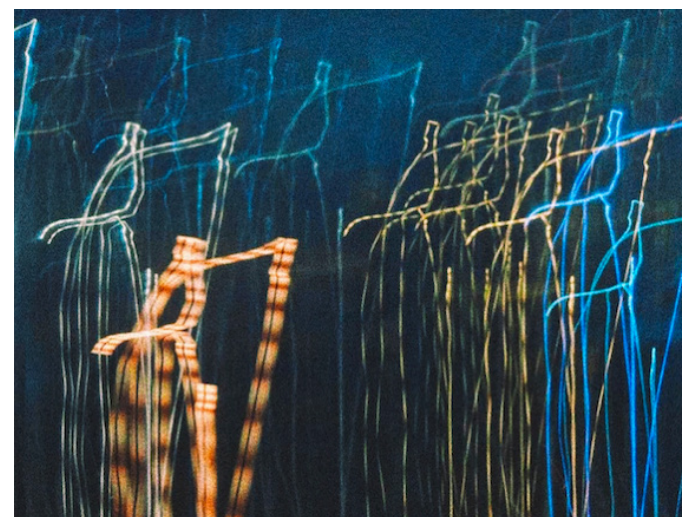
Os traços das luzes formam corpos marítimos que, ágeis e delicados no fundo do mar, vivem, dançam e se divertem enquanto o resto da cidade dorme e espera ansiosamente para sair de casa. Já que nossos corpos estão restritos ao plano terreno, a obra pode ter liberdade de ser pelo espaço e pelo tempo. Como o céu tem a mesma cor que o fundo do mar, São Paulo transforma-se em uma cidade subaquática e bioluminescente.

Em tempos de reflexão sobre o que irá acontecer no futuro, a experiência do cotidiano nos move a buscar por novas formas de entender e viver em uma realidade pandêmica. Estamos imersos em nosso cotidiano familiar e nossas casas são como aquários, onde esta-

mos presos em nosso habitat íntimo, flutuando, submersos em paralisia, contenção e reflexão. Isso faz com que fiquemos ainda mais perto de nossos dispositivos tecnológicos para lidarmos com um tempo que passa de forma mais lenta e arrastada. Nossas formas de dar e receber afeto também se intensificam e virtualizamos ainda mais nossos corpos para nos aproximarmos de quem está longe fisicamente.

Por meio de tecnologias fixas e móveis acopladas em nossos corpos que, segundo Ferrara (2015), são “extensões que participam dos nossos sentidos, vontades e decisões” em uma comunicação que “engloba corpo, mente, consciência, objetos e máquinas interativas” (FERRARA, 2015, p. 92), jogamos jogos virtuais, criamos avatares e vivemos um novo sentido de habitação que antes só era experimentado analogicamente como, por exemplo, entrar e sair fisicamente de algum lugar.

Figura 1: imagem do projeto Cidade Subaquática



Fonte: Andressa Monteiro

Para Lévy (2011), a desterritorialização causada pelo processo virtual do corpo humano acaba por transformá-lo em um

grande corpo híbrido e mundializado. A noção de tempo também se altera, segundo o autor, pois o presente está em todo lugar e cria-se uma unidade temporal sem a necessidade de se ter, precisamente, uma unidade de lugar. Lévy acredita que sistemas de realidade virtual acabam por produzir uma quase

Figura 2: imagem do projeto Cidade Subaquática



Fonte: Andressa Monteiro

Cabe aqui lembrar que a noção de virtual não necessariamente implica que processos tecnológicos descaracterizem ou anulem processos críticos de reflexão em relação à produção do espaço. Tais processos podem complementar os já existentes onde a presença do corpo físico também é importante.

Em determinadas situações, por exemplo, o nosso corpo físico pede por movimentação e reivindicação (exe.: agressão contra corpos negros, femininos, trans, homossexuais etc). A segregação, a violência e a invisibilidade são sentidas literalmente no corpo desses indivíduos. Esses mesmos corpos reivindicam por espaços de habitação, lazer, identidade e memória ao estarem presentes em lugares estratégicos e

simbólicos das cidades (como podemos perceber com o recente movimento da população negra, que teve início com o assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, e que tomou grandes proporções em diferentes lugares do mundo). Mesmo tendo a oportunidade de se manifestarem pelas mídias digitais, por quais motivos muitos resolveram expor os seus corpos na cidade, além de derrubarem e pixarem elementos simbólicos dos espaços urbanos como estátuas? Neste caso, para essa população e para muitas outras pessoas, a necessidade do corpo estar inserido dentro dos espaços urbanos era e ainda é fundamental.

Em meu trabalho, meu corpo físico não está presente na obra, mas o corpo das criaturas que as fotos expressam sim. Essa pode ser considerada uma forma de revolta (pela ausência de uma corporeidade física) e, na essência dessa revolta, uma forma de crítica (pois, se meu corpo não pode estar presente onde quero e preciso que esteja, pelo menos, minha capacidade criativa ainda pulsa e tem liberdade de ir e vir nos espaços virtuais, que fazem tanto parte das nossas vidas quanto os espaços físicos das cidades).

Figura 3: imagem do projeto Cidade Subaquática



Fonte: Andressa Monteiro

Segundo Spinoza (2008), há uma potência de ação em que sentimentos positivos como a alegria, a resistência e a inventividade instigam a população a agir criticamente. Mas há também a potência de padecimento, como a tristeza, a passividade e o medo, que podem gerar o que Sawaia (2007) chama de sofrimento ético-político, gerando formas de inclusão e de exclusão sociais. Neste debate, Salomoni nos pergunta como “ativar nos dias de hoje a potência ético-afetiva da vida?” (SALOMONI, 2009, p. 16) ao “questionar os modos de existência, transgredir as divisões do espaço urbano e inventar novas potências de agir” (SALOMONI, 2009, p. 18).

Salomoni explica, ao citar Sawaia, que a dimensão objetiva da desigualdade social, e a subjetiva do sofrimento ético-político, podem ser superadas pela ética, preocupada com a emancipação humana por meio dos afetos ao produzir novos espaços relacionais, sem uma estetização da vida ou da realidade.

Mesmo que meu trabalho não seja essencialmente um trabalho sobre a problematização da exclusão e inclusão de diferentes classes sociais e econômicas nos espaços urbanos, a produção de afetos que estimula a produção das imagens é uma forma de produção relacional mais sensível e comunitária – onde todos os corpos, mesmo que de maneira imaginária, se unem para coexistirem em um espaço não segregado. Como um antídoto à estetização da vida, a arte pode ser uma forma de condicionar um sentir que fuja de aspectos mercantis, de consumo, de alienação, de passividade e de confortabilidade.

Para Kapp (2005), a contribuição da arquitetura na indústria cultural não se dá prioritariamente por uma linguagem abstrata, mas pela domesticação e pelo controle dos corpos, seja na cozinha planejada, em condomínios fechados, em parques de diversões, com slogans que geram progresso por meio da ergonomia, conforto, comodidade e com tendências estilísticas muito semelhantes. Aqui, faz-se o adendo que a noção de indústria cultural não necessita ser vista como uma ideia totalitária – pois já são buscadas e encontradas formas de produção artística e cultural consumidas

pela indústria, mas que conseguem provocar uma conscientização crítica da população.

Para a autora, não há protesto no que é confortável, por isso o consumidor raramente regula o seu espaço, mediado por terceiros que pré-definem usos e antecipam comportamentos. Outro exemplo pertinente neste momento de pandemia é a construção de uma loja especialmente feita com artigos e produtos contra o vírus da Covid-19. Ou um shopping em uma cidade interiorana de São Paulo que permitiu que consumidores com seus carros andassem pelas lojas físicas para realizarem suas compras. No caso, esses espaços de produção e consumo não pararam para a pandemia.

Jacques (2008) comenta que o estudo das relações entre corpo, cotidiano e cidade podem mostrar caminhos, micropolíticas ou ações de resistência no processo de espetacularização das cidades contemporâneas, pois são as apropriações e improvisações dos espaços que os legitimam. Logo, o trabalho que pode realizar pode ser uma forma estético-política e subjetiva de entender como as criaturas abstratas e marítimas das imagens compõem um corpo coletivo que habita espaços compartilhados e sociais de uma cidade lúdica e imaginada, que une ao invés de separar.

Lefebvre (1991) defendia que as atividades poéticas e o jogo lúdico seriam uma teoria crítica ao capital que passa pela vida cotidiana “porque é justamente neste ponto que a alienação tem um papel destacado, mas ao mesmo tempo a vida cotidiana pode ser o próprio antídoto contra essa alienação” (CONCEIÇÃO, 2011, p.2). O autor acreditava que o contrário da passividade era o ato criativo (VELLOSO, 2016, p. 3). Já para Debord, que dialogava com Lefebvre e com o movimento situacionista na década de 60, a experiência cotidiana do empobrecimento da vida resultava na perda do aspecto unitário da sociedade pela passividade da contemplação e pelo isolamento dos indivíduos.

Para que haja uma comunicação e uma interação mais coletivas entre a população para se produzir espaços sociais (termo cunhado por Lefebvre), Miranda e Soares (2009, p.6) nos explicam

sobre como a subjetividade “em um fluxo contínuo de sensações, modos de existir, amar e comunicar, de imagens, sons, afetos, valores e formas de consumo literalmente fabricadas no entrecruzamento de instâncias sociais, técnicas, institucionais e individuais”, são formas radicais de pensarmos sobre as possibilidades de diferentes tipos de existência.

De uma maneira mais geral, dever-se-á admitir que cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também místicas, rituais, sintomatólogicas, a partir da qual ela se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões. (GUATTARI, 1992, p.21)

Essa cartografia a qual Guattari se refere pode ser analisada nas fotografias do projeto *Cidade Subaquática*, que produzem também agenciamentos maquínicos. Segundo Broeckmann (2001), em Guattari o maquínico não é entendido somente como a produção de objetos tecnológicos ou mecânicos, mas também como corpos sociais, complexos industriais, formações psicológicas ou culturais, bem como complexos de desejos agenciando indivíduos, materiais, instrumentos, regras e convenções que, em conjunto, constituem-se máquinas que continuamente se transformam” (BROECKMANN, 2001, p.116).

Oliveira (2005) explica que as máquinas, para Guattari, são uma linguagem para enfatizar o que os sujeitos fazem e não o que são. A partir do prisma da subjetividade como produção, para Guattari e Rolnik, (1999, p.16-17), é possível desenvolver processos de singularização que combatam modos de encodificação já existentes, para assim criar sensibilidades, relações com os outros, criatividade e vontade de construir um mundo com dispositivos para mudar as sociedade.

Talvez a arte seja uma dessas formas de singularização. De estarmos presentes espiritualmente mesmo quando nossos corpos físicos não podem estar. E de sempre pensarmos em formas outras

no uso dos espaços que envolvam a participação de todos e não somente de pessoas privilegiadas em inúmeros aspectos. As construções desses espaços também podem ser repensadas para que eles domesticuem menos os corpos e instiguem mais nos processos de lutas políticas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação do espaço urbano, que sempre foi palco de ações políticas, está restrita na pandemia, assim como as trocas de afeto entre os habitantes. A arte, então, torna-se uma forma de mostrar afeição quando o corpo não está presente e a água, simbolizada nas imagens do projeto *Cidade Subaquática*, explica uma forma de retração para que novas formas de afeto sejam nutridas.

Acredita-se que tanto a presença do corpo virtual nas mídias digitais e no ciberespaço - quanto a do corpo físico nos espaços das cidades - sejam formas complementares de crítica, oposição, combate e reflexão por meio do ativismo político- artístico, além de repensarmos nas relações complexas entre as cidades e a sociedade, pautadas pelo capitalismo, que mais individualizam e alienam do que unem e esclarecem.

No entanto, como nos ensinou Guattari, nada está dado, é preciso, a partir da compreensão de que a subjetividade é constantemente produzida, lutar por novos campos de possibilidades, inventando no cotidiano novos modos de existência, novas relações consigo mesmo e com o mundo (MIRANDA; SOARES, 2009, p.9).

Com os conceitos propostos por Guattari e pelos autores citados nesse artigo, a produção de arte no meio da pandemia é uma forma de subjetividade que singulariza os processos de entendimento e de aceitação de um mundo com qual precisamos lidar. Essa é uma possível forma de relacionar a produção cartográfica, isto é, a produção das imagens do projeto, que este ensaio propôs analisar, como forma de produção artística que gere narrativas

dissidentes pela reflexão e sinalização de problemas de desigualdades, controle dos corpos e restrição aos espaços públicos. Com esse tipo de mapeamento propomos linguagens estéticas, afetivas e éticas de se entender e de se produzir nossos espaços relacionais. Além disso, também criamos linhas de fuga para que novos desejos maquínicos se concretizem e para que possamos observar como os territórios, espaços e lugares de pertencimento moldam nossas memórias, identidades e afetividades.

REFERÊNCIAS

BROECKMAN, A. **Médias mineurs – Machines hétérogènes. Chimères – Le devenir mineur des minorités**, Paris, n.42, p.113-122. 2001.

CARNEIRO, S. A simbologia da água e o seu papel na identidade cultural local: o rio paraíba do sul no contexto urbano de campos dos goytacazes/rj. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**. Abril de 2019, v.9 , n.24 , p.69-80. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/issue/view/108 Acesso em: maio. 2020.

CONCEIÇÃO, M.V.C. **Henri Lefebvre e a Internacional Situacionista**: o debate sobre a Comuna de Paris no contexto do Maio de 1968. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FERRARA, L. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Paulus. 2015

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUMBRECHT, H. U. Pequenas crises – experiência estética nos mundos cotidianos.

GUIMARÃES, C.; LEAL, B. S.; MENDONÇA, C. C. (org). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006, p. 50-63.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. 2008. **Vitruvius**. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso: mar. 2020.

JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KAPP, S. Por que teoria crítica da arquitetura? Uma explicação e uma aporia. In: **Maria Lúcia Malard (ed.). Cinco Textos Sobre Arquitetura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34. 2011.

LEFEBVRE, H. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

OLIVEIRA, R. M. de. Technology and subjectivity: the agency problem. *Psicol. Soc.* [online]. Jan/Apr. 2005, vol.17, no.1 [cited 07 May 2006], p.56-60. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000100008&lng=en&nrm=iso>; ISSN 0102-7182.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bookman. 2011.

SALOMONI, M.S. **Moradores do Universo**: afetos e significados da relação exclusão/inclusão social em programas de melhoria urbana. 123f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2009.

SAWAIA, B. B. **Por que investigo afetividade?** Texto apresentado para concurso de promoção na carreira para a categoria de Professor Titular do Departamento de Sociologia da PUCSP. São Paulo. 2000.

SAWAIA, B. B. A afetividade como fenômeno ético-político e locus da reflexão crítico-epistemológica da Psicologia Social. **International Journal of Critical Psychology** (no prelo). 2002.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: **Sawaia, B. B. (Org.). As Artimanhas da Exclusão - análise psicossocial e ética da desigualdade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2007.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. Produzir subjetividades: o que significa?. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 9, n. 2, set. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jul. 2020.

SPINOZA, B. **Ética – Spinoza**. Belo Horizonte: Autêntica. 2ª ed. 2008.

VELLOSO, R. **Apropriação, ou o urbano-experiência**. Vitruvius. 2016. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5949>. Acesso em: jul. 2020.

Negociações discursivas da e na plataforma Grindr: uma cartografia em tempos de isolamento social

Ettore Stefani de Medeiros¹

Thiago Benitez de Melo²

RESUMO

A covid-19 demandou isolamento social, o que gerou mudanças nos discursos da e na plataforma Grindr, aplicativo de encontro gay. Nosso objetivo é compreender, amparados pela cartografia e pela Análise Crítica de Discurso, tais mudanças. Sobre os discursos do aplicativo, percebemos que o incentivo a ficar em casa se liga a uma visada mercadológica. Quanto aos enunciados no Grindr, notamos discursos adeptos, recusantes e negociados quanto ao distanciamento, que barganham expectativas românticas e de masculinidade.

Palavras-chave: Isolamento social. Grindr. Cartografia. Discurso. Plataforma.

¹ Doutorando e mestre em Comunicação Social (UFMG), pós-graduado em MBA em Marketing Digital (IGTI), bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (UFES). Professor universitário na área de Comunicação e Marketing Digital. ettoremedeiros@gmail.com.

² Doutorando em Sociedade, Cultura e Fronteiras e mestre em Linguagem e Sociedade (UNIOESTE), pós-graduado em Cultura e Literatura e Métodos de Ensino (UTFPR), licenciado em Letras Português/Espanhol (UNIOESTE). Professor na área de Linguística, Literatura e Produção Textual. thiago_benitez@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A emergência da pandemia da covid-19 em 2020 demandou que, em nível nacional e global, medidas de segurança preventivas fossem tomadas a fim de conter a proliferação do vírus. O isolamento social, nesse contexto, apresentou-se como uma das principais maneiras de desacelerar o contágio, o que gerou uma abrupta modificação em diferentes esferas e relações da vida cotidiana, como nas profissionais, afetivas, íntimas, comerciais, de saúde e de consumo.

Em nível midiático e afetivo-sexual, a reclusão tem feito com que as pessoas permaneçam mais tempo conectadas digitalmente, inclusive para consumo pornográfico. O Pornhub (2020), uma plataformas do ramo, viu seus acessos disparem no Brasil desde a chegada do coronavírus, que aumentaram em 39% em meados de julho em comparação à média pré-pandêmica. Pesquisa desenvolvida pela agência Mutato (2020) sobre os três primeiros meses da quarentena no Brasil aponta alguns impactos que a covid-19 trouxe para as relações íntimas: aumento do flerte virtual e a troca de mensagens por meio de aplicativos de relacionamento em decorrência da impossibilidade de encontros; crescimento do consumo e o compartilhamento de conteúdos sexuais pela internet; dilemas sobre romper ou não o isolamento social para fazer sexo; busca digital por maior conexão emocional por vivências do sentimento de solidão, ansiedade e tédio.

Tal contexto também tem sido vivido pela população de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens. O fechamento de vários espaços de convívio face a face e o cancelamento de eventos não digitais destinados a esses sujeitos intensificaram ainda mais os usos de aplicativos de encontro gay, os quais aparecem como uma das poucas formas de manter-se socialmente conectado com sujeitos com as mesmas práticas e/ou orientações sexuais (BRENNAN et al, 2020). A partir do

mecanismo de geolocalização, um usuário vê quais são os perfis conectados que estão próximos a ele, podendo interagir, por meio de chat, com aqueles pelos quais se interessa. Consideramos a aplicação não como uma ambiência midiática neutra no processo de comunicação, senão como uma plataforma digital (GILLESPIE, 2010). Ao fazermos isso – tomarmos as redes sociais online como plataformas –, reivindicamos que estas não são intermediárias imparciais; contrariamente, possuem dimensões mercadológicas e visam o lucro.

Neste momento pandêmico, percebemos que as práticas discursivas tanto do Grindr quanto de seus usuários passaram por mudanças. O aplicativo – por meio de notas, *pop-ups* e novas funcionalidades – adotou ações mercadológicas para manter seu público conectado, bem como desenvolveu estratégias de relações públicas a fim de preservar uma boa imagem. Por sua vez, os usuários da plataforma passaram a formular e interagir com discursos que traziam o isolamento social como um novo elemento em suas comunicações, de modo que os encontros face a face e o uso do aplicativo foram negociados. A partir disso, nosso objetivo de pesquisa é compreender quais discursos foram manifestos pela e na plataforma Grindr em tempos de covid-19.

Para tanto, estivemos conectados ao aplicativo enquanto pesquisadores por cerca de um mês, entre março e abril de 2020, quando, além de coletarmos os comunicados que o Grindr emitia aos seus utilizadores, mantivemos conversas com vários usuários a fim de entendermos como a pandemia e a demanda por isolamento social (re)configuraram suas relações afetivo-sexuais e sua presença na plataforma. Nosso fazer científico foi marcado por uma cartografia social (KASTRUP; PASSOS, 2013; PRADO FILHO; TETI, 2013; PASSOS; BARROS, 2009), a qual foi combinada à Análise Crítica de Discurso (FAIRCLOUGH, 2001), por meio da qual a linguagem é vista como ação e o discurso, como prática social que se conecta à formação de identidades.

ANCORAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Nossa investigação se deu a partir de uma cartografia social, a qual, diferentemente da cartografia tradicional, não busca compreender tão somente mapeamentos físicos e geográficos, mas também tratar “de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e liberdade” (PRADO FILHO; TETI, p. 47, 2013). Esse tipo de cartografia não almeja ser um método fechado e positivista, de modo que cada pesquisador desenvolve, flexivelmente, um tipo de cartografia em cada campo em que se insere. Nosso olhar, por meio deste método que não segue um modelo estruturado, volta-se para dinâmicas microssociais no Grindr, cingidas por relações de poder que são descentralizadas, acêntricas e, por vezes, imprevisíveis para os pesquisadores.

Para a análise dos enunciados com que tivemos contato, amparamo-nos nas concepções de discurso e linguagem. Adotamos, para isso, os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso, pautados em Fairclough (2001), o qual toma a linguagem como ação e o discurso como prática social. Esta funciona como uma ferramenta simbólica que os indivíduos têm para agir sobre a sociedade na qual estão inseridos e sobre os outros sujeitos com os quais convivem, uma vez que ideologia, poder e linguagem são fatores indissociáveis (FOUCAULT, 1996).

Ao investigarmos discursos, sejam eles verbais ou não verbais, online ou offline, temos que ter em mente que a linguagem é uma construção social que se constitui e, ao mesmo tempo, é constituída em um processo interrelacional, no qual o que dizemos, fazemos e somos são resultados de nossas vivências em sociedade (BERGER; LUKMANN, 1985). Nessa perspectiva, os discursos e, conseqüentemente, a linguagem precisam ser compreendidos como prática social, constituinte e constitutiva da sociedade e da

cultura, de modo que nossas enunciações não são neutras, tampouco uma atividade individual ou um simples reflexo de variáveis contextuais (FAIRCLOUGH, 2001). É através da e pela linguagem, então, que exteriorizamos e construímos o nosso próprio ser no mundo social e também interiorizamos o mundo social como realidade objetiva (BERGER; LUKMANN, 1985), isso pelo fato de o discurso corresponder tanto a um modo de ação quanto a um modo de representação. É na materialização da língua, em síntese, que as identidades são construídas.

É por isso que, nesse viés, identidades sociais adquirem sentido por meio dos discursos e dos sistemas linguísticos pelos quais são representadas. Sua construção é tanto simbólica quanto ideológica, sendo as representações atuações culturalmente marcadas para classificar o mundo e as relações dentro dele (HALL, 2006). Há, assim, um significativo e estreito vínculo entre as produções de significados e as construções das identidades, sendo estas posicionadas pelos sistemas de representação. É por meio dela que as identidades adquirem sentido, ou seja, é por meio da representação que as identidades passam a existir. Os discursos são, nesse sentido, a materialidade linguística privilegiada que permite estudar as representações sociais com as quais os sujeitos constroem e reconstroem as identidades de si e do outro, bem como as suas próprias representações do mundo (BERGER; LUKMANN, 1985).

Dessa forma, ao entendermos que as identidades são mutáveis e reconhecidas socialmente, percebemos que as representações identitárias não são pré-existentes aos indivíduos. Elas são negociadas em atos ideológicos de poder, até mesmo manipuláveis em alguma instância: cada indivíduo tem certa consciência de ter identidades variáveis, de acordo com as dimensões do grupo do qual faz parte e do contexto em que atua. Além disso, as identidades nunca são homogêneas; pelo contrário, elas estão cada vez mais fragmentadas; não são singulares, mas multiplamente reconstruídas e negociadas nos discursos e práticas que podem se entrelaçar (HALL, 2006).

Essas negociações identitárias não se realizam de maneira linear e simétrica. É fundamental compreendermos que as identidades, sobretudo as sexuais, são regidas por mecanismos de controle desenvolvidos pelas sociedades ocidentais, os quais foram criados e cristalizados ideologicamente sob a égide do poder burguês moderno (FOUCAULT, 1996). São esses mecanismos fiscalizadores de vigilância, os quais Foucault chamou de dispositivos da sexualidade, que nomeiam e classificam as identidades sexuais sob a dualidade rígida dos gêneros, normalizando e normatizando algumas práticas sexuais em detrimento de outras. Tal processo se dá concomitantemente à não aceitação das condutas sexuais não previstas no binarismo heterossexual macho/fêmea (LOURO, 2004).

Nesse sentido, as práticas homossexuais passaram a ser reprimidas e subalternizadas, além de serem vistas como proibidas por não se enquadrarem no conjunto de regras hegemônico moldado pelos padrões da heterossexualidade compulsória (FOUCAULT, 1996; BUTLER, 2010). Consequentemente, as representações identitárias construídas sobre os homossexuais passaram a ser estigmatizadas e rechaçadas, até chegarem à classificação de “desvio da norma”, ou seja, esses sujeitos são tomados como desviantes (BECKER, 2008). Muitos deles buscam reprimir-se e portar uma conduta de apagamento de seus desejos sexuais, afetivos e eróticos, ao passo que, muitas vezes, objetivam alcançar um padrão heteronormativo por meio de autorrepresentações que os associem à masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003), sobretudo de aspectos relacionados à expressão de gênero, à voz e ao corpo masculino, atos oriundos de processos de regulação e controle para a manutenção da heterossexualidade compulsória. Os indivíduos que não se encaixam nesse padrão precisam conviver na sociedade com seus desejos reprimidos e com suas práticas sexuais mantidas em segredo, obrigados a suportar a segregação social (FOUCAULT, 1996).

DISCURSOS DA E NA PLATAFORMA GRINDR

Plataformas digitais não são meras intermediárias imparciais no processo de comunicação (GILLESPIE, 2010). Em sentido oposto, acreditamos que a sua mediação está atravessada por diferentes dimensões, como mercadológicas, políticas, sociotécnicas, éticas, muitas das quais estão distantes do olhar dos usuários finais (HELMOND, 2015). Desse modo, distintas das camadas que compõem as plataformas digitais são por vezes opacas e arbitrárias.

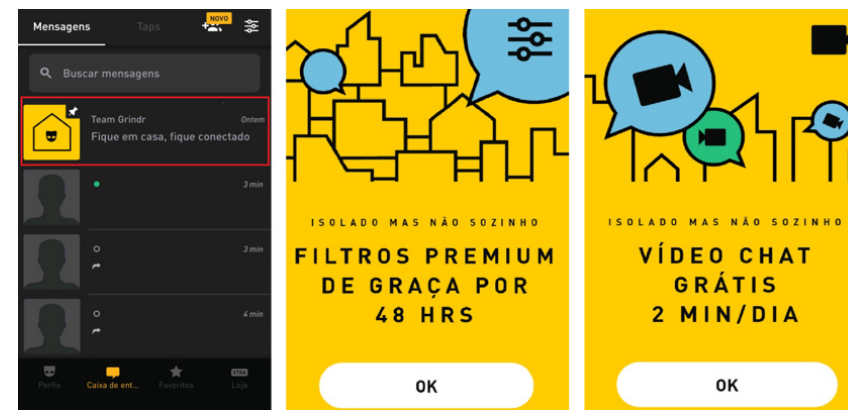
Mercadologicamente, as plataformas atuam de forma multilateral (NIEBORG; POEL, 2018), de maneira que sua rede é composta por uma gama de atores, como usuários finais, investidores e anunciantes. Tal postura garante que o faturamento da empresa tenha mais de uma fonte de rendimento. No caso do Grindr, sua versão gratuita requer que usuários consumam publicidade. Esse consumo é responsável por 25% da receita da empresa, enquanto os demais 75% advêm da versão paga da plataforma, o Grindr Xtra (ALBURY et al, 2017). Na modalidade *premium*, algumas prerrogativas são garantidas, como a navegação sem anúncios.

Posto isso, reconhecemos que o Grindr, por ter interesses econômicos, pretende manter usuários, seja para consumirem publicidade de anunciantes ou para comprarem a versão paga. Em meio à pandemia, possíveis questões foram levantadas pela plataforma: usuários seguirão conectando-se ao aplicativo e garantindo rendimentos a partir de seus consumos? Partindo do entendimento de que muitos usuários buscam encontros casuais face a face (MEDEIROS, 2018), eles continuarão saindo de casa, ainda que as recomendações sejam de manter-se nos lares?

Pressupomos que perguntas como essas foram feitas e analisadas pela equipe do aplicativo com o intuito de saber qual posicionamento mercadológico e discursivo deveria ser adotado. Cremos nisso não apenas porque o Grindr, enquanto plataforma, possui objetivos comerciais, mas também em decorrência de ter

adotado ações para manter seu público e aplicado estratégias de relações públicas que buscam preservar uma imagem de empresa ética. Dentre as ações realizadas no início da pandemia, momento em que estivemos presentes em campo, está a liberação provisória de funcionalidades novas ou que eram restritas à versão paga (Figura 1), como: 1) acesso ao chat global, possibilitando a comunicação com pessoas de qualquer localidade do mundo; 2) permissão para utilizar todos os filtros da plataforma, como selecionar usuários a partir de sua posição sexual e faixa etária; 3) disponibilidade de chamadas de vídeo de duração de até dois minutos via chat.

Figura 1: Prints de tela das funcionalidades liberadas pelo Grindr, feitos pelos pesquisadores



Fonte: Arquivo pessoal.

O Grindr, durante nossa presença em campo em março e abril de 2020, também emitiu notas e *pop-ups* específicos, que informavam os usuários sobre cuidados de saúde em tempos de covid-19 e os incentivava a respeitar o isolamento social. As notas permaneciam fixadas superiormente na aba “Caixa de entrada”, onde estão as conversas entre utilizadores. Desse modo, toda vez que fosse interagir com alguém, um usuário veria o conteúdo.

Outra camada que compõe as plataformas é a ética (HELMOND, 2015). Enquanto marca que deve ser gerida frente a uma audiência ampla, o Grindr é cobrado para agir com responsabilidade social e oferecer conteúdo informativo sobre como se proteger e respeitar o isolamento na pandemia, ainda que sua prioridade seja o lucro. Sendo assim, a aparência de certa “preocupação” com o usuário, por meio de criação de notificações e disponibilidade de funcionalidades, interliga a dimensão ética com a mercadológica. Tal divulgação técnico-discursiva faz parte de estratégias de relações públicas, que visam oportunamente criar uma boa imagem aos olhos da diferentes públicos de interesse. Neste artigo, nosso interesse abrange não apenas os discursos que atravessam as notas do Grindr em questão, mas também as práticas enunciativas dos usuários durante tempos de isolamento social.

Na contemporaneidade, o Grindr se configura como uma importante ambiência de sociabilidade gay, por meio da qual sujeitos constroem práticas sexuais, amorosas e/ou de amizade (BRENNAN et al, 2020). Levando em conta que a população de homens que se engajam afetivo-sexualmente com homens é alvo de homofobia, o aplicativo oferece acessível uso para que se encontrem parceiros tecnologicamente e longe do olhar público (BONFANTE, 2016), em sigilo, o que dá aos usuários uma sensação de segurança (MISKOLCI, 2017), uma estratégia de “mascaração” (MELO, 2020). Tal processo é atravessado tanto por tensões quanto por tensões, já que os discursos no Grindr misturam formas de querer e expressões de preconceito, como o ódio a homens que escapam à masculinidade hegemônica, sobretudo afeminados e gordos (MEDEIROS, 2018). Há também diferentes razões para se utilizar o aplicativo, que variam entre um encontro carnal furtivo e a busca por um grande amor nos moldes romantizados e monogâmicos.

Desse modo, há sujeitos que têm uma rotina afetivo-sexual face a face medida pelo Grindr e outras aplicações similares, o que foi colocado em xeque, de certo modo, em decorrência do isolamento social demandado com a chegada da pandemia. Estu-

do quantitativo de Sousa et al (2020) analisou se e como tal população tem se engajado com parceiros furtivos durante o período de isolamento social no Brasil e em Portugal. A pesquisa valeu-se de um questionário online respondido em abril de 2020 por 2.361 pessoas, sendo 1.651 delas brasileiras. Dentre os resultados obtidos, alguns nos interessam: cerca de metade dos respondentes (53%) praticam sexo casual durante a quarentena; apenas 4,5% dos brasileiros não estão cumprindo o isolamento social de forma alguma; 75,9% dos brasileiros expressaram uma diminuição no número de parceiros sexuais.

A investigação também abordou práticas que parte dos respondentes (25,8%) tem adotado para diminuir o risco de transmissão de covid-19, “perguntando se o parceiro está em isolamento (30,7%) e questionando se ele teve sintomas (27,55%)”, além de estarem “evitando beijar durante o sexo (16,2%), lavando as mãos antes e depois do sexo (27,6%) e desinfetando a área antes e depois do sexo (14,6%)” (SOUSA et al, 2020, p. 7, tradução nossa). Tais resultados ofereceram perspectivas para compreendermos os discursos analisados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Estivemos conectados ao Grindr enquanto pesquisadores por cerca de um mês, entre os dias 20 de março e 17 de abril de 2020, quando a crise do coronavírus começou a crescer exponencialmente no Brasil. Passávamos em torno de 1 a 2 horas online diariamente para fazermos contato com os entrevistados. Nossa localização geográfica era a cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, onde um de nós, pesquisadores, passou o início de seu isolamento social.

Para a imersão no contexto da investigação, levamos em conta o que Guattari e Rolnik (1996) afirmam em relação à interação entre pesquisador e interlocutores de pesquisa: não se pode manter

um vínculo de oposição entre os sujeitos da pesquisa ou analisar as realidades de cada um como previamente dadas. Para romper com essa postura estruturalista, os autores, por meio de um “olhar cartográfico”, propõem a dissolução desses polos aparentemente dicotômicos. A investigação cartográfica, nesse sentido, direciona seus paradigmas para a construção coletiva do conhecimento por meio de uma combinação que busque, concomitantemente, elaborar um plano em comum entre pesquisador e interlocutores de pesquisa, isso porque a cartografia “pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17). Enquanto sujeitos que usam ou já usaram o Grindr para fins que não os acadêmicos, a abertura para a criação do “plano em comum” pareceu se dar de maneira mais acessível.

Já que a cartografia intenciona não confrontar, mas colocar lado a lado a diversidade das heterogêneas identidades dos participantes da pesquisa, nossa presença no aplicativo se deu a partir da criação do perfil de um dos pesquisadores, em que constava sua foto de rosto, bem como informações que explicavam que ele era acadêmico. Optamos pela identificação pessoal porque cremos que ela é ética para com os interlocutores de pesquisa, que autorizaram o uso de suas falas durante as conversações. Com essa escolha, reconhecemos que afetaríamos o campo, assim como seríamos afetados por ele; quer dizer, ao acionarmos o método cartográfico, estamos nos afastando de paradigmas que veem a pesquisa científica como imparcial, isso porque a busca pela neutralidade do pesquisador é uma pretensão ilusória (ROSA, 2017).

O corpus desta pesquisa se divide em dois tipos: notas publicadas pelo Grindr e conversas com usuários, as quais serão analisadas a partir da perspectiva do discurso supracitada. As notas já foram discutidas na seção anterior e são ilustradas visualmente na parte analítica deste artigo. Sobre o outro componente do corpus, estabelecemos diálogos com cerca de 50 utilizadores da aplicação por meio do chat. As conversas iniciaram com perguntas mais am-

plas, como: com que frequência você encontra alguém a partir do Grindr? Percebeu alguma mudança ou fez alguma mudança nos últimos dias/semanas no Grindr? Como pretende usar o Grindr nas próximas semanas? Tais perguntas foram feitas sem mencionar o coronavírus, com o intuito de que os próprios interlocutores de pesquisa falassem sobre o tema caso fosse relevante para eles, o que se deu na maioria dos diálogos. A partir dessas indagações iniciais, as comunicações com cada usuário foram específicas, acentuando certos aspectos dos impactos da pandemia nos usos do aplicativo.

ANÁLISE DOS DISCURSOS DA PLATAFORMA

Enquanto plataforma, o Grindr colabora, por meio da linguagem, para a modelagem e a reformulação de identidades e práticas homossexuais pandêmicas, bem como para o incentivo ou não do cumprimento às medidas de segurança em tempos de coronavírus. As notas discursivas do Grindr sobre a covid-19 (Figura 2) possuem investimentos ideológicos, cujos significados não estão apartados das intenções mercadológicas do aplicativo.

Figura 2: Prints das notas do Grindr sobre covid-19, feitos pelos pesquisadores



Fonte: Arquivo pessoal.

O discurso “sua saúde vem em primeiro lugar” guarda relação menos com uma postura de altruísmo para com os usuários e mais com uma enunciação de cunho empresarial. Uma vez que grandes plataformas digitais possuem uma lógica liberal (ILLOUZ, 2011), o que é refletida em constantes estímulos oferecidos aos usuários para que permaneçam online, a conexão ininterrupta pelo público final é o que vem em primeiro lugar para o Grindr. Tal conexão é o que possibilita que seja mantido o consumo de publicidade e da versão paga, que sustenta sua receita. Sobre isso, a frase “fique em casa, fique conectado” sugere que o aplicativo não deve deixar de ser utilizado apesar de encontros face a face não serem recomendáveis. Essa visão é reforçada quando percebemos que o Grindr, ao expressar que um usuário pode estar “isolado, mas não sozinho”, estimula que o sexo midiaticizado (ŽIŽEK, 1996) ocorra. Isso pode ser feito dentro da própria plataforma, seja por meio de fotos, áudio ou bate-papo por vídeo, esta última uma funcionalidade oferecida gratuitamente durante o tempo em que estivemos em campo.

Criar uma identidade que se mostra socialmente responsável é uma estratégia de gestão de marcas. Levando em conta que as plataformas estão passando por diferentes tipos de crises de imagem – seja por fazerem uso inadequado de dados de usuários ou por não investirem devidamente na segurança destes, oferecer informações que incentivem a reclusão é uma ação vista com bons olhos. No caso do Grindr, a necessidade de (re)construir uma boa imagem de marca é particularmente importante, já que a plataforma esteve envolvida em casos polêmicos nos últimos anos, como ter sido acusada de compartilhar o status de HIV de seus utilizadores (BBC, 2018) e de colocá-los em possíveis riscos por não ter construído barreiras de proteção de dados consistentes (PAREDES, 2018). As práticas discursivas do Grindr durante pandemia não são, pois, neutras (FAIRCLOUGH, 2001): estão imbricadas em práticas liberais de mercado.

Durante nossa presença em campo, percebemos diferentes tipos de práticas discursivas que usuários desenvolvem quanto aos seus usos do Grindr no início da pandemia e à possibilidade de marcarem encontros face a face com outros homens. Levando tal questão em conta, dividimos os discursos dos interlocutores de pesquisa em três grupos: 1) os recusantes: independentemente de usuários acreditarem ou não na covid-19, suas enunciações se voltam em torno do não cumprimento de medidas de segurança, de modo que práticas afetivo-sexuais se mantiveram; 2) os adeptos: enunciações que expressam o seguimento integral do isolamento social e a vivência de abstinência afetivo-sexual; 3) os negociantes: discursos que evidenciam a relevância de se manter em casa, mas apontam para a quebra do distanciamento social em certa situação excepcional, como a de conhecer um parceiro que se encaixe em certos critérios. Vale ressaltar que esses tipos não são fixos e podem ser proferidos por um mesmo usuário, marcando construções identitárias negociadas, dinâmicas, fluidas, fragmentadas e não estáveis (HALL, 2000).

Um dos nossos desafios em campo foi conseguir manter conversas com pessoas que proferiam discursos recusantes, as quais, ao perceberem que a nossa intenção não era realizar um encontro face a face, mas sim desenvolver realmente a investigação, deixavam de responder ou afirmavam não estar interessados em participar da pesquisa. Como expressam Kastrup e Passos (2013), a pesquisa participativa de caráter cartográfico não requer somente o engajamento do pesquisador, mas também dos interlocutores de pesquisa. Desse modo, parcela significativa do acesso que tivemos aos discursos recusantes foi por meio de interlocutores que seguiam total ou parcialmente o isolamento social, que nos relatavam seu conhecimento sobre discursos recusantes. Percebemos que os argumentos dos usuários (identificados neste artigo com

nomes fictícios) que não viam problema em sair com alguém do aplicativo durante a pandemia são permeados por discursos de “busca pelo prazer sexual rápido”. Palavras como “suruba”, “sexo” e “tesão” predominam em seus perfis ou conversas via chat, ficando menos visível o interesse amoroso-afetivo, isto é, a procura por um “relacionamento mais sério e duradouro”:

Para ser honesto, acho que as pessoas não estão levando a sério a questão do vírus. E não para de chegar mensagens de caras querendo suruba na real. (Usuário Rômulo)

Às vezes me dá uma vontade de sair fazer sexo essas horas, mas ninguém topa. [...] Sinceramente não estou muito preocupado com isso [pandemia] por enquanto. [...] Acho que se for direto pra casa de alguém o risco é zero. (Usuário Ricardo)

O comando de tesão é maior que a noção de preservação da vida.
(Usuário Ademir, em uma crítica às pessoas que não estavam seguindo o isolamento social)

O fato de “as pessoas não estarem levando muito a sério”, como disse Rômulo, e que o “tesão é maior que a noção de preservação da vida”, como aponta Ademir, sugere que os desejos erótico-sexuais predominam sobre os discursos de ficar em casa e manter contato apenas de forma digital, como advertem o próprio Grindr e o Ministério da Saúde. Quando Ricardo afirma que “sinceramente não estou muito preocupado”, ele deixa transparecer uma normalidade das práticas sexuais em tempos de covid-19. Por essa perspectiva, a consumação sexual face a face ocorre em detrimento da reflexão sobre o risco de proliferação do vírus e o seu alto grau de propagação.

Ao continuarmos nossa entrevista, Ademir comenta que acredita que muitos dos usuários do Grindr se acham “blindados” ao vírus; diz que “a ficha das pessoas ainda não caiu” quanto aos perigos da covid-19. Para ilustrar essa falta de preocupação, o usu-

ário conta que, ao conversar com um amigo, este lhe disse que foi à “Usina”, “chupou 10 caras” e “deu para 5”. Usina é a designação de um lugar público de pegação gay em Sorocaba, onde homens se encontram à deriva para sexo casual com outros homens.

Tanto a Usina quanto todos os territórios cartografados são construídos não apenas pelo espaço físico, mas também por suas redes de significados e representações coletivas (CASTELLS, 1999); são cenários sociais formados a partir de diferentes histórias, culturas, línguas, raças, ideologias, lutas e relações de poder, fatores que se entrelaçam como um mosaico em constante adaptação (KASTRUP; PASSOS, 2013). Os territórios, nessa perspectiva, estão sempre suscetíveis a deslocamentos, a processos de desconstrução e (re)construção, (re)estruturação e (res)significação. Cartograficamente falando, os espaços não são territórios homogêneos, fixos e estáticos, sem possibilidade de fluidez e transformação (tanto de lugar quanto de significado), isso porque são construções geopolíticas e é exatamente por isso que são passíveis de serem negociados, erguidos/derrubados/reerguidos, reinventados, deslocados e ressignificados. Logo, é impossível entendê-los como cenários invariáveis com limites bem rígidos e concretos.

Sobre isso, o amigo do interlocutor expressou que a Usina estava muito movimentada naquele dia especificamente, não apenas por ser sexta-feira, mas também porque muitos homens tinham ficado na “secura” a semana toda e “guardado seu tesão” por conta do isolamento, de modo que queriam extravasar mantendo relações sexuais com várias pessoas. O território, em período pandêmico, passou por ressignificações. Um dos interlocutores de pesquisa afirmou crer que, desde o início do isolamento social e do fechamento de estabelecimentos gays, o número de frequentadores da Usina aumentara.

Parece haver, nesse sentido, certa dimensão de “perigo” que se liga às práticas sexuais gays, como se elas deveriam ser mantidas no subterrâneo. Não seria, pois, nesse momento pandêmico, que tais práticas deveriam deixar de ser realizadas. Isso se daria por-

que parte dos relacionamentos sexuais gays contemporâneos está alocada e é construída no silêncio (MISKOLCI, 2017) e, ao mesmo tempo, realizada na subalternidade, enclausurada no âmago do privado, distante do olhar público, em espaços marginais e subalternos da sociedade (PERLONGHER, 2008).

Por outro lado, temos os discursos adeptos, aqueles proferidos por usuários que não estão, diretamente, em busca de sexo face a face durante a pandemia, estão conscientes de que o coronavírus pode ser perigoso e, por isso, creem que o isolamento deve ser mantido:

Todos devemos estar de quarentena. Pelo menos os conscientes estão [...]. Só vou sair encontrar com a pessoa pessoalmente dez dias depois que suspenderem a quarentena. (Usuário Artur)

Pelo rumo das coisas, pretendo nem entrar mais aqui. Não tem mais porque eu usar ele [o aplicativo]. Já que não estou saindo de casa. Eu falo pra eles: “Só depois da quarentena”. (Usuário Amadeu)

Por enquanto ninguém me chamou a atenção para fazer isso [quebrar o isolamento]. Achei alguns gatos interessantes, mas tudo depois da quarentena. Acho que nessa fase eu só faria um flerte e sexo virtual com uma punheta resolveria nesses dias. (Usuário Antônio)

Os discursos construídos pelos usuários acima apontam para a seguinte direção: “encontros só depois da quarentena”. Antônio afirma até ter encontrado “alguns gatos interessantes” (ou seja, alguns possíveis parceiros atraentes), mas não se mostrou disposto a romper o isolamento; prefere, assim, o sexo digital. Nesse tipo de sexo, o qual Žižek (1996) classifica como “mediatizado”, é possível ressignificar nossas representações sobre práticas sexuais, transformando o sexo em um conjunto de ilusões com corpos perfeitos, encontros carnavais planejados e construção psicológica de um parceiro sexual ideal. Em outras palavras, as representações de sexo que (re)criam as identidades sexuais dos sujeitos adquirem novos sentidos,

(re)modelando, concomitantemente, a construção simbólica – e, por isso, cultural e social – que temos das práticas sexuais.

A mediatização do sexo passou a ser, nos últimos anos, a realização das práticas sexuais fantasiosas mediadas pelas telas digitais, podendo haver interações eróticas à distância e criando-se uma negociação entre desejos e internet (NAYAR, 2010). O sexo mediatizado permitiu, assim, que as plataformas fossem usadas para acelerar a produção e aumentar a lucratividade dos mercados que usam o sexo e os prazeres eróticos como fonte de renda capitalista. Não é por acaso que o consumo de pornografia na internet tem aumentado nacionalmente durante a pandemia (PORNHUB, 2020).

Em última instância, há também os usuários que constroem seus discursos pautados na negociação dos encontros físicos, relativizando a importância do isolamento e criando condições para sair com alguém face a face:

Abriria uma exceção, sim. Várias exceções. Um cara muuuito gostoso. [...]. Eu gosto de homens mais masculinizados. Barba. Voz grossa. Que me dá tesão. Eu ando com álcool em gel. Faria algumas perguntas para o cara e, se valesse a pena, eu ficaria com ele sim. [...]. Eu gosto do tipo de homem que eu sou. Não sou afeminado, inclusive não sou assumido. (Usuário Nelson)

Estou aberto a possibilidades se eu me sentir muito atraído pela pessoa. [...]. Fisicamente eu gosto de homens de barba e mais velhos. Interiormente, que goste de conversar. [...] Depende da química com a pessoa. [...] Provavelmente seria aqui em casa, tomaríamos um banho e não ficar encostando na pessoa mais do que o necessário. (Usuário Nísio)

Em ambos os discursos, percebemos que os usuários quebrariam o isolamento social apenas sob negociações e condições tanto de saúde quanto de requisitos físicos. Nelson diz que “anda com álcool em gel”; logo, uma de suas condições está relacionada em “tentar evitar” adquirir o novo vírus da covid-19. Já Nísio, reve-

la algumas ações imprescindíveis para os devidos cuidados: “seria aqui em casa, tomaríamos um banho e não ficar encostando na pessoa mais do que o necessário”.

Destacamos os requisitos corporais que eles descrevem, cuja representação está associada à figura do homem de performances e padrões de masculinidade hegemônica: “Eu gosto de homens mais masculinizados. Barba. Voz grossa” e “Gosto de homens de barba e mais velhos”. O usuário Nelson ainda enfatiza que não é afeminado e gosta de homens que também não o são, assim como ele, além de afirmar não ser declaradamente homossexual. A preferência pela figura do homem com barba é uma forma de desaproximar a identidade masculina homossexual da aparência feminina, já que, segundo, Alencar (2017), “parecer homem” seria privilégio entre os homossexuais. Isso ocorre, pois, na maior parte das sociedades modernas ocidentais, sendo estabelecida e normatizada a supremacia corporal masculina e o estigma pelos corpos não masculinizados (LAQUEUR, 2001).

Além disso, percebemos, no discurso de Nelson, uma rejeição à efeminação, isso porque os homens que têm suas performances identitárias (roupas, voz, cabelo, etc.) aproximadas à representação do feminino são, normalmente, os que mais sofrem rejeição entre os usuários do aplicativo (MELO, 2020). A efeminação masculina, segundo Alencar (2017), está diretamente associada, cultural e socialmente, à homossexualidade, isto é, aquele que não se comporta como “macho viril” e foge aos padrões masculinistas, supostamente estaria fadado à categoria identitária gay. A barba, nesse sentido, surge como um signo dessa representação identitária, citado por Nísio.

Coadunando com dados da pesquisa da agência Mutato (2020), de que a busca por maior estreitamento emocional e afinidade romântica aumentou na quarentena em decorrência do sentimento de solidão, encontramos entre os discursos negociantes aqueles que expressam a possibilidade de romper o isolamento caso um parceiro amoroso fosse encontrado:

[Abriria uma exceção para] um cara inteligente, higiênico, que tenha sonhos, que dê e saiba receber carinho... alguém para estar junto. Se a pessoa não tem sintomas por 2 semanas e eu tb não, aí é seguro. (Usuário Natan)

Eu quero alguém fixo para transar, fazer companhia, conversar, ver filme junto e etc. [Eu aceitaria me encontrar com alguém] bonito, legal, me faria rir, seria safado na medida certa, mas também carinhoso. Ele viria aqui. Eu ia dar álcool em gel pra ele. Daí para evitar problemas poderíamos tomar banho juntos e depois transar. (Usuário Natanael)

O suporte social é um fator importante para a manutenção de saúde mental e física durante o distanciamento social, período que é ainda mais sensível para grupos de pessoas que estão mais suscetíveis a sofrer com solidão, depressão e ansiedade, como a comunidade LGBTQIA+³ (BRENNAN et al, 2020). Desse modo, um parceiro fixo “para estar junto” e uma relação afetivo-amorosa monogâmica aparecem em certos discursos como possibilidades de certo alento em tempos de isolamento e, ainda assim, algumas garantias de proteção contra o coronavírus, já que se estaria em uma união supostamente exclusiva.

Assim como na pesquisa de Sousa *et al* (2020), percebemos que alguns discursos negociantes sinalizam alguns cuidados que seriam tomados para prevenção contra a covid-19 caso um encontro face a face ocorresse. Enquanto Natanael fala do ato de banhar-se conjuntamente e do uso de álcool em gel, Natan defende que é importante que as partes envolvidas, por segurança, não tenham tido sintomas nas últimas duas semanas, tempo de reclusão recomendável para quem está com sintomas de covid-19 evitar a propagação do vírus. Outros usuários expressam que, ao se interessarem por alguém, lançam mão de uma série de perguntas para averiguarem se a pessoa está adotando medidas de segurança, como: “Lava as mãos com frequência?”, “Tem álcool gel em casa?”, “Usa máscara

³ Sigla de grupo formado por pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais, assexuais e outras que compõem minorias sexuais, de sexualidade e/ou de gênero.

na rua e/ou no trabalho?”. Tais discursos evidenciam como a busca por parceiros em tempos de pandemia passou a contar com novos critérios de seleção, relacionados à higiene e à saúde, assim como pelo estabelecimento de novas indagações durante as conversas. Essas mudanças, em nível de linguagem, mostram como novos significados emergem durante e por causa da pandemia, construindo novos sentidos para e sobre os sujeitos (HALL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das tecnologias digitais permitiu aos sujeitos novas possibilidades de sociabilidade, estimulando que as plataformas online estejam imbricadas nos modos de se relacionar, sejam eles afetivos e/ou sexuais. Nessa perspectiva, aplicativos como o Grindr passaram a integrar a dinâmica da contemporaneidade e (re)configurar contatos humanos. Desse modo, não podemos perder de vista que as plataformas não são intermediárias neutras no processo comunicacional, já que fazem parte de um sistema mercadológico composto por inúmeros atores e interesses (HELMOND, 2015).

O público final de plataformas como o Grindr adentra as ambiências digitais e constrói práticas relacionais, de modo que suas identidades – discursivamente formadas – vão sendo manipuladas, negociadas, silenciadas e/ou fragmentadas midiaticamente (SILVA, 2000). Assim, percebemos que os discursos construídos pelo e no aplicativo Grindr em tempos de pandemia mostram-se pautados nas negociações linguísticas que se refletem nas negociações identitárias, visto que as identidades são materializadas nos e através dos discursos (HALL, 2006).

A partir do objetivo de compreender quais discursos foram manifestos pela e na plataforma Grindr em tempos de covid-19, buscamos analisar a forma como a própria plataforma e seus usuários lidam com o isolamento social e quais foram as possíveis mudanças que a covid-19 provocou nos usos midiáticos e nas relações

afetivo-sexuais. Cartograficamente, levamos em conta que o objeto de estudo não estava previsto, tampouco era um dado apriorístico que antecede a pesquisa; contrariamente, ele emergiu durante o fazer científico. Como expressa Rosa (2017, p. 45), “na cartografia a pesquisa se (re)faz em campo”. Dessa forma, compreendemos que as falas dos usuários do Grindr, aqui disponibilizadas, não revelam uma realidade objetiva, que se encontrava oculta, mas sim emergem como um mundo social possível (OSTRUCAL, 2020). Nossos próprios afetos e presença em campo, enquanto pesquisadores, também atravessaram a cartografia social que apresentamos (KASTRUP; PASSOS, 2013).

A análise dos discursos do aplicativo Grindr nos mostra que a plataforma objetiva ideologicamente apresentar aos seus usuários uma imagem de preocupação com a saúde dos seus “consumidores”, como as frases “Sua saúde vem em primeiro lugar” e “Fique em casa, fique conectado”. Tal dimensão ética intersecciona-se à mercadológica, uma vez que as práticas discursivas do Grindr não são neutras e visam à permanência online de sua audiência, já que é isso que preserva a sua receita enquanto empresa. Desse modo, os discursos da plataforma estão imbricados em práticas liberais de mercado, as quais buscam se adaptar à lógica capitalista de produção.

No plano comum que visamos estabelecer com os usuários, notamos que os discursos analisados com relação à aceitação de encontros face a face estão marcados por negociações e criações de condições, como o “grau de masculinidade” que usuário com quem se conversa possui. Além disso, percebemos um maior estreitamento emocional e afinidade romântica entre alguns usuários do Grindr, isso porque a pandemia aumentou o número de flerte virtual, a troca de mensagens por meio de aplicativos, o consumo de conteúdos sexuais pela internet e também o sentimento de solidão, ansiedade e tédio entre os usuários, o que coaduna com os dados revelados pela pesquisa da Mutato (2020).

Apresentaram-se também enunciações que bipolarizam o aceite para a quebra do isolamento social. Por um lado, há aqueles

sujeitos que se recusam a ficar reclusos e preferem não cumprir as medidas de segurança, mantendo encontros com outros usuários. Vale lembrar que essas enunciações, normalmente, são marcadas por certa noção de que encontros devem ocorrer longe do olhar público (MISKOLCI, 2017), de forma subterrânea (PERLONGHER, 2008). Por outro lado, há sujeitos adeptos ao isolamento, os quais preferem a abstinência afetivo-sexual para não colocar sua saúde e de outras pessoas em risco, fazendo com que seus discursos convirjam com as enunciações mercadológicas do Grindr.

O que aqui propomos não tem pretensão de ser conclusivo e taxativo, já que o método cartográfico mostra apenas uma possível realidade, recorte social atravessado pela experiência dos pesquisadores, de seus interlocutores de pesquisa e pelas insurgências que se manifestam durante o fazer científico (OSTRUC, 2020). Nesse sentido, notamos que, entre negociações, medos, cuidados, perigos, desejos, tensões e tesões em tempos de pandemia, os relacionamentos afetivo-sexuais na ambiência digital vão encontrando caminhos, muitas vezes estreitos e clandestinos, nos percursos das identidades.

REFERÊNCIAS

ALBURY, K. et al. Data cultures of mobile dating and hook-up apps: emerging issues for critical social science research. **Big Data & Society**, 2017, p. 1-11.

ALENCAR, V. L. de O. **Aplicativos de encontros gays**: traços identitários de seus usuários em Belo Horizonte. 130 páginas. Ano: 2017. Dissertação de Mestrado – Belo Horizonte/UFMG.

BBC. App de relacionamento gay Grindr compartilhou status de HIV de usuários com outras empresas. **G1**, 2018. Disponível em: [https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/app-de-relacionamento-gay-grindr-compartilhou-status-de-hiv-de-usuarios-](https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/app-de-relacionamento-gay-grindr-compartilhou-status-de-hiv-de-usuarios-com-outras-empresas.shtml)

[-com-outras-empresas.shtml](#). Acesso em 08 ago. 2020.

BECKER, H. **Outsiders**: Estudos de Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, P.; LUKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONFANTE, G. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação**: performances íntimo-espetaculares de si. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2016.

BRENNAN, D. J. *et al.* How Might Social Distancing Impact Gay, Bisexual, Queer, Trans and Two-Spirit Men in Canada?. **AIDS Behav**, 2020.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONNELL, R. **Masculinidades**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Unb, 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

GILLESPIE, T. The platform metaphor, revisited. **Culture Digitally**. Disponível em: <http://culturedigitally.org/2017/08/platform-metaphor/>. Publicado em ago. 2017. Acesso em: 08 ago. 2020.

HALL, S. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELMOND, A. The platformization of the Web: Making Web data platform ready. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2015.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal Revista Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 2013.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEDEIROS, E. **Textos verbo-visuais de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens**: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo Grindr. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MELO, T. B de. **Discreto, sigiloso, não afeminado**: representações identitárias e heteronormatividade no aplicativo de relacionamentos Grindr. *Revista COnline*, Juiz de Fora, v. 15, n. 31, p. 156-179, 2020.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. 2017. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MUTATO. Amor na pandemia. **Mutato**. 2020. Disponível em: <http://www.muta.to/amor-na-pandemia>. Acesso em: 08 ago. 2020.

NAYAR, P. K. **An Introduction to New Media and Cybercultures**. Chicester: Wiley-Blackwell, 2010.

NIEBORG, D.; POELL, T. The platformization of cultural production: theorizing the contingent cultural commodity. **New Media & Society**, p. 1461444818769694, 2018.

OSTRUCÁ, D. H. **Tutoriais de (des)montação**: uma cartografia de corpos eletrônicos drag na plataforma do Youtube. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade

de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAREDES, R. Brechas de segurança colocam dados de usuários do Grindr em risco. **Tecmundo**, 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/seguranca/128836-brechas-seguranca-colocam-dados-usuarios-grindr-risco.htm>. Acesso em: 08 ago. 2020.

PASSOS, E.; BARROS, B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In PASSOS, E.; KASTRUP, V. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p. 13-31, 2009.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PORNHUB. Coronavirus Update – June 18. **Pornhub**. 2020. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/coronavirus-update-june-18#interactive>. Acesso em: 08 ago. 2020.

PRADO FILHO, K.; TETI, M.M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, 2013.

ROSA, F. M. **Não existe amor em app?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUSA, A. *et al.* Casual sex among MSM during the period of social isolation in the COVID-19 pandemic: Nationwide study in Brazil and Portugal. **medRxiv**, 2020, p. 1-20.

ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Cartografias do cuidado em campanhas de prevenção ao coronavírus

André Aparecido Medeiros ¹

RESUMO

A partir do novo coronavírus e da Covid-19, este estudo aborda as cartografias subjetivas e o papel do cuidado na vida humana. Seu objetivo é observar as estratégias de comunicação, em relação ao cuidado e às cartografias subjetivas, aqui apresentadas como cartografias do cuidado, em sua dimensão de prevenção ao coronavírus. Percorre-se um vídeo brasileiro e um vídeo espanhol, pertencentes a campanhas de prevenção relacionadas ao coronavírus / Covid-19, são eles: *Utilidade Pública – Fique em casa*, do Governo do Estado de São Paulo; 🇧🇷 *Temos que ser muito generosos e cuidar de todos* (🇪🇸 *Tenemos que ser muy generosos y cuidar de todos*), do Governo da Comunidade de Madri. Os vídeos são analisados em texto e contexto, com referências relacionadas ao período. Entrementes, recorre-se a alguns autores para um aprofundamento na discussão dos conceitos, em sua relação com a existência humana e a responsabilidade social.

Palavras-chave: Cartografias; Cuidado; Comunicação e saúde; Saúde coletiva; Coronavírus.

¹ Mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp, Bauru) e em Estudos Internacionais de Paz, Conflitos e Desenvolvimento, Cátedra Unesco de Filosofia para a Paz, Universitat Jaume I (UJI, Castellón, Espanha) – em andamento. Bacharelado em Cinema e Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar, Curitiba) e em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, Maringá).

DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Buscando um olhar da cartografia envolvendo campanhas relacionadas ao coronavírus, esta pesquisa abrange a análise de um vídeo do Brasil e de um vídeo da Espanha, países na lista de destaque dos impactos da pandemia, com territórios que são palcos de mudanças cartográficas com o isolamento devido à pandemia da Covid-19. Conforme atualização da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil se encontra como terceiro país em número de casos confirmados, ocupando a segunda posição no que diz respeito aos óbitos (WHO, 12 de setembro de 2020). Por sua vez, a Espanha ocupa, na data, a nona posição, em ambos os critérios, tendo sido um dos primeiros países severamente atingidos pela pandemia, havendo recebido atenção internacional, com um elevado número de casos e de mortes, já no mês de março (WHO, 12 de setembro de 2020).

No interior do Brasil e da Espanha, a escolha da Comunidade de Madri e do Estado de São Paulo se deve ao contingente de casos nesses territórios. Com dados de até 11 de setembro de 2020, São Paulo é o estado com maior número de casos diagnosticados e de óbitos acumulados de Covid-19, no país (BRASIL, 2020). Madri, embora não seja a comunidade autônoma mais populosa da Espanha, é a que possui o maior número de casos acumulados de coronavírus (ESPAÑA, 9 de setembro de 2020) e de mortos pela Covid-19 (ESPAÑA, 11 de setembro de 2020).

Dentre todo o conteúdo produzido pelos governos, opta-se pela análise de duas peças publicitárias: *Utilidade Pública – Fique em casa*, do Governo do Estado de São Paulo, canal oficial, no Youtube; 🇪🇸 *Tenemos que ser muy generosos y cuidar de todos*, presente em *Comunidad de Madrid*, canal oficial do governo da referida comunidade, no Youtube. Os vídeos expõem imagens das capitais locais: São Paulo e Madri. Além da relação temática com a pandemia do novo coronavírus, a escolha de tais vídeos se deve

ao fato de estarem destacados, pelos administradores dos perfis, na aba *Início* dos canais.

A metodologia para a análise é adaptada a partir da análise de texto e contexto, presente em Medeiros (2018) em seu encontro com pistas da cartografia, desde o conceito apresentado por Deleuze e Guattari (1995), também desenvolvido por outros autores. Procura-se observar características dos vídeos, refletindo que, quem, como, onde, quando e por que, com destaque para a visão transmitida relacionada com cartografias subjetivas ou sociais, aqui compreendidas como cartografias do cuidado, em sua dimensão de prevenção ao coronavírus e preservação da vida. Entende-se, assim, que tais vídeos abrangem uma oportunidade para observar as mudanças na cartografia subjetiva de São Paulo e Madri, como exemplos de paisagens ao redor do mundo.

CARTOGRAFIAS SUBJETIVAS

De modo diferente ao da abordagem tradicional, que, grosso modo, remete a mapas, medidas e índices, o conceito de cartografia aqui utilizado foi introduzido por Deleuze e Guattari (1995), em meio à escrita a dois de um livro, com um plano de composição particular e uma prática discutida, começando pela *Introdução: Rizoma*: “Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (p. 11-12). Possui um sentido de “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015, p. 10).

Suely Rolnik é outro importante nome para a cartografia e, junto a Guattari, propôs a ideia de pistas, em vez de regras para serem aplicadas. Considerando esse fato, Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p. 13) declaram: “As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de

abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa”.

Partindo da pandemia e da análise dos vídeos, neste estudo, a reflexão se volta especificamente para o distanciamento social em sua dimensão de cuidado, com a cartografia subsequente. A cartografia social permite uma série de reflexões, pois, como descrevem Prado Filho e Teti (2013, p.45), seus traços abrangem “relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdade, enunciações, jogos de objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo, práticas de resistência e liberdade”. A produção da subjetividade, por sua vez, possui movimento, transformação e processualidade de modo que é possível encontrar na cartografia, a partir de Deleuze e Guattari, um caminho que ajuda no estudo da subjetividade, não sendo um método pronto, mas possuindo as pistas que podem ajudar a construir a cartografia caso a caso (Kastrup; Barros, 2015).

Em conexão com a proposta de Foucault e Deleuze, Prado Filho e Teti (2013, p. 45) argumentam que “a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos.” Os espaços transformados pelo confinamento, em suas semelhanças e diferenças ao redor do globo, evidenciam a constatação de espaço em rede, discutido pelos autores como sendo espaços heterogêneos, formados e atravessados por relações, comunicantes e carregados de qualidades e intensidades.

As intensidades propiciadas a partir da quarentena envolvem sensações e emoções individuais e compartilhadas, expostas também nas campanhas destacadas, refletindo em novos sentidos, novas paisagens e universos, que possuem características próprias. Para Rolnik (2011, p. 23), a cartografia, no caso das paisagens psicossociais, “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obso-

letos.” Inevitavelmente, esses fatores remetem à passagem de outros modos de vida para as vivências da quarentena, seguidas por uma dita nova normalidade e suas possibilidades. A cartografia vai se fazendo, desse modo, enquanto certos afetos são visitados e um território vai se compondo para eles (Rolnik, 2011, p. 26).

O tecido social, regido pelas regras estabelecidas para o confinamento, evidenciam espaços constituídos por relações disciplinares, formalistas, normalizadoras e de controle. Provenientes de instituições como o governo, essas relações são explicadas por Prado Filho e Teti (2013, p. 54) como parte dos aparelhos de produção. Por outro lado, esses cenários também são povoados por espaços de fuga e resistência, explicados pelos autores como movimentos sociais, algumas ONGs, festas e eventos, transmitidos na realidade social e nos vídeos pelos danos à interação social relacionados com o confinamento (interrupções e transformações) e as consequências do não-isolamento (aumento dos índices de contágio e de vítimas), de modo que passam a surgir estratégias de encontros adaptadas.

Dentre os novos planos, estão incluídos as reuniões virtuais, como a possibilidade de um espaço outro, que se encontra com os comentários de Prado Filho e Teti (2013, p. 55) sobre o estranhamento das nossas espacializações cotidianas: “além de possibilitar a criação de espaços outros, de fuga e resistência a essa geopolítica dos espaços. Essa postura implica desterritorialização de espaços fixos, demarcados, de reprodução, envolvendo reterritorialização e abertura para o novo e a diferença.” Os governos e outros atores também fazem uso dos terrenos oferecidos por esses outros espaços e, por meio da mídia, comunicam. As mensagens veiculadas podem atuar ampliando ou reforçando o (re)conhecimento da realidade e dos riscos, e motivando a sensibilidade para com o próximo, com a promoção de medidas de proteção.

Assim como para as lideranças, com a expansão dos contágios do coronavírus, em meio às vulnerabilidades e às necessidades humanas, novos desafios são trazidos à ciência. Barros e Kastrup

(2015, p. 55-56) reconhecem “que há uma inventividade dispersa, contínua e incessante de toda prática científica”, um caráter inventivo que “coloca a ciência em constante movimento de transformação”, de modo que novos problemas exigem práticas originais de investigação. A cartografia também é transformada nesse processo. Segundo os autores, com práticas desenvolvidas pela cartografia é possível acompanhar processos inventivos e de produção de subjetividades e buscar expressão. “Podemos dizer que assim a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos.” (Barros; Kastrup, 2015, p. 73).

É esse um desafio colocado pela cartografia ao conduzir heterotopias, concordando com Prado Filho e Teti (2013, p. 57): novos mundos, paisagens e relações, novas formas de existência, de subjetividade e de exercício da liberdade como prática concreta e linha de fuga, novas estéticas da existência, levando à singularização e à produção de si. Nesse sentido, assim como os cenários da pandemia se transformam, as cartografias também se alteram. “A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” e o cartógrafo, por sua vez, “imerso no plano das intensidades, lançado ao aprendizado dos afetos, se abre ao movimento de um território” (Barros; Kastrup, 2015, p. 73-74). Relacionado a isso está a pista discutida por Alvarez e Passos (2015): cartografar é habitar um território existencial.

O território constitui “como um *ethos*, que é ao mesmo tempo morada e estilo”, sendo que este “*ethos* ou território existencial está em constante processo de produção” (Alvarez; Passos, 2015, p. 133, grifos dos autores). Ambos se questionam sobre a metodologia para conhecer ou pesquisar um território, entendendo que a pesquisa cartográfica se trata de acompanhar processos. Parafraseando os autores, é possível notar que a experiência da pandemia vivida para além dos vídeos é útil à cartografia aqui abordada. Entender as experiências conduzidas pela pandemia é constituir-se no território existencial das campanhas.

Neste caso, este estudo analisa um território que é audiovisual, recorrendo aos fenômenos que ultrapassam as peças, repercutindo na cartografia mundial, refletidas a partir de Madri e São Paulo. Rotinas foram interrompidas ou adaptadas, propiciando cartografias transformadas na busca pela sobrevivência e nas ações de cuidado.

FICAR EM CASA É UM ATO DE AMOR

O vídeo denominado *Utilidade Pública – Fique em casa* (GOVERNO, 2020a), possui 30 segundos e está hospedado no Youtube, na página do Governo do Estado de São Paulo, desde o dia 13 de abril de 2020. Possui trilha musical instrumental, é narrado em português e acompanhado de tradução para a língua brasileira de sinais (Libras), com a presença de intérprete no canto inferior direito da tela. Para a busca de mais informações, está acompanhado: no espaço da descrição, de link para a página <www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus>, do Governo do Estado de São Paulo; no chamado painel de informação sobre o contexto do assunto², de link para a página <<https://coronavirus.saude.gov.br/>>, do Ministério da Saúde.

Faz parte da campanha *Um Ato de Amor*, do Governo do Estado de São Paulo e foi destinado à exibição “nas emissoras de TV de São Paulo, rádio, internet e redes sociais”, de 13 a 22 de abril (GOVERNO, 2020b).

O texto narrado, transcrito em Governo (2020b), é o seguinte:

- Na luta contra o coronavírus, ficar em casa é um ato de amor.
- Amor à sua família.
- Amor aos seus amigos.

² Segundo a Ajuda do Youtube <<https://is.gd/m2k4kQ>>, trata-se de painel, presente em alguns países, que fornece link para um site de terceiros. Destina-se aos espectadores que queiram saber mais sobre o tema e ao combate de informações falsas relacionados a certos assuntos históricos e científicos. É aplicado no vídeo em questão como uma resposta à COVID-19.

- Amor a quem você nem conhece.
- Amor à vida.
- É por amor que pedimos: fique em casa.
- Assim, a gente evita o pior.
- Assim, em breve, tudo vai passar.
- #FiqueEmCasa

O vídeo tem início com imagens urbanas de São Paulo, capital, abrangendo uma vista aérea de prédios e de ruas vazias. Em seguida, a partir da exibição de um abraço entre uma criança e uma pessoa adulta, são exibidas uma série de imagens de pessoas sorrindo em ambientes domésticos. Há pessoas de distintos perfis, sozinhas e acompanhadas. Em um próximo momento, a montagem ganha um aceleração e novas imagens de distintas pessoas são intercaladas com a exibição de novas vistas aéreas de São Paulo, em uma das quais é possível identificar um ciclista, em uma travessia solitária por uma rua. Por fim, é exibida uma vista aérea do Edifício Altino Arantes, com a bandeira do Estado de São Paulo hasteada, sendo suavemente balançada pelo vento. A narração continua com: “Governo de São Paulo – Estado de respeito”. É exibido o logotipo da gestão, incluindo o slogan “Estado de Respeito”, e, assim, o vídeo se encerra.

De modo geral, a cartografia representada, ainda que povoada pela intervenção urbana, em seus vazios humanos e sonoros não parece pertencer a uma megalópole. Pessoas, veículos e certos sons não estão presentes em uma paisagem que tradicionalmente ocupam. A total ausência de pessoas nos espaços públicos, quebrada somente pela individualidade de um(a) ciclista que cruza um cenário aparentemente despovoado e pelo discreto movimento anterior do que parece ser um ônibus, contrasta com as imponentes edificações verticais e com as linhas de vias que não mais conduzem. Essa característica potencializa a representação do impacto da medida de isolamento sobre uma nova cartografia construída pela população. Nesta cartografia, os edifícios são vistos como ter-

ritórios que abrigam vidas que buscam proteção e praticam o amor, fato percebido com a narração e visível quando o vídeo transita para a dimensão doméstica, transmitindo novas imagens das cartografias do isolamento. Interações familiares ou sorrisos individuais, sempre limitados ao próprio lar, são compartilhados com a câmera.

Reforçando a mensagem presente no título e buscando a mobilização do público, o vídeo apresenta a *hashtag* #FiqueEmCasa. Trata-se de uma frase de apoio à quarentena, que já era rotineiramente difundida nas mídias sociais, no período.

Diante do coronavírus, a mensagem da peça vincula o pedido e a decisão de ficar em casa com um ato de amor, em distintas faces. Em seguida, a narrativa relaciona esse amor a uma atitude de precaução (“Assim, a gente evita o pior”) e a uma medida necessária para superar a fase de dificuldade (“Assim, em breve, tudo vai passar”). Cuidado e amor, “sentimentos, ações e valores tão controversos, quanto variados”, são facilmente relacionados (MEDEIROS; CAMARGO, 2017, p. 59). Tal relação pode ser observada na abordagem da preservação, contida no texto audiovisual. É transmitida a mensagem de que as pessoas precisam da cooperação umas das outras.

Boff (1999) reconhece o amor como o mais alto valor da vida, tendo ele permitido a sociabilidade, a cooperação, a abertura ao outro, sendo, com isso, causa da existência em sociedade. A sociedade moderna neoliberal, como explica o autor, pautada mais na competição do que na partilha, se mostra excludente, gera vítimas, é inumana e prejudica o futuro da Terra. Distinto a isso, o amor é força de agregação e de solidariedade, conservado e expandido pelo cuidado essencial, que religa a humanidade ao mundo, afetivamente, tornando-a responsável por ele (BOFF, 1999).

Conforme discutido anteriormente sobre a passagem de modos de vida rotineiros para novas vivências, são representadas cartografias que refletem uma localidade transformada a partir da necessidade do cuidado, especialmente vinculada à quarentena. A mensagem de amor, no vídeo, possibilita a lembrança de que a hu-

manidade abrange pessoas responsáveis umas pelas outras e que, assim, podem exercer o cuidado mútuo, fator que, por sua vez, pode transformar a cartografia subjetiva de outras cidades, assim como as de São Paulo.

CUIDAR DE TODOS É UM ATO DE GENEROSIDADE

Ao vislumbrar uma possibilidade de retorno a um cenário do passado, indivíduos que habitam a cartografia de uma nova normalidade acordada socialmente ultrapassam os limites permitidos pelas condutas seguras. Isso repercute na realidade social.

Após uma redução inicial, e, por vezes, um relevante período de estabilidade, os casos de coronavírus apresentaram um novo aumento, em distintos lugares do mundo. Associa-se o comportamento dos jovens com o novo crescimento significativo dos casos de coronavírus na Espanha, já sendo, por vezes, considerada uma segunda onda. Relaciona-se tal elevação aos jovens que não apresentam sintomas, evidenciando-se que a transmissão assintomática³ e pré-sintomática⁴ é bastante comum e que aqueles que se sentem seguros e saudáveis podem desempenhar um papel preponderante na propagação do vírus (DW, 2020). Nesse momento, além de serem os jovens os principais responsáveis pela elevação no índice de casos em muitos municípios espanhóis, são também os mais afetados pelos contágios, registrando o maior número de casos de Covid-19 no país (MÉNDEZ, 2020).

Apesar de a situação ainda ser de risco e de alarme, ocorre a crença de que o pior da pandemia já passou e o consequente descuido relacionado, levando os jovens a ignorarem o distanciamento social (BRITO; WILSON, 2020). Observa-se que muitos jovens se sentem imunes e são inconsequentes, se aglomeram em festas,

³ Assintomática é a pessoa que porta o vírus, não apresenta sintomas e nunca apresentará.

⁴ Pré-sintomática é a pessoa infectada que ainda não apresenta sintomas, mas apresentará.

ruas e praias, não guardam a distância de segurança e dispensam a máscara, fator grave, pois além da possibilidade de levarem a infecção a outras pessoas, correm o risco de sofrerem com a doença (MÉNDEZ, 2020). Esse mesmo problema ocorre em outros países europeus, de modo que a OMS pediu aos governos que melhorem suas estratégias de comunicação para que as mensagens sobre a pandemia cheguem aos jovens (MÉNDEZ, 2020).

O vídeo selecionado – 🤔 Temos que ser muito generosos e cuidar de todos (😊 *Tenemos que ser muy generosos y cuidar de todos*, COMUNIDAD, 2020a) – surge em meio a esse contexto de necessidade de fornecer (ou reforçar) informação e conscientização. Postado em 10 de agosto de 2020, trata-se do terceiro vídeo da campanha *Proteja-se, proteja-nos* (*Protégete, protégenos*) do Governo da Comunidade de Madri.

A campanha possui o intuito de sensibilizar os madrilenhos, sobretudo os jovens, sobre a importância do uso da máscara, que se soma a outras obrigações e recomendações de proteção para a prevenção do COVID-19 e a preservação da vida (COMUNIDAD, 2020b). Para promover a conscientização, junto a outras iniciativas de formação e prevenção de contágios por coronavírus, o governo optou por uma campanha de alto impacto visual, tendo sido realizada por uma agência madrilenha (COMUNIDAD, 2020b).

A peça possui 1 minuto e 46 segundos e se baseia em falas abertas a partir de entrevista. Possui a logo do governo no canto superior direito. Foi produzida em língua espanhola (castelhana), com legenda no idioma original e é acompanhado por canção instrumental, apresentando a redução do volume durante as falas. Inicia-se com o toque de um piano, enquanto os seis jovens que falarão à câmera caminham pela praça Porta do Sol (Puerta del Sol), em Madri. Usam máscaras de proteção, estão distantes uns dos outros, mas constituem uma unidade.

Em outros momentos, enquanto ocorrem as entrevistas, é exibida, novamente, a Porta do Sol, assim como outros cenários nos quais os jovens são vistos. Distinguem-se a Praça Maior (Plaza

Mayor) e a Rua Preciados (Calle Preciados). Nota-se que os entrevistados são postos em ambientes da capital de modo a gerar uma identificação territorial com o público. Diferentemente das paisagens da peça anterior, os cenários deste vídeo não estão desertos, possuindo um número reduzido de pessoas. São cartografias da chamada nova normalidade. A ênfase não se limita ao confinamento e abrange adaptações para novas possíveis dinâmicas sociais.

Os participantes são entrevistados sem máscara e individualmente, em ambientes urbanos distintos (tanto no que diz respeito a mudança de cenários, como no que se refere às diferenças visuais quanto aos fluxos humanos, atribuídas aos espaços, em si). As entrevistas são apresentadas de maneira intercalada. Na primeira fala de cada um, são inseridos o respectivo nome e a ocupação. Possuem falas curtas, proporcionando um dinamismo, obedecendo a uma ordem temática. O entrevistador não é revelado.

Primeiramente, são abordadas as atitudes de muitos jovens diante da pandemia, como os exageros e o interesse em confraternizar, ignorando as medidas de segurança e sem medir as consequências. Em seguida, cada qual expõe como se sentiria se, por sua culpa, alguém de sua família se contaminasse. De modo geral, demonstram que se sentiriam abalados e irresponsáveis, mencionam que o sentimento de culpa os acompanharia no decorrer da vida. Um deles responde que seria um choque, mas prefere não pensar no assunto. Uma delas chora. A partir daí, reconhecendo se tratar de uma questão muito séria, falam sobre a importância da tomada de consciência e de todos respeitarem as normas, pois independentemente da idade, ninguém está livre de se contaminar ou de contaminar uma outra pessoa.

Em meio às entrevistas, recorrendo a cartografias de perigo como estratégias de exemplificação, o vídeo insere cenas de encontros entre outros jovens. Em um primeiro momento, estes são vistos em ambientes fechados ou abertos, sempre sorrindo, seja brindando, bebendo ou se abraçando, sem máscaras de proteção. Em um seguinte momento, as imagens inseridas são as dos entrevistados,

com máscara, se encontrando em duplas. Eles se cumprimentam com os cotovelos, os quadris ou os pés, de maneira divertida. São novamente vistos caminhando juntos pela praça, a uma certa distância, interagindo por meio de pequenos gestos, olhares e algumas palavras, sendo esta a principal representação visual da adaptação à nova normalidade, na qual representantes do público alvo demonstram sua contribuição para a manutenção da cartografia do cuidado, ainda que de maneira distinta daquela do vídeo anterior.

São mostradas imagens individuais dos mesmos jovens em outras situações. São vistos higienizando as mãos, colocando as máscaras e olhando para a câmera. Segundos antes do fim, uma das jovens aponta o dedo indicador para a câmera, em sinal de convite a quem esteja assistindo, reforçando o gesto previamente executado por sua colega. Depois disso, uma entrevistada diz a frase final, que também dá título ao vídeo: “Creio que temos que ser muito generosos e cuidar de todos⁵”. Em uma transição para o branco, surge o nome da campanha na tela, *Protégete, protégenos*, e o vídeo se encerra com a logo do governo regional, incluindo o nome e a narração “Comunidad de Madrid”.

O título da campanha (Proteja-se, proteja-nos) traz a relação entre a proteção individual e coletiva, abrangendo duas preocupações e necessidades existentes: a autoproteção e a proteção ao próximo. Deixa em evidência que não é suficiente a preocupação exclusivamente individual, havendo a possibilidade de se comunicar com os que não temem pela saúde de si mesmos. O título do vídeo (👤 *Creio que temos que ser muito generosos e cuidar de todos*), por sua vez, funciona como uma conclusão à reflexão dos entrevistados/atores. Apresenta um *emoji* com máscara de modo a dialogar com a linguagem da Internet e a contextualizar o tema.

Partindo do comportamento das pessoas representadas, é possível recorrer a uma citação de Alvarez e Passos (2015, p. 134): “as condutas são efeitos dos signos expressivo característicos de dado território. O motivo ou as forças de expressão não são mais

explicados pelos personagens e pela cena de suas ações, mas, ao contrário, são esses que surgem através dos motivos e expressões.” Essa perspectiva reforça a afirmação do constante processo de produção do território existencial, abordadas por Alvarez e Passos, que recorrem à compreensão essencial de Deleuze e Guattari, do território como lugar de passagem. Assim como as pessoas representadas nos vídeos, o público para o qual eles são dirigidos também atravessa espaços que sentem as dimensões da pandemia, quiçá os mesmos espaços, em alguns casos.

CARTOGRAFIAS DO CUIDADO: EXISTÊNCIA HUMANA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Ao propiciar a discussão do cuidado em meio à pandemia, para além da discussão de representações nas campanhas analisadas em uma realidade hipoteticamente fixa, concordando com Escóssia e Tedesco (2015, p. 92), a cartografia, longe de limitar o olhar “visa à ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas.” De aí, uma importante característica da cartografia: um “processo de conhecimento que não se restringe a descrever ou classificar os contornos formais dos objetos do mundo, mas principalmente preocupa-se em traçar o movimento próprio que os anima, ou seja, seu processo constante de produção” (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p. 92).

Evidencia-se que, nas realidades representadas, as novas cartografias que incluem isolamento e distanciamento, passando pela quarentena e chegando à chamada nova normalidade, são motivadas a partir das necessidades do cuidado, característica fundamental para a sobrevivência humana frente à Covid-19. Por esse fator propulsor, as cartografias sociais discutidas são também cartografias do cuidado. Exemplificando a transitividade e a contextualização das cartografias, as imagens que poderiam ser convencionais interações humanas no passado, foram definidas, na análise

⁵ Creio que tenemos que ser muy generosos y cuidar de todos.

do vídeo do governo de Madri, como cartografias do perigo, por carregarem condutas de risco, em sua ausência de cuidado na esfera do convívio social.

Ao contrário de algumas visões, o cuidado não deve se limitar ao âmbito dos afetos privados e próximos, mas abarcar o global, corroborando o fato de que todos os valores estejam em todas as esferas (COMINS MINGOL, 2008). Essa empatia se faz essencial para o controle da pandemia, que traz à tona a inevitável conexão entre pessoas e territórios e sua repercussão nas estratégias de intervenção. Ultrapassando a obrigação moral de não atuar injustamente, presente na ética da justiça, a ética do cuidado nos recorda, segundo Comins Mingol, a obrigação moral de não abandonar e de não ignorar a necessidade dos demais. Além disso, deve existir prioridade para os mais desprotegidos e que não possuam as necessidades básicas atendidas (COMINS MINGOL, 2008), fator que tem sido alvo de debates no que tange às vulnerabilidades sociais evidentes ou latentes em meio à disseminação do coronavírus.

A modernidade propiciou o respaldo da dignidade da pessoa e de sua autonomia, situação que se degenerou nas sociedades contemporâneas em um excessivo individualismo, com três graves consequências, mencionadas por Escámez Sánchez e Gil Martínez (2001)⁶, que se conectam com os comportamentos de risco que as campanhas abordadas buscam combater: os direitos individuais não foram suficientes na referência aos deveres; o predomínio dos interesses voltados ao prazer; a perda do senso de pertença a uma comunidade (COMINS MINGOL, 2008). A falta de envolvimento, compromisso, motivação e senso de responsabilidade pelo que nos rodeia são, para Comins Mingol (2008), sintomas evidentes da restrição do valor do cuidado à esfera privada.

Observa-se que a valoração desigual da atenção – envolvendo o choque entre o privado e o público, o próximo e o distante, o individual e o coletivo – por vezes, leva o “outro” a ser visto como

insuficientemente merecedor de receber nosso cuidado. A partir disso, podem ser manifestados comportamentos violentos que desprezam a humanidade que habita no próximo, em suas necessidades de proteção. Jiménez Arenas (2018) explica que uma das características do comportamento violento é a coisificação do “outro”, como se não compartisse das mesmas capacidades que “nós”. Outra vez, em uma ressignificação de cartografias, em amplo modo, comportamentos de irresponsabilidade quanto à transmissão do vírus podem ser categorizados atualmente na qualidade de violentos, quando em contexto impróprio, como dispensar o uso de máscara ou oferecer um abraço.

De maneira distinta, a ética do cuidado ensina sobre a necessidade de aprender a pensar nos demais. Quando o cuidado passa a ser visto como um valor de cidadania, surge o sentimento de responsabilidade pelo que acontece ao nosso redor (COMINS MINGOL, 2008). Dessa forma, Comins Mingol (2008) reconhece como fundamental a criação de espaços para novas práticas de cuidado e cidadania responsável, onde ocorra o diálogo entre as pessoas, a preocupação com o bem-estar: próprio, dos outros e da natureza. Exemplo desses espaços em tempos de pandemia são as cartografias do cuidado discutidas.

De maneira similar, Boff (1999) explica o cuidado como sendo um importante valor humano, um modo de ser que cria a atmosfera necessária para o florescimento de um sentimento profundo que humaniza e de uma vontade de partilhar e de buscar o amor. O autor enxerga o cuidado na linha da essência humana, compreendendo o envolvimento afetivo, com implicações pessoais e humanitárias, transpassando o âmbito universal e abrangendo o planeta, ao qual chama de Mãe-Terra.

Cuidados, solidariedade, altruísmo e filantropia – como pode ser notado com Jiménez Arenas (2018) – foram fundamentais para a sobrevivência de nossos antepassados e, assim, para o sucesso evolutivo de nossa linhagem, havendo exemplos desde a pré-história. Tais comportamentos, que hoje podemos considerar

⁶ ESCÁMEZ SÁNCHEZ, Juan; GIL MARTÍNEZ, Ramón. *La educación en la responsabilidad*. Barcelona: Paidós, 2001.

pacíficos, permanecem sendo chaves para a nossa própria sobrevivência, devendo ser considerados da mesma forma que o bipedalismo ou a encefalização (JIMÉNEZ ARENAS, 2018). Comumente, considera-se que sobrevivem as espécies mais aptas, porém, como alerta o pesquisador, por vezes se ignora o papel desempenhado pelo mutualismo.

Ainda que a sociedade contemporânea não possua este imaginário e costume conceber a história a partir da *lógica dos extermínios*, muitos trabalhos apontam que a cooperação é um fator chave na evolução das espécies, incluídas as humanas, que possuem marcados exemplos pré-históricos de empatia e compaixão (JIMÉNEZ ARENAS, 2018). O cuidado é um valor fundamental para o desenvolvimento do aprendizado da vida conjunta e de uma cidadania comprometida e participativa, de modo que o princípio do cuidado deve fazer parte de qualquer ética cívica (COMINS MINGOL, 2008). Cuidado, solidariedade e responsabilidade para com os outros favorecem a criação de uma sociedade civil mais comprometida e participativa (COMINS MINGOL, 2008).

O cuidado consigo mesmo e com o próximo se converte, então, em um caminho necessário para que a sociedade possa seguir adiante, com seus distintos grupos. Do mesmo modo, o cuidado à natureza é a possibilidade de evitar outras zoonoses e pandemias. De qualquer forma, nos territórios abordados e em outros, também em constante transformação e desde diferentes perspectivas, novas cartografias irão surgir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartografias do isolamento e do distanciamento são, antes de tudo, cartografias de cuidado. Sejam promovidas ou mantidas por medidas restritivas ou por conscientização pessoal, elas são motivadas pelo cuidado, repercutem em cuidado e requerem participação coletiva. Essa necessidade é expressa nas campanhas discutidas.

Evidencia-se que o cuidado é parte integrante da vida humana na Terra, devendo ser reconhecido e trabalhado, para que floresça a consciência de sua importância nas atitudes que afetam o indivíduo e a comunidade. Reconhecendo a importância do cuidado e buscando um sentimento de empatia, valores e cartografias a ele relacionados foram utilizados nas campanhas analisadas, com o potencial de demonstrar a responsabilidade que cada um tem sobre o *próximo*, seja ele próximo ou distante.

Além de expor a fragilidade humana, a pandemia é uma possibilidade de refletir como as atitudes humanas se conectam. Em uma cartografia global, determinada ação pode afetar diferentes pontos do planeta e exercer impacto sobre uma série de vidas. Isso se relaciona à vulnerabilidade humana, demonstrando que a cooperação que garantiu a sobrevivência da espécie no passado, permanece fundamental para a conservação da vida. Os habitantes da Terra estão conectados, sendo essa mais uma razão para a necessidade de ações conjuntas de cuidado, fundamentais para a preservação da saúde individual e coletiva.

A colaboração mútua fortalece a eficácia do enfrentamento ao coronavírus e é fundamental para reduzir prejuízos e sofrimentos. Diante de sociedades tantas vezes pautadas na individualidade, é válido que as mensagens de empatia sejam utilizadas em novas situações de comunicação e educação, relacionadas ou não à pandemia, de maneira a formar valores sociais de cooperação e solidariedade. Dessa forma, a sociedade abraçará o cuidado como parte integrante do ser e estará mais apta a atuar na prevenção e promoção em saúde e na construção da paz, ampliando cartografias do cuidado, mesmo quando deixem de ser cartografias do distanciamento, adaptadas, portanto, aos diferentes momentos históricos e contextos sociais.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia** – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.131-149.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia** – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.52-75.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. COVID-19 no Brasil, Dados até 11/09/2020. **Covid-19 Casos e Óbitos**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <is.gd/WVeRrz>. Último acesso em: 13 set. 2020.

BRITO, Renata; WILSON, Joseph. Los jóvenes, los más afectados por el rebrote de coronavirus en España. **Clarín**, Buenos Aires, 3 ago. 2020. Noticias de hoy. Disponível em: <is.gd/CYa1Xk>. Último acesso em: 15 set. 2020.

COMINS MINGOL, Irene. **La ética del cuidado y la construcción de la paz**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

COMUNIDAD de Madrid. Concienciamos sobre el uso de la mascarilla para prevenir contagios por COVID-19. **comunidad.madrid**. Actualidad. Madrid, 6 ago. 2020b. Disponível em: <is.gd/Mn02dx>. Último acesso em: 13 set. 2020.

COMUNIDAD de Madrid. 🤝 **Tenemos que ser muy generosos y cuidar de todos**. [Vídeo]. Espanha, 2020a. 1:46 min. color. son. Disponível em: <is.gd/jWG1Po>. Último acesso em: 15 set. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

DW Deutsche Welle. Rebrotos de coronavirus estarían vinculados a casos de jóvenes asintomáticos. **DW**, Bonn / Berlin, 24 jul. 2020. Actualidad. Disponível em: <is.gd/NSRrJ8>. Último acesso em: 13 set. 2020.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia** – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.92-108.

ESPAÑA. Ministerio de Ciencia e Innovación; Ministerio de Sanidad. COVID-19 – Distribución geográfica. **CNE Centro Nacional de Epidemiología**. Madrid, 9 set. 2020. Disponível em: <<https://cneovid.isciii.es/covid19/>>. Último acesso em: 13 set. 2020.

ESPAÑA. Ministerio de Sanidad. Secretaría de Estado de Sanidad. Dirección General de Salud Pública. Actualización nº 205. Enfermedad por el coronavirus (COVID-19). 11.09.2020. **CCAES** Centro de Coordinación de Alertas y Emergencias Sanitarias. Madrid, 11 set. 2020. Disponível em: <cutt.ly/XfOqEHu>. Último acesso em: 15 set. 2020.

GOVERNO do Estado de São Paulo. Nova campanha destaca a necessidade de ficar em casa para combater o novo coronavírus. **Portal do Governo**, São Paulo, 13 abr. 2020b. Últimas Notícias. Disponível em: <is.gd/t4wlbx>. Último acesso em: 15 set. 2020.

GOVERNO do Estado de São Paulo. **Utilidade Pública** – Fique em casa. [Vídeo]. Brasil, 2020a. 30 seg. color. son. Disponível em: <is.gd/LpxClx>. Último acesso em: 13 set. 2020.

JIMÉNEZ ARENAS, Juan Manuel. Evolución humana y paz. Una aproximación desde la teoría y la práctica. **Vínculos de Historia**,

Ciudad Real, v. 7, n. 7, p. 15-36, 2018. Disponível em: <[is.gd/La-b0AI](https://doi.org/10.1590/1981-2317-2018-0001)>. Último acesso em: 15 set. 2019.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia** – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.76-91.

MEDEIROS, André Aparecido. **O cinema de Karim Aïnouz e a tematização social:** deslocamento, interculturalidade e transitividade migratória. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

MEDEIROS, André Aparecido; CAMARGO, Marcos Henrique. Entre o Ecocine e o curta-metragem: amor e cuidado em A casa de pequenos cubos. **Revista Dito Efeito**, Curitiba, v. 8, n. 12, p. 58-67, jan/jun. 2017.

MÉNDEZ, Luis. Jóvenes, factor clave en rebrotes de coronavirus. **El Universal**, Ciudad de México, 7 ago. 2020. Mundo. Disponível em: <[is.gd/KQq2Ld](https://doi.org/10.1590/1981-2317-2020-0001)>. Último acesso em: 14 set. 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: _____ (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia** – Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p.7-16.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-59, jan./jun. 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental** – Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

WHO World Health Organization. WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. **WHO** | World Health Organization. Geneva, 12 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Último acesso em: 12 set. 2020.

REFERÊNCIA DE APRESENTAÇÃO

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo** / Suely Rolnik. - Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011

